

VARAL DO BRASIL

Literário, sem frescuras

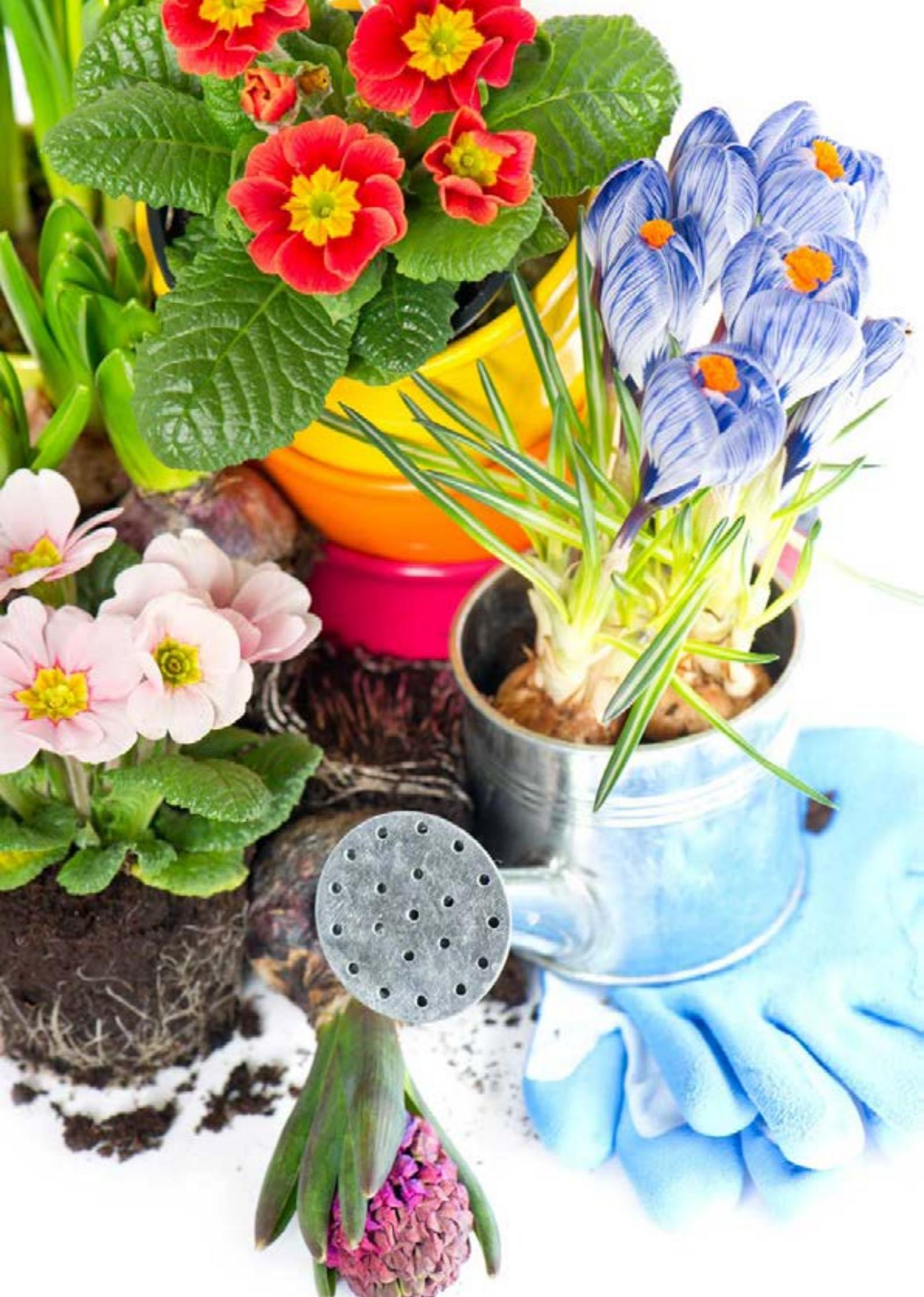
ISSN: 1664-5243



As
QUATRO
ESTAÇÕES

O CLIMA
O TEMPO
A VIDA

Genebra, maio de 2016 - Edição nº 41 - Ano 7



VARAL DO BRASIL

LITERÁRIO, SEM FRESCURAS!



ISSN: 1664-5243

Edição nº 41

Genebra, primavera 2016



EXPEDIENTE

Revista Literária VARAL DO BRASIL
Literário, sem frescuras!
Ano VII - Nº 41 - Genebra - CH
ISSN 1664-5243

ISSN e marca VARAL DO BRASIL registrados
em Berna, Suíça.
Publicação bimestral.

Copyright
© Cada autor detém o direito sobre o seu texto
aqui publicado.
© Os direitos da revista pertencem a
Jacqueline Aisenman.
O Varal do Brasil é promovido, organizado e
realizado por Jacqueline Aisenman

Site do VARAL:
www.varaldobrasil.com

Textos: Vários Autores
Ilustrações: Vários Autores
Foto capa: © Masson - Fotolia
Foto página 3: © Lilya - Fotolia
Algumas imagens encontramos na internet
sem o nome do autor. Se for uma foto ou um
desenho seu, envie um e-mail aqui para a gente
e teremos o maior prazer em divulgar o seu
talento.

Revisão parcial de cada autor
Revisão geral VARAL DO BRASIL
Composição e diagramação:
Jacqueline Aisenman

A distribuição ecológica em formato PDF é feita
através de e-mail, blogs, sites e redes sociais
de forma gratuita. Todas as edições estão
disponíveis gratuitamente para download no
site do VARAL através das plataformas ISSUU
e SCRIBD.

Se você deseja participar do VARAL DO
BRASIL Nº 42 envie seus textos até 25 de maio
para: varaldobrasil@gmail.com
Tema LIVRE.
Toda participação é gratuita.

A revista
VARAL DO BRASIL
circula no Brasil
do Amazonas
ao Rio Grande do Sul.
Também leva seus autores através de
todos os continentes.
Quer divulgação melhor
dos SEUS ESCRITOS?
Venha fazer parte do
VARAL DO BRASIL!

E-mail:

varaldobrasil@gmail.com

Site:

www.varaldobrasil.com

Toda publicação nos espaços do
Varal do Brasil são gratuitos.

Informe-se!

Participe!



VARAL ESTENDIDO

São quatro as estações que se dividem durante o ano e cada uma, em sua grande beleza e peculiaridade, conquista a preferência de alguém.

Vivemos as mudanças climáticas não somente através da observação das paisagens, mas, muitas e intensas vezes, dentro de nossos corações. Somos inverno quando estamos tristes e ficamos introspectivos; esperançosos e vivazes com a primavera; alegres e quentes como o verão; melancólicos como o outono.

Foi pensando na beleza das estações do ano e naquilo que elas representam para nós, que resolvemos dedicar esta edição de maio a estes períodos que fazem ressurgir nos indivíduos e na coletividade os humores que, assim como mudam tudo ao redor de nós, mudam também o que ocorre dentro de nós.

Estamos na primavera aqui no hemisfério norte e este é um momento de grande alegria vivenciado por todos, já que normalmente o inverno é longo, o frio é intenso e as paisagens acinzentadas costumam deixar as pessoas mais fechadas do que o normal. A primavera, ao nos mostrar o verde renascendo nas árvores, parques e jardins, mostra também o colorido inigualável das flores que surgem em todos os cantos em suas mais variadas formas. Viver a primavera é uma espécie de ressurgimento do ser, de retorno à tona depois de um longo mergulho no frio e na introspectividade.

Nesta edição trazemos textos de muitos autores que falaram da significância de cada uma das estações, mas percebemos que, justamente, é a primavera a estação mais citada. Alguns poucos escreveram sobre o verão e o inverno, vários trouxeram o outono como tema, mas a grande maioria teceu odes à primavera!

Outro ponto de destaque nos textos, a inevitável comparação das quatro estações do ano com as etapas da vida do ser humano, do princípio da

vida ao seu declínio. Com estilos diferentes, os autores redigiram versos e prosas mostrando as fases que vivemos ao longo da existência.

Gostaria de falar aqui da grande alegria que é receber os textos dos que escrevem conosco.

Temos escritores que colaboram com a revista há anos, praticamente desde o início da mesma e que, com a regularidade que permite a vida, marcam presença em nossas edições. Este é um presente que não tem preço, pois a assiduidade destes colaboradores é algo que só faz com que agradeçamos dia após dia a união que temos através da literatura. Da mesma forma, temos com frequência os novos autores que vão chegando e enviando seus textos para publicação. Muitos deles, escrevendo pela primeira vez em um caderno literário, mostram alguma timidez, receios quanto à divulgação e direitos autorais. Por este motivo, trazemos novamente nesta edição as explicações sobre como funciona o Varal do Brasil, assim como as perguntas realizadas mais frequentemente.

Embora tenhamos comunicado com antecedência, várias pessoas parecem não ter recebido a informação de que não estaremos presentes este ano no Salão do Livro de Genebra. Por decisão de nossa equipe, foi afastada a possibilidade de participação do Varal do Brasil em 2016 e será avaliada durante o ano em curso a viabilidade de futuras participações. No dia 30 de abril realizaremos um encontro informal em Genebra, onde trocaremos ideias com escritores e leitores. O encontro será no Café Pessoa, restaurante literário português. Na mesma ocasião, o Varal do Brasil fará doação de livros aos presentes, sendo estes livros de literatura brasileira em Português oriundos do estoque próprio do Varal.

Em março o Varal do Brasil fez uma significativa doação de títulos de literatura brasileira

VARAL ESTENDIDO

em Língua Portuguesa ao Consulado-Geral do Brasil em Genebra com o intuito de formar naquele local, por iniciativa da Embaixadora Maria Nazaré Farani Azevêdo, uma biblioteca em Português. Por circunstâncias diversas, a biblioteca deu lugar a um Sebo Popular, onde o público pode trocar livros e assim, desta forma, ter acesso democrático à literatura. O Sebo do Consulado tem sido visto com muita simpatia pelo público que apreciou a ideia e lá tem ido buscar leituras. Temos a satisfação de acompanhar a evolução do setor cultural do Consulado e ver que a população brasileira em Genebra tem sido bastante receptiva a todas as propostas lá realizadas. Também, além da parte cultural, projetos sociais e educativos têm tido sucesso e um excelente retorno.

Falando agora de nosso próximo número, que será uma edição especial, temos a satisfação de dizer que as inscrições superaram nossas expectativas em quantidade e qualidade.

O tema, intitulado O Lado Escuro do Ser, propõe-se a tratar de emoções escondidas, de violências diversas, dos pecados capitais, das lutas interiores, enfim, daquilo que nos assombra e que traremos para a luz. Os participantes da edição foram criativos, inspirados e enviaram textos ricos e profundos. Dores foram expostas e lágrimas lavaram muitas linhas.

Enquanto aguarda a edição de junho, que virá plena de emotividade no final de maio, aproveite este número alegre e colorido! Tenho certeza que você apreciará os poemas, contos e crônicas aqui publicados. Agradecendo sempre a leitura dos amigos, deixo com vocês mais esta edição e apenas digo: até a próxima!

Jacqueline Aisenman
Editora-Chefe



PENDURADOS NESTA EDIÇÃO

- ADENILZA ALMEIDA LIRA
- AGLAÉ TORRES
- ALDO MORAES
- ALDO NORA
- ANA ROSENROT
- ANTONIO MARCOS BANDEIRA
- ANTONIO MIGUEL CESTARI
- ANTONIO MIOTTO
- ANTONIO VENDRAMINI
- ASSENÇÃO PESSOA
- BENETTE BACELLAR
- BERNADÉTE SCHATZ COSTA
- CARLA DE SÀ MORAES
- CARLO MONTANARI
- CARMEN LÚCIA HUSSEIN
- CAROLINA RAMOS
- CERES MARYLISE REBOUÇAS
- CIDA MOREIRA
- CLEVANE PESSOA DE A. LOPES
- CRISTIANE VIEIRA DE FARIAS
- DANIEL DE CULLÁ
- DENISE BRAGA
- ELISA ALDERANI
- ELIZABETH A. C. M. FONTES
- EMANUEL MEDEIROS VIEIRA
- EVANISE GONÇAVES BOSSLE
- FÁBIO S. DO AMARAL
- FÁTIMA SILVA
- FERNANDO SCHIAVINATO
- FERNANDO SORRENTINO
- FLÁVIO RODRIGUES
- GABRIEL JOERKE
- GAIÔ
- HAZEL DE SÃO FRANCISCO
- HELOÍSA CRESPO
- HENRIETTE EFFENBERGER
- HUGO FEDERICO ALAZRAQUI
- HUMBERTO PINHO DA SILVA
- IGNEZ FREITAS
- IOLANDA MARTHA BELTRAME
- IRINEU BARONI
- ISABEL C. ALBUQUERQUE
- ISABEL CRISTINA SILVA VARGAS
- IVANE LAURETE PEROTTI
- IVONITA DI CONCILIO
- IVANISE MANTOVANI
- JACQUELINE AISENMAN
- JANIA SOUZA
- JOAREZ DE OLIVEIRA PRETO
- JORGE KASHIO
- JOSÉ CARLOS SIBILA
- JOSÉ HILTON ROSA
- JOSÉ SOLHA
- JÚLIA REGO
- JULIANA AGUIAR
- LENIVAL NUNES DE ANDRADE
- LÓLA PRATA
- LY SABAS
- LYA GRAM
- LYRSS CABRAL BUOSO
- MARIA APARECIDA FELICORI (VÓ FIA)
- MARIA CESTARI

PENDURADOS NESTA EDIÇÃO

- MARIA DELBONI
- MARIA ESTHER TOURINHO
- MARIA LUIZA VARGAS RAMOS
- MARIA (NILZA) DE CAMPOS LEPRE
- MARILINA BACCARAT DE A. LEÃO
- MARINA FARIAS (FLOR MORENA)
- MARINA VALENTE
- MÁRIO REZENDE
- MARLY RONDAN
- MAURÍCIO LIMA
- NESLI EMILIA TORRES STOCKER
- NILVADO ALVES DOS SANTOS
- NOEME ROCHA DA SILVA
- ODENIR FERRO
- PAOLA RHODEN
- PAULA ALVES
- RAPHAEL MIGUEL
- REBECCA JORDÃO
- RENATA CARONE SBORGIA
- RENATA DAL BÓ
- ROSA ISABEL SPAGNUOLO
- ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)
- ROSALINDA PESSOA MILDNER
- SANDRA ROSENFELD
- SEMINI KWSTA
- SÍLVIO PARISE
- SONIA CINTRA
- SUELY TRAVER
- SUSANA ZILLI DE MELLO
- TEODORA URSINO
- URDA ALICE KLUEGER
- VARENKA DE FÁTIMA ARAÚJO
- VERA SOUZA DE OLIVEIRA
- WALNÉLIA CORRÊA PEDERNEIRAS
- WELINGTON MARIANO
- YARA DARIN



Imagem by DX

SABIÁ

**POR WALNÉLIA CORRÊA
PEDERNEIRAS**

Naquele lugar
que permitia a goiabeira
crescer até a janela
do segundo andar
Também permitia o sábio
que vinha me acordar
em todas as manhãs...

Neste lugar emoldurado
de persianas em janelas
apenas algumas plantas
nas floreiras belas
O sabiá também veio
em melodias me acordar...

Com suas finas pernas
pousadas no ferro
que sustenta a persiana
do meu quarto, cantava
mavioso e sem parar
Por instantes pensei
estar lá, o que seria normal
orquestra matutina
dizer Bom dia...

Mas não era... estava aqui
bem perto na minha janela
Nem nas flores da janela
que fica ao lado pousou
o cantador que me abençoou...

Depois lembrei, que havia sonhado
com a goiabeira e nela um pássaro
branco e divino com asas abertas
mas esse canto que agora me desperta
é do sabiá, quem sabe, meu amigo
veio de lá pra cá, num simples voo...?...

Sentada ali fiquei diante do sonoro
ainda emocionada mas agora crendo

na voz do sertão coberta maviosa
para êste coração que não desiste
de poetar em sonhos repetidos
Felicidade e paz, saúde serenidade
e meu amigo empenado diz Amém
Amém, amém, amém, amem amem....

Louvado seja agora que já voôu
Que tenha sentido minha alma
contente e volte sempre
A prece mais bela do meu despertar.
Amém, amém, amem, amei.



IDADES

**POR ADENILZA
ALMEIDA LIRA**

Passou longe
Por detrás do monte.
Passou perto
E ninguém viu.

Era um menino.
Solitário homem.
Foi um velho
Que ninguém ouviu.

Imagem by Leroy Skalstad



CULTÍSSIMO

Ana Rosenrot



Baseado no livro autobiográfico e no roteiro de Herman Raucher, “Houve Uma Vez Um verão” fala sobre o primeiro amor visto através da visão masculina (enredo raro no cinema que insiste sempre em abordar o amor romântico sob o prisma feminino); em forma de flashback, Hermie((Gary Grimes) nos conta os acontecimentos inesquecíveis do verão de 1942, quando tinha somente 15 anos, foi passar as férias numa pequena ilha na Nova Inglaterra e se apaixonou por uma mulher mais velha, Dorothy (Jennifer O’neill), que transformou sua vida completamente.

Um filme delicado, onde o arrebatamento e a ansiedade da juventude dão lugar ao sentimento puro e simples, e o “amor de verão”, faz esquecer os obstáculos, os medos, a inquietude e a incerteza trazidas com 2ª Guerra Mundial.

A adolescência é um período de mudanças, dúvidas, expectativas; muitas vezes, nessa fase da vida nos confrontamos com situações tão especiais e marcantes, que vão determinar o caminho que seguiremos no futuro. Mas a saudade, a nostalgia daquela época inocente também nos acompanha e a oprimimos em nossas lembranças, tentando guardar esse segredo até de nós mesmos. O filme que trago hoje faz exatamente o oposto: “Houve Uma Vez um Verão” (Summer of ’42 – E.U.A. -1971), lindamente dirigido por Robert Mulligan, traz a história de um coração que se abre, de uma alma que se desnuda e compartilha com todo o lirismo e poesia o despertar de uma paixão adolescente, num belo verão do conturbado ano de 1942.

Com fotografia (que retrata com perfeição o clima daquela época) e trilha sonora impecáveis (criada por Michael Legrand e vencedora do Oscar de melhor trilha sonora), “Houve Uma Vez um Verão” te convida a viajar nas lembranças de Hermie e suas descobertas, decepções, esperanças, acabam te transportando junto com ele e de repente você se pega lembrando de suas próprias histórias de amor esquecidas, presas no passado, escondidas embaixo de tantas estações vividas; é difícil não se emocionar.

Se ainda não teve a oportunidade de ver esse Cult delicioso não perca mais tempo, se já viu, com certeza vai querer ver de novo.

Obrigada, na próxima tem mais e lembrem-se que:

“Na vida de qualquer um”...“Houve uma vez um verão.”



CURIOSIDADES:

- No Brasil o filme acabou com dois nomes “Houve uma Vez um Verão” nos cinemas em 1971 e “Verão de '42” quando lançado em DVD.

- A atriz “Jennifer O'Neill”, é brasileira, nascida no Rio de Janeiro e seu pai “Oscar O'Neill Jr.” foi um grande herói brasileiro na 2ª Guerra Mundial, pertencendo a FEB – Força Expedicionária Brasileira como aviador, chegou a ser prisioneiro dos alemães e condecorado como herói da nação.



- Após o lançamento do filme o autor recebeu diversas cartas de mulheres que se identificavam como a verdadeira Dorothy, mas somente uma conseguiu provar sua identidade, informando que estava casada, já era avó e que ficara muito feliz em ser lembrada por Hermie.



HOUE UMA VEZ UM VERÃO – (SUMER OF 42 – E.U.A. -1971)

Dirigido por Robert Mulligan, conta a história do jovem Hermie (Gary Grimes) de 15 anos que vai passar as férias na praia. Durante esta viagem, ele procura respostas para suas dúvidas sobre a vida, a guerra, o amor e o sexo.

Com a cabeça repleta de interrogações e sonhos, Hermie conhece uma mulher mais velha (Jennifer O'Neill) e fica apaixonado. Começa assim, uma intensa relação onde Hermie busca aprofundar seu conhecimento sobre o mundo. E ela, por sua vez, busca no jovem adolescente o amor ausente de seu marido que partiu para a Guerra.

Gênero: Drama – Classificação 18 anos.

PARA CONTATO E/OU SUGESTÕES:

anarosenrot@yahoo.com.br

<https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot>

CONFLITO METEOROLÓGICO

POR ALDO NORA

Na rua, os usuais desabafos
Do anônimo povo que sufoca
Com os quentes, indesejáveis bafos
Que cretam a pele e secam a boca.

- Que calor infernal!
- Uma cerveja, agora.
- Um dia tropical!
- Uma chuvada. É hora...
- Aqui é Eritreia!
- Pior que diarreia...
- Assim, ninguém resiste.
- Só com água e chuveiro.
- Água já não existe.
- Só indo pro estrangeiro...
- A camisa ensopada.
- Melhor andar de tanga.
- Bom é praia e “gelada!”
- Não adianta a zanga.
- Até quando vai isto?...
- Quem me dera o Alasca.
- Oh! Senhor Jesus Cristo...
- Bom era uma nevasca.

Nada, nada debilita o calor,
Não há água, cerveja, não há nada,
Mesmo praia, chuveiro, lá o que for.
Uns pinguinhos de chuva ou chuvarada
Nada mesmo, nem um simples frescor.

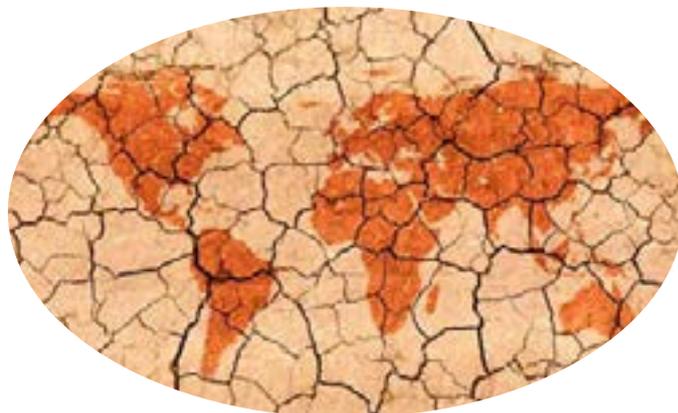
Toda esta terrível baforada
Resulta de uma luta entre os impérios:
-- A Massa de Ar Quente e a Frente Fria
Que se trava longe e bem acirrada,
Mas para milhões é um despautério,
Coisa que há muito tempo não se via.

A Frente Fria é a redentora,
A esperança e a salvação
Quer avançar mas há uma barreira.
A Frente Fria muito embora queira,
Por mais que force não pode, por ora,
Transpor tão renitente bastião.

Canta nas ruas o povo:
“Frente Fria... Frente Fria...
Sobrepuja essa barreira...”
Em uníssono e de novo:
“Rompe essa Massa inteira,
Devolve a nossa alegria.”

A Massa de Ar Quente só resiste
Por mera questão de massa e de espaço.
(Pelo mapa vê-se porque persiste).
Mas tudo é questão de tempo, pois, passo
A passo, “água mole em pedra dura”
Rompe-se a Massa e sua ditadura.

Homem de empáfia que às vezes se alça
À condição de um Deus onipotente,
Nada mais és que um macaco de calça.
Que fazes neste caso tão premente
Para alívio da pobre humanidade?
Nada! Porque não podes, porque és fraco,
Porque és talhado de carne e vaidade,
Porque és um homúnculo, um macaco.



O Corretivo dos Cordeiros

**POR FERNANDO
SORRENTINO**

Segundo notícias de fontes muito variadas – e sempre fidedignas –, ultimamente o Corretivo dos Cordeiros tem aparecido, cada vez com maior frequência, em pontos diferentes de Buenos Aires e de localidades próximas.

Todas as informações coincidem quanto à descrição da maneira como se dá o surgimento do Corretivo: aparecem de repente, como se viessem do nada, cinquenta cordeiros brancos; em seguida, lançam-se contra uma vítima – evidentemente pré-escolhida – e em poucos segundos a devoram e a carcomem até deixá-la no osso; e assim, tão subitamente como chegaram, em instantes se dispersam, fugindo em todas as direções. Ai de quem ouse estorvar-lhes a fuga: no início foram registrados muitos casos fatais; depois, os imprudentes em potencial aprenderam a lição e já ninguém se opôs ao Corretivo. Bem, não tem sentido estender-me nesses pormenores; todo o mundo está suficiente-

mente informado pelos meios de comunicação escritos e falados, o material fotográfico e a filmografia são abundantes. A maior parte das pessoas se acha profundamente preocupada com o Corretivo por seus estragos imprevisíveis, pelas sequelas de morte e de medo. Mas a maior parte das pessoas é simples, ignorante e sem poder de reflexão, e sua inquietude se limita a desejar que o Corretivo não exista. Evidentemente, este desejo não anula o Corretivo e muito menos consegue averiguar suas causas e seu sentido.

O erro básico consiste em que, absortos pelo Corretivo, se esquecem das vítimas. Durante as primeiras - digamos - cem execuções, o que me tirava o sono era a inconcebível existência de cordeiros não só carnívoros, mas ainda por cima predadores e de carne humana.

Depois percebi que, por perder-me nesses detalhes, descuidava-me do essencial: a personalidade das vítimas. Dediquei-me, pois, a fazer averiguações sobre a vida dos falecidos. Como se fosse um sociólogo, comecei pelo mais simples: pelos dados socioeconômicos. A estatística foi

inútil: havia vítimas em todos os segmentos sociais.

Mudei, então, o sistema. Procurei conversar com parentes e conhecidos e os fiz soltar a língua. Os depoimentos foram variados e, às vezes, até contraditórios. Mas, já com uma grande frequência, comecei a ouvir certo tipo de frase: “Que o coitado descanse em paz, mas a verdade é que...”

Uma intuição quase inequívoca me iluminou. E, em seguida, tive a quase certeza de minha embrionária hipótese no dia em que o Corretivo quase decarnou meu próspero vizinho, o doutor P.R.V., o mesmo em cujo escritório...

O caso de P.R.V. me conduziu de maneira absolutamente natural à compreensão definitiva do enigma.

Bom. Eu sentia por Nefário um ódio mesquinho. Mas não gostaria que esse ódio contaminasse de paixões baixas a fria objetividade que desejo para este relato. Não obstante, vejo-me obrigado, em nome da compreensão do fenômeno, a me permitir uma digressão de caráter pessoal. Ainda que talvez a ninguém interesse, tal desvio é imprescindível – desde que me acreditem – para admitir ou refutar minha hipótese sobre as causas e os fins que provocam o Corretivo dos Cordeiros.

A digressão é esta. O certo é que o apogeu do Corretivo

coincidiu com um lúgubre período da minha vida. Corroído pela pobreza, pela desorientação, pelo sofrimento, sentia-me no fundo de um poço escuro, cuja saída eu sequer conseguia imaginar. Assim eu me encontrava.

Para Nefário, no entanto, a vida – como se costuma dizer – lhe sorria. Claro: o único objetivo de sua existência perversa era o dinheiro. Somente isso lhe importava: ganhar dinheiro, pelo dinheiro em si, e nesse fim sagrado ele concentrava todas as suas impiedosas energias, sem se preocupar com meios ou escrúpulos. Desnecessário é dizer que teve sucesso completo: Nefário era o que se chama um vitorioso.

Eu – como disse – me achava bastante necessitado. E como é fácil abusar de quem sofre. Nefário – esse abutre ambicioso que jamais havia lido um livro – era editor. Na falta de outra coisa, fazia para ele traduções ou correções: Nefário não só me pagava quantias irrisórias, como ainda por cima se distraía em humilhar-me com pedidos e demoras.

(A vergonha e o fracasso já faziam parte de minha pessoa e eu já me havia resignado a eles).

Quando lhe entreguei meu último trabalho – aquela maldita e estorvante tradução – Nefário, como em tantas outras vezes, me disse:

- Infelizmente não lhe posso pagar hoje. Não tenho nenhum centavo.

Isto ele me dizia em seu luxuoso gabinete, bem vestido, perfumado, sorridente. E, evidentemente, vitorioso. Pensei em meus sapatos furados, minha roupa velha, as necessidades de minha família, meu fardo de tristezas. Fazendo um esforço, disse-lhe:

- E para quando o senhor acha que...?

- Vamos fazer uma coisa – seu ar era otimista e protetor, como se tentasse me ajudar. – Neste sábado, não, porque vou dar uma fugidinha até umas praias do Rio de Janeiro. Mas no outro, por volta das onze da manhã, venha à minha casa que acertaremos as contas. Cordialmente me apertou a mão e me deu uma palmadinha nas costas, de incentivo e amizade.

Quinze dias se passaram. No sábado sonhado, cheguei cedo à bela casa da Rua Onze de Setembro. O verde das árvores, a fragrância vegetal, o esplendor do céu e a beleza daquele bairro me faziam sentir mais desolado ainda.

Às onze e cinco toquei a campainha.

- O patrão está descansando – me informou uma criada de uniforme azul de bolinhas brancas. Hesitei um

instante e disse:

- E a esposa?

- Quem é, Rosa? – ouviu-se.

- Eu, senhora – levantei a voz, agarrando-me àquela possibilidade. – O senhor Nefário está? Rosa se retirou e foi substituída pelo rosto coberto de cosméticos da esposa de Nefário. Com uma voz rouca de fumante, me admoestou:

- Não lhe avisaram que ele está descansando?

- Sim, senhora, mas como ele marcou comigo hoje às onze...

- Bem, mas está descansando – replicou de maneira irrefutável.

- Não terá deixado alguma coisa para mim? – perguntei ingenuamente, como se já não conhecesse Nefário!

- Não.

- Mas é que ele me marcou para hoje...

- Estou lhe dizendo que não deixou nada, senhor. Faça o obséquio de não incomodar, senhor.

Foi então que ouvi uma algazarra de balidos e vi que chegava o Corretivo dos Cordeiros. Afastei-me para o lado e, para minha maior segurança, subi na grade, se bem que minha

consciência me dizia que o Corretivo não vinha à minha procura. Os cordeiros, como um furacão, irromperam pelo jardim e, antes que os últimos aí entrassem, os primeiros já estavam dentro da casa. Em poucos segundos, à maneira de um sumidouro, a porta de Nefário absorveu a todos os animais: o jardim ficou pisoteado e as plantas, destruídas. Numa janelinha primorosa apareceu a senhora Nefário:

- Venha aqui, senhor, venha!
- gemeu, com o rosto congestionado e choroso. - Ajude-nos, por favor, senhor!

Movido por curiosidade, entrei na casa. Vi móveis derrubados, vi espelhos quebrados. Não vi os cordeiros.

- Estão lá em cima! – me informou a senhora Nefário, tentando me arrastar pelo braço em direção ao perigo. – No nosso quarto! Faça alguma coisa, não seja covarde, seja homem!

Eu soube resistir com firmeza. Nada mais longe de meus princípios e convicções que pretender me opor ao Corretivo dos Cordeiros. Do alto chegava um confuso rumor de cascos. Os redondos dorsos lanudos se agitavam alegremente, acompanhando quem sabe que movimento de pressão contra o quê. Numa visão fugaz distingui Nefário; foi um

segundo: desgrenhado e aterrorizado, gritou alguma coisa e tentou com uma cadeira atacar os cordeiros. Mas em seguida desapareceu entre as brancas e cacheadas lãs, como quem é violentamente sugado por areias movediças. Ainda houve um breve tumulto concêntrico e o ruído crescente de mandíbulas que dilaceravam e trituravam e, de vez em quando, o pequeno estrépito de um osso quebrado. As primeiras manobras de dispersão me indicaram que os cordeiros haviam concluído sua tarefa e, um instante depois, os animaizinhos iniciaram a veloz descida pelas escadas. Cheguei a ver algumas manchas de sangue na impoluta alvura de suas lãs.

Curiosamente, aquele sangue – para mim, um símbolo de afirmação ética – acabou por fazer a senhora Nefário perder a cabeça. Sem parar de dirigir-me chorosos insultos e de chamar-me de covarde, irrompeu no living com uma grande faca na mão. Como eu sabia perfeitamente o que acontece com quem tenta dificultar o Corretivo dos Cordeiros, permaneci num respeitoso segundo plano, observando o rápido e notável espetáculo do dilaceramento e da ingestão da senhora Nefário.

Em seguida, os cinquenta cordeiros ganharam a Rua Onze de Setembro e, como em tantas vezes, fugiram em várias direções.

Rosa, não sei por quê, parecia um tanto impressionada. Disse-lhe umas palavras de conforto e, já livre do ódio, me despedi da moça com um sorriso.

É verdade: não havia conseguido que Nefário me pagasse aquela perturbadora e maldita tradução. No entanto, o verde das árvores, a fragrância vegetal, o esplendor do céu e a beleza daquele bairro me faziam o coração saltar de alegria. Eu cantava.

Sabia que o poço escuro onde me achava sumido começava a iluminar-se com a primeira luz da esperança.

Corretivo dos Cordeiros: muito obrigado.

TRADUÇÃO DE ANA FLORES

[De *En defensa propia*, Buenos Aires, Editorial de Belgrano, 1982]



SE VOCÊ NÃO PODE CUIDAR DE UM ANIMAL COM O CARINHO QUE ELE MERECE, NÃO COMPRE OU ADOTE! ABANDONO É CRIME!



Imagem by Subbotina Anna - Fotolia

CÉU DE OUTONO

POR YARA DARIN

O céu da estação que vai embora
Está repleto de folhas amareladas
Anuncia o vento lá fora que corta sedento
Os galhos inseguros das palmeiras.

Pela fenda da janela, entra uma forte rajada
Que vem implorando derradeiro abrigo
Mais além, vejo através da porta entreaberta
Que até mesmo os pássaros se calaram.

Contemplo a rua em olhar perdido, não vejo caminhante
A noite emudece e as estrelas adormecem
As ruas se estreitam e os cães cochilam
Estou só, no crepúsculo de Outono.

Deixo entrar a corrente de vento
Abro a cortina alva e esvoaçante
Imagens devoram os meus pensamentos
Numa súplica voraz e angustiante.

Tudo é vão, estou na clausura da noite
Pronuncio seu nome que amenizam minhas carências
Sufocando assim minha voz inquietante
No silêncio soturno da sua ausência.

RINDO JUNTOS

POR WELINGTON MARIANO

Uma barraca quente
Três pessoas dentro
Correndo da chuva
Mas suando de calor
Bebendo um delicioso vinho tinto suave
E o copo rodando para cada um dar um gole
Um menor, outro maior
E um celular irritante tocando sem parar
degustando uma traquinas
Ao som suave da melodia de um violão.
Um tocando,
O outro cantando
E um terceiro rindo.
Os três numa sintonia hilariante
Num verão avassalador.
Tudo era alegria.
De estar em Paraty
E de estarem juntos.



Imagem by Rodrigo Soldon

INVERNO NAS SERRAS CATARINENSES

POR VERA DE SOUZA OLIVEIRA

... O tempo escoava-se lento, as estações se sucediam amenas e agradáveis até a chegada do inverno, quando o mais difícil era enfrentar o clima da serra, pois, apesar de estarmos acostumados às temperaturas do planalto norte e mesmo ao que enfrentamos no Rio Grande do Sul, o inverno, na região onde se localizava a companhia de construção da estrada de ferro, era terrível e tornava-se pior devido à proximidade da mata e do rio. As geadas cobriam os campos ao amanhecer. Nas grotas, onde a umidade era maior, as folhas das plantas e as bicas de água corrente vitrificavam formando pingentes com as mais encantadoras formas. As poças de água nas ruas criavam uma crosta quebradiça. Era maravilhoso olhar aquele mundo branco, até onde a vista alcançava. Tudo ficava imóvel. Não havia pássaros, não havia brisa, nada. Só o frio, quase palpável, e a brancura ofuscante. De repente, os primeiros raios do sol surgiam, os pássaros, vindos de seus esconderijos, começavam a cantar, as estranhas figuras formadas pelo gelo reluziam como joias, a brisa soprava e o calor ia, lentamente, desfazendo a geada dos campos. Ou então, se o dia ia ser o pior possível, começava a ventar forte, uma garoa fina caía derretendo o gelo, que escorria pelos caminhos formando lama. A friagem, então, instalava-se até o mais profundo de nossos ossos. O minuano uivava durante alguns dias, espalhando-se pelos campos molhados, sacudindo as paredes das humildes casas de madeira, entrando pelas frestas das portas e janelas, fazendo voltar a fumaça das chaminés. Isso nos obrigava a abrir toda a casa para não sufocar. O vento, então, rodopiava dentro das mesmas trazendo mais umidade, assim como as doenças próprias da estação, que atingiam a todos, de recém-nascidos aos adultos, obrigando o único médico e os poucos enfermeiros a trabalharem sem descanso.





PRIMAVERA

POR VARENKA DE FÁTIMA ARAÚJO

Primavera formosa da minha vida
Estação cintilante em flores e rosas
E o vento tange os perfumes nos ares
Da ventura maior que a natureza oferta
No traspasar dos olhos explode emoções
E, logo atmosfera fica ao nosso favor
Sigo cantando suavemente minha primavera
Aqui é o Paraíso, quando o mundo flore.

CAMPING I – JUNHO

POR URDA ALICE KLUEGER

Quando emergo da minha pequenina barraca, oito ou nove da manhã, depois de ter dormido acolhedoramente junto ao seu peito ausente, estou cheia de bem-estar e pronta para mais um livro a ser lido ou estudado, que tal já fiz antes de dormir, provavelmente até lá pelo meio da noite. Então emergo da barraquinha azul que tem quase nada, um colchão, uma coberta e um travesseiro de penas, herança de família, um lençol cor-de-rosa, uma sacola com coisas pessoais e uma pasta com livros e cadernos e saio para um mundo ainda envolto pela névoa. A grama verde está toda molhada pela névoa espessa; meu carro, ali pertinho, também está todo perolado da água condensada daquela cerração. Então saio para ela e fico encantada com o silêncio dela, e dentro dela posso ver o rio com compridos cardumes de compridos peixes que parecem que nunca sentem frio, e então me dou conta que o barulhinho que ouvia dentro do sono é o barulhinho da água do rio bastante largo para que a gente não se atreva a atravessá-lo a pé, e que se encachoeira um pouco adiante, onde acaba o remanso que é o domínio dos cardumes dos peixes compridos.

Atenta, percebo outros pequeninos ruídos que parecem silêncios: são pequenos pios, leves arrulhos, gorjeios quase imperceptíveis, e se prestar bem atenção, até distingo de quais árvores ou arbustos tais barulhinhos provêm sem quebrar, de forma nenhuma, o grande silêncio da névoa espessa. Pela grama molhada costuma saltitar silenciosamente um quero-quero que penso que não está acasalado, pois nunca o vi a defender barulhentemente ninhos e filhotes. Os insetos que cometeram suicídio durante a noite jogando-se sobre a lâmpada que fica acesa já foram devidamente devorados pelas

formigas pretas que vejo ao redor dos meus tênis brancos enquanto estudo, e as formigas pretas faz tempo que foram-se embora para algum ninho tão escondido e silencioso que nunca o vi. Tudo está limpo e organizado nas manhãs de névoa, e escovo os dentes observando a perfeição da mesma e da natureza, atenta aos arrulhos e cicios silenciosos, e depois como meu iogurte passeando pela grama que molha minhas meias. Sei que lá longe, na cidade, está bem mais quente, mas ali naquela umidade do silêncio e da névoa, são necessárias meias de lã e um casaco peludo. Sei que antes do meio dia o sol vai perfurar aquele mundo branco e que vai transpassar as folhas dos palmitos novos que ficam perto da churrasqueira aonde estudo, deixando aberta à minha visão a clorofila de cristal daquelas folhas com tanta clareza como se cada folha tivesse sido aberta por um fino e impiedoso bisturi que não permite a intimidade da cor interna – mas por enquanto as folhas dos palmitos novos também ainda estão mergulhadas na névoa, e todo aquele mundo silencioso, branco e adstringente é um mundo pejado de você, tão cheio da sua doçura quanto o meu coração costuma estar. E eu o sinto silenciosamente em cada arrulho silencioso, em cada cicio, em cada piu quase inaudível, na cerração e na clorofila que virá, e principalmente dentro do meu coração. Então, sem fazer barulho para não quebrar aquela harmonia, começo a tirar da minha pasta o livro que terei que ler naquela manhã, já me envolvendo psicologicamente com ele, quando lá do rio vem o primeiro ruído:

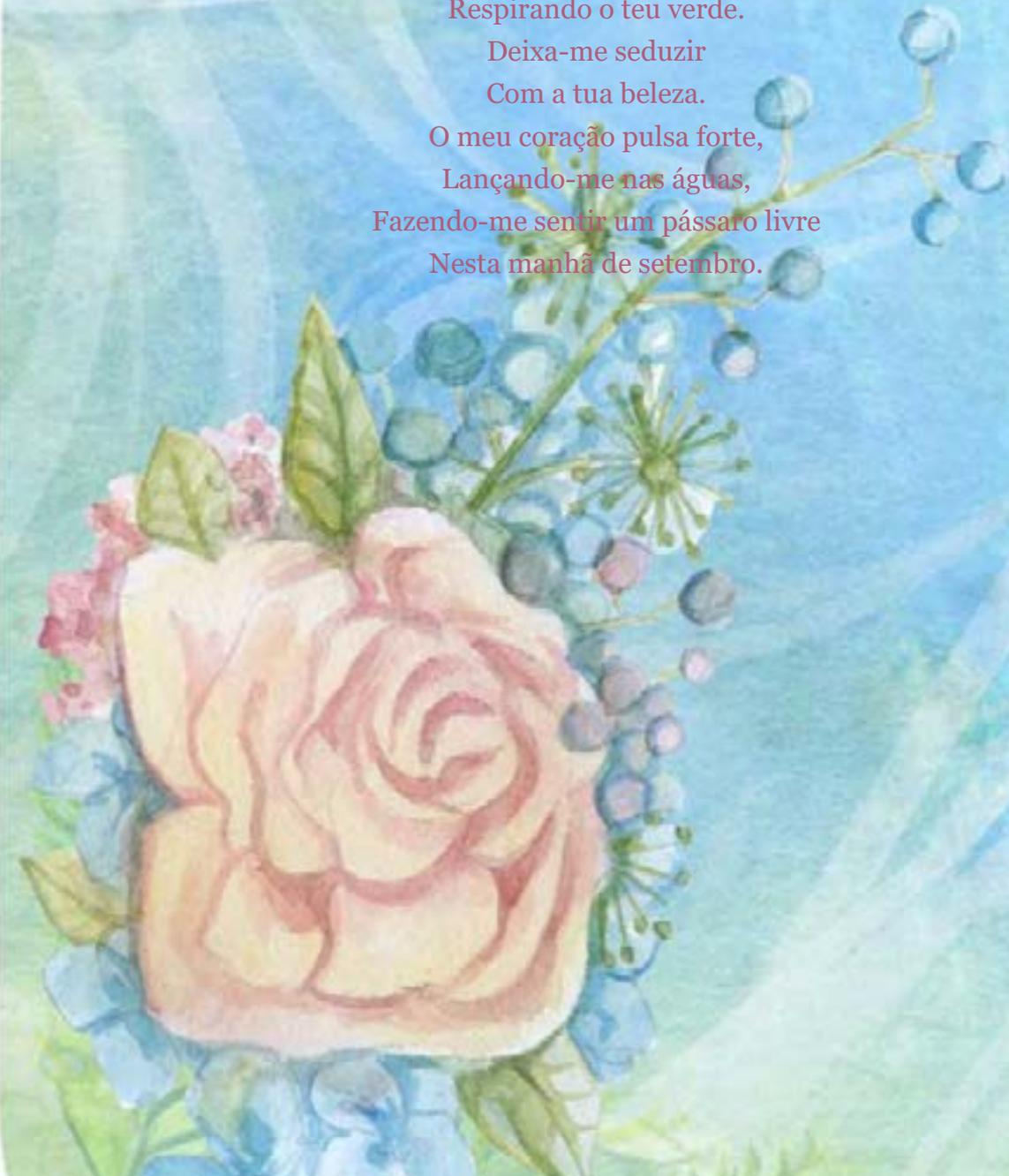
- Blump! – e foi um dos peixes compridos que pulou fora da água e quebrou o silêncio, e quebrou a ilusão de que se estava no Mundo das Fadas, e devolveu ao cenário à sua realidade terrestre. Então me certifico de duas coisas: que está mesmo na hora de estudar, e que, mais que na névoa e na beleza da natureza, você está tão vivo e tão forte dentro de mim!

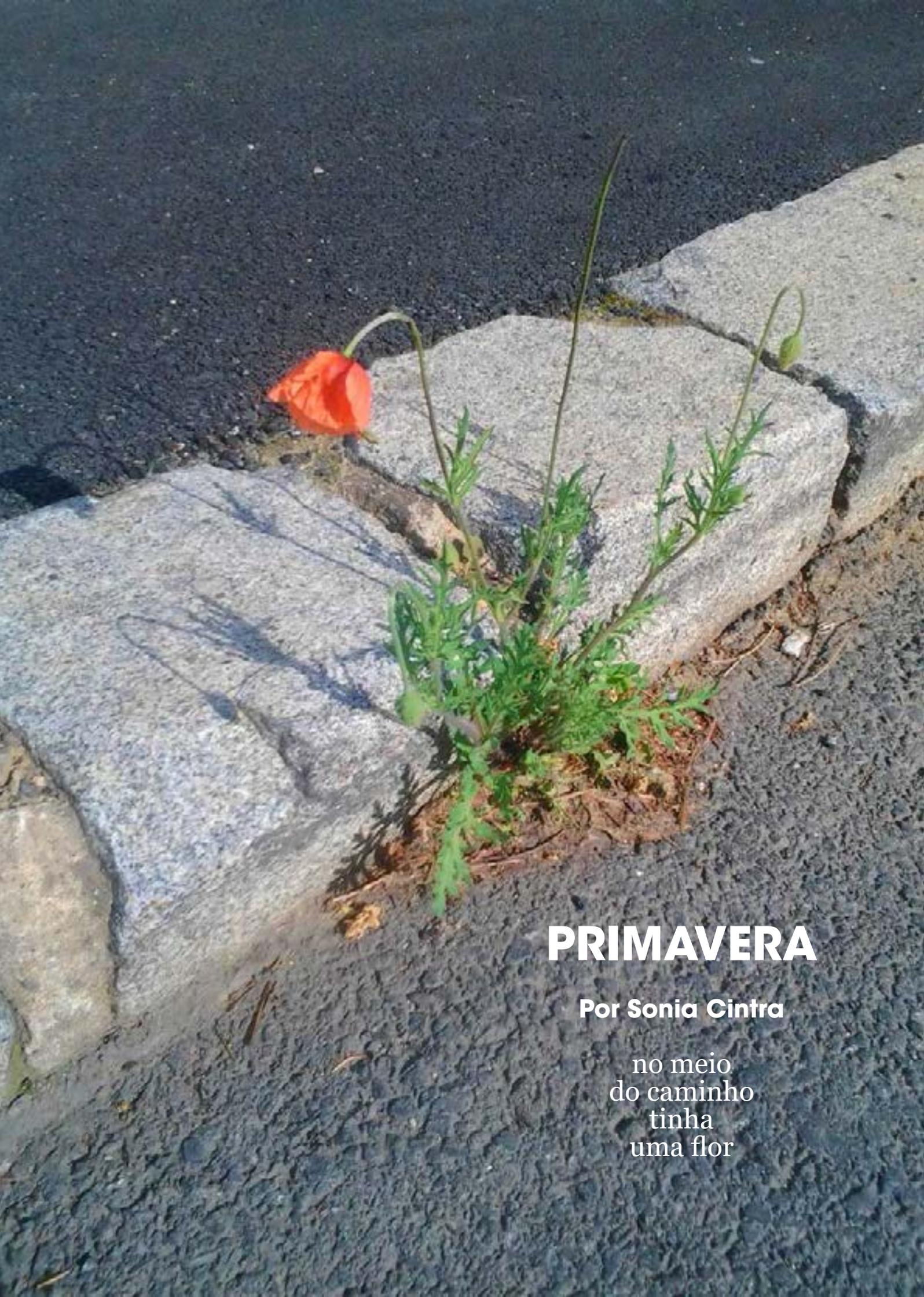
Blumenau, 11 de Junho de 2005 (Véspera do dia dos Namorados)

MANHÃ DE PRIMAVERA

POR SUSANA ZILLI DE MELLO

Manhã de primavera acolha-me,
Quero que a tua felicidade,
Embriague-me,
Que o teu sorriso
Faça-me chorar de alegria.
Toca-me a alma,
Entrega-me as flores
Para que eu possa também ofertar,
Respirando o teu verde.
Deixa-me seduzir
Com a tua beleza.
O meu coração pulsa forte,
Lançando-me nas águas,
Fazendo-me sentir um pássaro livre
Nesta manhã de setembro.





PRIMAVERA

Por Sonia Cintra

no meio
do caminho
tinha
uma flor



CAUSOS DO MONTANARI

Carlo Montari

ATRAVESSANDO O ESPIGÃO... E INDO BEM LONGE!

Uma vez me disseram que não se deve mais começar uma história com a frase “era uma vez”, mesmo que em um simples contar de um “causo acunticido”, mas sinto muito...

ERA UMA VEZ dois casais Paulistas e uma criança que vieram a Minas Gerais para visitar uns primos que há tempos a saudade apertava, degustar uns pães de queijo, comer uns frangos “caipira Pirapora com “violinha disbaixo do sovaco”, e se lambuzar de doces caseiros... Êita coisa boa, mas em Minas é assim “memo”!

... Para começo de assunto já se perderam loguinho na cidade do Glória, se é que não se atrapalharam por outros trevos, onde passaram para comer umas pamonhas e uns “sargado” e era para pegarem por fora da cidade, para não atrasar o atraso que já estavam tendo, pois a notícia vinda pelas redes sociais no “tar de fecebuque” era com previsão de chegarem para o café da manhã. Claro que não chegaram. Perguntando lá no Glória onde se saia para Ponte Alta, em vez de entrarem para “as esquerda”, viraram para “as direita” indo parar quase lá na pousada das Orquídeas, por sinal um lugar aconchegante, acolhedor e muito lindo. Só que o rumo dos Paulistas era o extremo deste que seguiram. “Deu no que deu” e, a tia que percebia que não chegariam para o café, esqueceu o pão de queijo que deixara prontinho e fez um almoquinho “dus bão” para espera-los, mas também não chegaram para o almoço... E, lá pela metade da tarde, chegaram com cara de “cachorro que caiu da mudança” e perdeu o rumo. Se

arvoraram nos pães de queijo “quinem” sei lá o que viu?

- Larga isso e pega os pratos para o almoço que devem estar com fome, né? Disse a tia destampando as panelas que teve que esquentar, já que frias estavam.

Comeram como se as pamonhas de sal, compradas como de doce, nem tivessem “batido no fundo dos istamo”.

- Humm huumm faziam, parecendo aquela loura da TV. Só faltaram passar debaixo das mesas!

No outro dia resolvem conhecer umas cachoeiras, coisa que a região no entorno da Serra da Canastra tem, e muito.

- Como é mesmo que o Tio falou que chega às mais perto?

Mesmo explicando, resolveram ir a uma mais longe um pouquinho para ter aquela sensação de aventura, tirar fotos e ter o que contar na “capitar”. Tudo explicadinho, mapinha feito em uma folha de caderno, tudo muito detalhadinho e com uma fala do Tio: se passarem por uma ponte estreita, a do ribeirão Grande, que é de cimento onde passa um carro por vez, ESTÃO ERRADOS! Voltem senão vão sair de novo no Glória, viu? Não esqueçam, tá?

“Dito e feito”, ficou “o dito pelo não dito”, “ai São Benedito”, “valha-lhe meu bom Deus”: ER-RARAM, PASSARAM PELA PONTE QUE NÃO ERA PARA PASSAR E CONTINUARAM, dez quilômetros depois, o que avistaram? A cidade do Glória. Tiveram que retornar os dez quilômetros, que se tornaram vinte agora, aí fizeram o que deveriam ter feito, começaram a subir a serra. Andaram um tanto e um deles disse:

- Será que tá certo, já estou cansado de tanta estrada?

- Melhor perguntar, disse outro Paulista.

Uma pessoa disse:

- Oia, prá mode arcançá a cachoeira do Facão inda tem qui dobrá uns espigão serra acima e vai demorá.

Olharam nos relógios e, as nove horas da manhã já haviam ficado bem umas três horas para trás... E a fome apertou.

- Melhor deixar o facão para trás e voltar para a Pousada dos seus tios.

Deitou uma baita duma chuva hora e meia depois desta decisão, assim que conseguiram retornar de onde não deveriam ter saído. A menina Thaís quis logo se trocar e cair nas piscinas para se refrescar e disse:

- Mãe, aqui na tia Doce é bem melhor que ficar errando de estrada.

A frustração foi tanta que no dia seguinte resolveram acolher o conselho que havia sido dado desde o início e foram conhecer umas cachoeiras mais pertinho. O pai de Thaís, o Valdo, já cansado de tanto que “mangaram” dele foi logo dizendo:

- Num vou não, fico nas piscinas com minha filha. Eu hêim!

Foram então os três, Ivan, Helen e Carlota. Tiraram fotos, só não ficamos sabendo se perderam outras vezes ou não, pois calados ficaram e se entreolhando. Disseram que só molharam os pés na água com medo da fundura... Hum, hum hum!

E chegaram com umas histórias de onça, de jacarés. Acho que de tanto perder, ficaram tontos da cabeça...

Vai entender o ser humano né, sai para passear, perde, perde... E perde! Depois dizem que Mineiro é que é “soronga” rrsrrsrs... Nós “num cafundi nas istrada” aqui na roça não e, na cidade, “nois pergunta, em vez de drobrá us ispigão qui nunca passô” uai sô, “bobo é outro”, hi hi...



UMA ANDORINHA SÓ

POR JACQUELINE AISENMAN

Uma andorinha só
não faz verão
não vive o inverno
não sente o outono
nem vibra a primavera.

Uma andorinha só
voa pelos céus imensos
como se fosse um aquário
(enfeitando, limitado, uma sala)
(ah, a imensidão do céu!)
uma piscina no quintal
(água parada, descorada, sem vida)
(ah, tanta vida nos céus!)

ou uma gaiola
(madeira, metal, portas fechadas)
(ah, a liberdade da vastidão dos céus!).

Uma andorinha só
sente a falta sem saber o que é
sente a mágoa sem saber se é...

Uma andorinha só sabe
o quanto queria estar
voando
em bando...

Uma andorinha só sente
que a liberdade maior
é a de pertencer.



AQUECIMENTO GLOBAL

POR SILVIO PARISE

Sei que muitos ainda fingem desconhecer que o aquecimento global é um fato que, cedo ou tarde, irá acontecer. Por isso, sinceramente me surpreendo tantos seres infelizmente persistirem com esse tipo de mentalidade pois, muitos orgulhosamente declaram serem praticantes do cristianismo por isso, impressionado me admiro não verem que a própria Bíblia nos alerta exatamente em alguns capítulos intitulado extraordinariamente Revelações qual, narra sobre o iminente perigo desse absurdo aquecimento global. Daí, ignorar o que esses políticos totalmente fanáticos falam, preferindo humildemente e calado na paz do meu simples lar seguir o que Deus explicitamente determinou devido o seu imenso Amor, e fim.

VOCÊ USA A IDADE CONTRA OU A SEU FAVOR?

POR SANDRA ROSENFELD

Envelhecer é um fato. Mas o peso da idade no envelhecimento é totalmente discutível.

Há pessoas que vão mudando de comportamento conforme os aniversários. Algumas mudam para melhor, libertando-se de pensamentos e comportamentos restritivos. Outras vão criando impedimentos que só existem na própria cabeça.

Outro dia estava lendo sobre uma menina americana que, aos 15 anos, já tinha sua própria empresa nos USA e já estava rica. Porém precisava contratar uma CEO - Chief Executive Officer (Diretor Executivo) porque precisava de tempo para prosseguir seus estudos. Quando a entrevistada chegou, ficou espantada com a menina à sua frente e questionou sobre a sua pouca idade, ao que ela respondeu que idade é apenas um número.

Concordo plenamente. A idade importa muito pouco, o que faz a diferença é como usamos nosso tempo de vida. Sim, temos prazo de validade e este vai esgotar independente do que a gente faça. Então, que façamos o melhor por nós.

Há pessoas velhas aos quarenta; e outras jovens aos oitenta. E isso nada tem que ver com o corpo, mas muito com o espírito, mais precisamente o estado de espírito.

A velhice não acontece de uma hora para outra. Não

dormimos jovens e acordamos velhos. Temos tempo para envelhecer. E isso é maravilhoso, desde que tenhamos consciência disso.

Precisamos projetar a nossa velhice da mesma forma que projetamos nossa vida profissional, casar, ter filhos, etc.

Como assim, projetar nossa velhice? Alguns podem estar questionando. Está falando de guardar dinheiro, ter uma reserva? Estou falando muito mais do que isso.

Estou me referindo a viver a vida em sua plenitude. Construimos nosso futuro no hoje e não com palavras, mas com atitudes. Hoje é o futuro do ontem. Não podemos esquecer disso. Ao querermos uma velhice feliz, precisamos construir essa felicidade agora.

É comum ouvir que as pessoas se tornam seres humanos melhores ao envelhecer. Mas isso não é regra, e o que vemos, com frequência, é aquela pessoa que passou a vida criticando, reclamando, insatisfeita, ranzinza, cheia de preconceitos e limites auto impostos, piorar e muito com a idade. Então, se você quer usar a idade a seu favor, comece agora, já!





**DIA...
NOITE...
PRIMAVERA**

**POR SEMINI
KWSTA**

No cair da tarde,
Num dia de primavera.
Fiquei observando,
Debruçada na janela.
Assisti o pôr do sol,
Nunca vi coisa tão bela!
Vi as mãos do Criador,
Pintando uma grande
tela.
Com tanta serenidade,
A noite, veio com ela,
Cobriu com uma
nuvem escura,
Toda aquela aquarela.
Por um momento
então,
Eu quis sair da janela.
Mas, logo eu refleti,
E olhei com mais
cautela.
Avistei a estrela D'alva,
Que estava de
sentinela.
Neste instante então,
A lua surgiu tão bela.
Jogou seu manto
prateado
Envolvendo aquela
tela.
O céu se abriu
estrelado,
Já é noite de
primavera!



Primavera

POR ROSALINDA PESSOA MILDNER

Ela vem chegando
na metamorfose do tempo
em que as noites frias de inverno
ficam para atrás.

As árvores acordam
dos seus sonhos congelados
com um novo semblante
dos verdes cintilantes

As flores renascem
nos jardins da alegria
emanando o perfume
dos ares de suas existências.

Os pássaros cantam
uma canção saudando a vida
trazendo suas esperanças
de novos tempos



A DOR DO CRESCIMENTO

POR RENATA DAL BÓ

Há algum tempo minha filha vinha reclamando de dor na perna. Volta e meia acordava de madrugada pedindo para fazer massagem para que a dor passasse. Preocupados a levamos à pediatra e fizemos uma bateria de exames. O resultado foi negativo em todos eles e chegamos à conclusão que a dor que ela sentia era a dor do crescimento. Ah, que bom se ao crescermos a única dor que sentíssemos fosse a da perna. Crescer dói muito mais que isso. Sair da infância significa deixar de acreditar em Papai Noel e Coelho da Páscoa, perceber que contos de fada acontecem somente nos livros de história. É saber que a vida é feita de ganhos valiosos, mas também de perdas extremamente dolorosas. É deixar de sermos cuidados para cuidar. É deixar de sermos protegidos para proteger. É ter que assumir nossas responsabilidades e não simplesmente dizer que a culpa é da mãe ou do pai.

O crescimento é, sem dúvida, um processo longo e doloroso. Sair da infância para a adolescência pressupõe mudanças extremas. Externamente o corpo muda-nos sentimos desproporcionais, desengonçados - as espinhas aparecem, a voz modifica. Os hormônios ficam a mil. Internamente aparece a insegurança, começamos a sentir um medo danado de sermos rejeitados pelos amigos. Precisamos pertencer a algum grupo, ao mesmo tempo que estamos construindo nossa identidade. Todos os sentimentos são exagerados: amamos demais, morremos de tristeza, transbordamos de alegria, sentimos um ódio extremo. Às vezes todos esses sentimentos acontecem num mesmo dia. A adolescência é naturalmente o momento da contestação, da rebeldia, de transformações rápidas e profundas.

Conforme amadurecemos essa dor do crescimento vai amenizando, os sentimentos extremos vão dando lugar a um pequeno equilíbrio, que vai aumentando conforme a idade avança. E aí nos enchemos de esperança: de que as pessoas convivam bem, de que nossos filhos sejam felizes, de que ganhem na loteria, enfim, de que o mundo viva em paz.

Vocês já ouviram alguma criança dizer que “tem esperança” ou que “perdeu a esperança”. Uma vez li no livro do mestre Rubem Alves que “esperança é coisa de gente grande, que vive no tempo, o passado, o presente, o futuro. Esperança é uma fantasia do futuro que alegra o presente. Criança não tem esperança porque não precisa. Se alegra no presente. Criança está fora do tempo, mora na eternidade. Na eternidade não há tempo, não há passado, não há futuro, só o presente. Criança vive o momento.”

Justamente por isso crescer é doloroso. Ao deixarmos de ser crianças nos damos conta que temos algo a cumprir, que estamos aqui por alguma razão que não sabemos muito bem qual é. E ter esperança é fundamental, pois é uma forma de acreditar que o dia de amanhã será sempre melhor.

A [FÉ] MININA

POR ANTONIO MIOTTO

ela, na antessala da melhor idade, viveu seus amores. Já imortalizada, com suas letras vivas, publica mais uma vez: prosa-poesia. Com calma alegre, tece seus caminhos, escrevendo e lendo todos os dias.



PELAS QUATRO ESTAÇÕES

POR ASSENÇÃO PESSOA

Encontrei-me num amor de verão,
ardente calor, cresce como a planta,
e como fogo, incendeia meu coração.

Junto ao rio vi as folhas amareladas
por terra caída, em forma de manta.
Muda o tempo – vêm chuvas distraídas.

Passa o outono, a vida vai se frutificar.
E o meu amor firme, suave permanece.
Envolvo-me neste manto que me aquece,
desejo efêmero de num bailado hibernar!

Um beijo roubado numa manhã de quimera
e as borboletas coloridas rodopiam pelo ar,
para na nova estação, o casamento anunciar:
vem de branco e bouquet – é suave primavera!

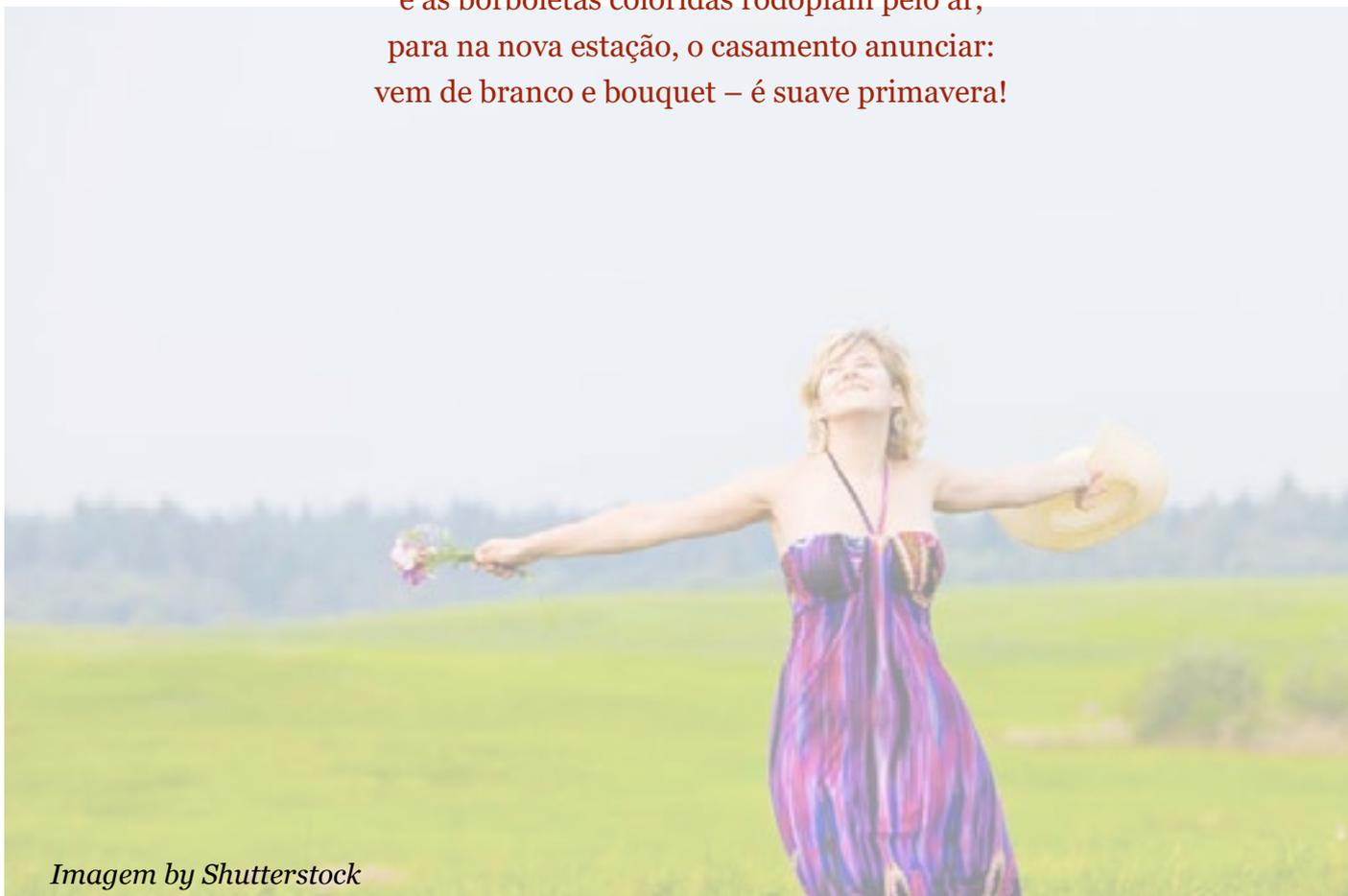


Imagem by Shutterstock

SINFONIA DAS ESTAÇÕES

POR AGLAÉ TORRES

(Eu, INVERNO, acostumei a me intrometer nas estações. Eu volto sempre! Outras estações seguiram meu exemplo e vem também se mesclando umas nas outras!)

PRIMAVERA

Em plena Primavera dias típicos de Outono! Manhãs e Tardes frias e quentes os dias! Pura imitação! Na ultima semana o Verão resolveu se antecipar dando uma amostra do que ele faria!! Adeus Primavera desvirtuada!

VERÃO

O Verão tomou conta dos meus dias! Um verãozão! Altas temperaturas. Calor sufocante. Alem do previsto! Mas desta vez esta estação honrou seu nome. As pessoas sentiam até saudade da ingerência do Inverno, mas ele se ausentou! Só fervendo de tanto calor!

OUTONO

Outono não conseguiu entrar! O verão e o enorme calor se negaram a permitir sua chegada. E o Verão intrometido, na imitação do Inverno, está permanecendo trazendo altas temperaturas apesar dos veementes protestos das pessoas suarentas e exaustas deste calorão!

O verdadeiro OUTONO:

Nas mãos do outono o vento esbraveja derrubando folhas secas e assobiando sob pés descrentes envolvendo desejos de primavera pisados num arrepio. Passeio... Pelo Parque....

Deslizo meus passos sobre o gemido das folhas secas. Paro... Um beija-flor azul passeia suas pausas esquecido de mim. De repente foge por entre a cerca verde. Desfaz-se o momento mágico.

INVERNO

Dias gelados! Tremendo de Frio... Agasalhos... Casacões, Gorros, Cachecol... Apesar do sol frio... nada aquece as pessoas! Aquecedores e Cobertores para dormir!

Últimos Dias Inverno

O Verão tomou conta dos meus dias e eu fiquei no esquecimento.

O meu tempo está findando... Resolvi reagir e tomar de volta meu lugar. a quatro dias da Primavera. No verãozão em pleno Inverno murmuravam: O Inverno acabou! Eu voltei... com muito, muito frio, pois só assim serei lembrado de novo. Arrepio as pessoas, cubro de agasalho mulheres sensuais. Pensando que sou passageiro me resistem. Em lugar do Sol um Vento gelado. Ocupo os pensamentos e ouço: Que friooooo! Feliz! Dias cinzentos ressuscitando a garoa...



SIGNO DE ESTAÇÕES

POR ALDO MORAES

Hoje é o dia da poesia iniciar-se em seu contemporâneo.

Anuncio-me com ela no perdão das águas.
Esfera das artes sobre mim.
Verão e inverno em mim...

À luz do livro dos corações da alma, o sábio pronuncia os dons que a lua guarda.
Os duendes ofertam a saga da maravilha nas rochas a rio.

Sinto a tua presença
O corpo em teu colo e minh'alma, esta alma em teu fogo.
Fogo, outono e jardins.

A poesia rompe-se os laços e há de ver e viver como poucos saciarão-se, no longo mensageiro dos astros perto de um anjo.

A poesia surpreende a velha estrada sozinha e

ama-te no carinho das boas novas e traz o pó dos cantos desta casa.

Primavera nos rios e nas serras da cidade
Ouro no fundo do arco-íris dos magos e alquimia, e o sol deixando, livre, beija-flor no encontro aos lábios de uma orquídea.

A poesia inicia-se um dia num tom dramático ou cômico.

Verbal ou criança
Singular ou aceso

E os caminhos irão descobrir a verdade duns homens.

E há por haver de querer luta e sacrifício

O sonho perdido procurando algum horizonte
Além dos vendavais

Ele vai compor uma canção de fé
Sobre a maré
Nos braços.

Poesia aventurando-se nas paredes e no tratado das ordens.

Mas não há estações

E não há poesia

O homem é um só

E a poesia não se inicia

Não se conclui.

Pois eis que vive!





REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

JÚLIA REGO

AS ESTAÇÕES DO ANO

O passar do tempo nos traz alegrias e tristezas. Como as estações do ano, nos surpreende com dias mais quentes, ou mais frios; dias mais floridos, ou dias em que deixamos nossas folhas cair.

O tempo é o determinante de tudo o que fazemos, ou que pensamos em fazer. O tempo nos transforma, seja para melhor, ou para pior, nos mostra verdades, inverdades, leva e traz amigos e amores, embranquece-nos os cabelos, alquebra-nos o corpo e dissolve a nossa memória.

Essa passagem pode ser dolorida para alguns e amena para outros, mas ninguém está imune aos seus efeitos, afinal diz-se que o tempo cura e tudo desfaz.

Nas sociedades ocidentais, o tempo é convencionalmente contado através dos calendários e, claro, da precisão, cada vez maior, dos relógios, mas as origens dessa contagem apontam para diversos mecanismos usados para medição, por vários povos. Em épocas remotas, o tempo era medido de forma simples, com base nas quatro estações do ano e em diversos outros fenômenos climáticos e astronômicos. O amanhecer e o escurecer, a observação dos períodos em que as flores desabrochavam e daqueles em que as folhas caíam, e a comparação entre períodos mais chuvosos e outros mais quentes já eram indícios de que a natureza vivia em constante e misterioso reboliço da natureza entre nós.

Com o passar do tempo, conhecimentos básicos

da relação entre a Terra, o Sol e a Lua foram necessários para o estabelecimento dos dias, semanas, anos e séculos, tais como hoje os conhecemos.

Entre os povos, os judeus contam o tempo a partir da criação do universo, que para eles teria ocorrido há cerca de seis mil anos. Os árabes têm como referência o ano em que Maomé fugiu de Meca para Medina, 622 anos depois do nascimento de Cristo. Para os cristãos, os acontecimentos são registrados entre o que aconteceu antes de Cristo (A.C.) e depois do nascimento de Cristo (D.C.), mas, há muito, que deixamos de nos guiar por esses símbolos. Quando criança, não nos damos conta da passagem do tempo. Só vivemos os dias e as noites em função das brincadeiras e da felicidade que isso nos traz, mas, à medida que crescemos e vamos nos imbuindo de responsabilidades e compromissos que demandam horários pré-determinados, percebemos o quanto ele começa a escapar por nossos dedos. Percebemos o quão precioso é esse senhor ao qual estamos sujeitos por toda a vida, seja por motivos pessoais, seja por motivos profissionais. Embora tenhamos consciência do prejuízo causado pelo nosso estilo de vida profundamente cronometrado, nada fazemos para amenizar os males que esta escravidão nos impõe.

Ao contrário dos povos antigos, nos dias de hoje, quando nos tornamos escravos desse tempo, contamos dias, horas, minutos e segundos, milimetricamente, apenas para cumprir agendas. Perdemos, assim, a capacidade de viver,

simplesmente, ao sabor do que as estações do ano pudessem nos surpreender.

O sol brilha e aquece pontos diferentes da terra, as tempestades e a neve devastam e congelam tantos outros, desabrocham flores aqui e ali, árvores se deixam carregar de frutos e não nos apercebemos do maravilhoso espetáculo com que as forças da natureza nos presenteiam de forma cíclica e, ao mesmo tempo, bela.

Não temos mais tempo para semear, não temos mais tempo para colher, não temos mais tempo para saborear, não temos mais tempo para viver.



PRÓXIMAS EDIÇÕES DO VARAL!

- Edição de junho com o tema O Lado Escuro do Ser (inscrições encerradas) com distribuição no final de maio;

- Edição de julho com o tema livre. Envie textos (prosa ou verso) até o dia 25 de maio. Distribuição no final de junho;

- Edição de setembro, com o tema Nosso Planeta. Neste número você poderá falar sobre o Planeta Terra, sobre o universo e o planeta; sobre os seres humanos e o planeta; sobre animais, defesa dos animais, flora, proteção ambiental, desastres ambientais; também poderá falar sobre lixo, reciclagem, energias alternativas, alternativas para o meio-ambiente. Solte sua imaginação, reveja a situação de nosso Planeta e envie seu texto!

Os textos deverão ser enviados para varaldobrasil@gmail.com

PRIMAVERA SEM ÓCULOS

POR JACQUELINE AISENMAN

São pássaros lá no céu?
Ou aviões longínquos que vejo mal
sem os óculos?

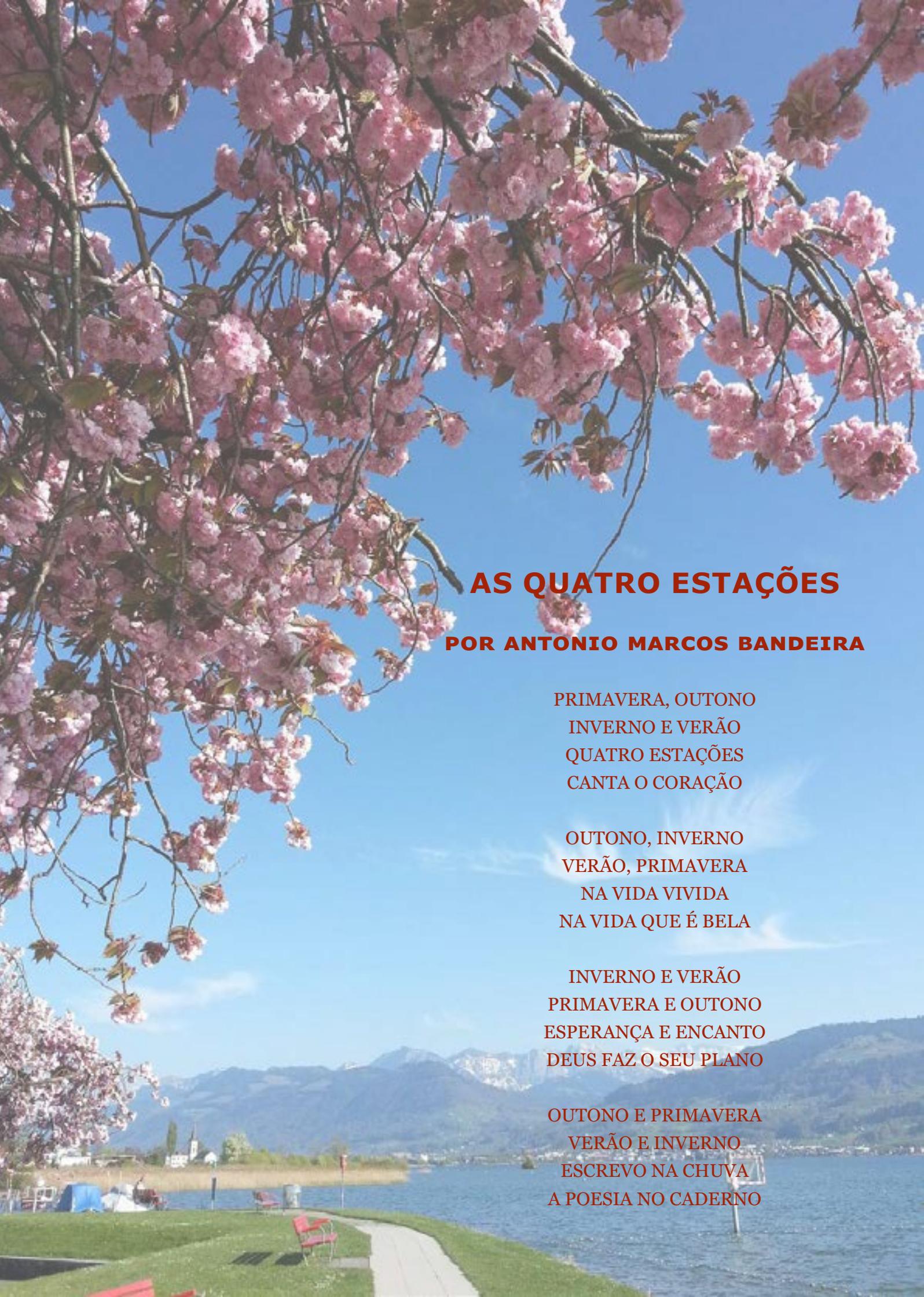
Queria que fossem pássaros
como queria que fossem flores
os papéis jogados no chão, estes
que vejo mesmo
sem os óculos.

Busco um jardim, uma primavera,
um tempo bom.

Busco com os olhos cansados
e com eles acabo enxergando
o que quero, apenas o que quero.

Então eu aceito, eu quero:
é primavera no meu jardim
é primavera nos meus olhos!





AS QUATRO ESTAÇÕES

POR ANTONIO MARCOS BANDEIRA

PRIMAVERA, OUTONO
INVERNO E VERÃO
QUATRO ESTAÇÕES
CANTA O CORAÇÃO

OUTONO, INVERNO
VERÃO, PRIMAVERA
NA VIDA VIVIDA
NA VIDA QUE É BELA

INVERNO E VERÃO
PRIMAVERA E OUTONO
ESPERANÇA E ENCANTO
DEUS FAZ O SEU PLANO

OUTONO E PRIMAVERA
VERÃO E INVERNO
ESCREVO NA CHUVA
A POESIA NO CADERNO

AS QUATRO ESTAÇÕES

POR BENETTE BACELLAR

I VERÃO

as acerolas nos lábios do verão
partidas em pedaços
matavam a fome do teu nome

vivíamos indecentes
provocávamos o caos
nem escondíamos segredos

éramos canibais sob a lua mansa
brigas de amor que nunca evitávamos
quando cinza era o céu

descobríamos a queda da energia
e todo o desencanto
na boca do nada

II

PRIMAVERA

umedece doçura
floresce quando seu nome
ele sussurra

III

INVERNO

os panos voam nos varais
ventos atijam ideias



desarrumam a vida
deixam sem rumo, sem nexo
árvores e marés em desalinho
rodopiam folhas entre os bambus
bagunçam dia e noite
na madrugada dos tropeços
amanhecem os fortes

IV

OUTONO

guiam-me ao delírio
meus olhos em abril

acordo ardente
perco a voz

entro sem bater
sinto desejos

os seios nas tuas mãos
pernas entrelaçadas

e a definitiva certeza
em teu corpo de outono

germinei



OUTONO

POR BERNADÉTE SCHATZ COSTA

Era inverno
Quando recebeu o convite
Para trilhar uma nova estrada.
Uma vereda, natural, de terra.
Caminhou lentamente
Toda a estação.
Sentiu o vento frio
Açoitando o coração.
Com o calor do corpo
Secou a chuva fina
Que tocava sua pele.
Viu a água gelada
Das tempestades,
Misturar-se às lágrimas
No rosto, ainda,
Marcado pela tristeza.
E o som dos trovões
Sacudir todas as mágoas

Guardadas no íntimo.

Enquanto andava
Uma leve brisa
Abriu o peito,
Então pôde desfrutar
O ar puro, que o percurso trazia.
Ao respirá-lo e expirá-lo
Limpou quase todas as tristezas.
Entraram em sua'lma
As essências da natureza,
Os perfumes de todas as flores,
De todas as árvores e verdes.
Era a estação das cores.
Era primavera.

Um aroma especial
Aguçou o olfato.
Uma fragrância diferente, única
Era um perfume inquietante
Que tornava cada movimento instigante.
Passo a passo seguia o caminho,
Deixou-se energizar.
Então, ouviu as águas de um riacho.
A paixão pela vida
Movia cada articulação
Rumo às impressões do mundo.
Os olhos buscavam materializar
Aquele som, agora
Misturado ao cheiro da terra.

Na emoção daquele momento
O fluxo cardíaco era tal e qual
O curso da doce água que deslizava
Por sobre as pedras
Do riacho avistado.
Suas pequenas rochas
Eram como as adversidades do dia a dia
E faziam com que a água
Encontrasse a dificuldade necessária
Para compor uma sonata melodiosa.
E assim seguir seu rumo
Em direção ao mar.

Ao pisar os pés na maciez
Daquela corrente
Refrescou o calor que o corpo guardava
Trazido daquela tarde de verão.

Despiu-se, então de todos os pudores
Entregou-se àquela vastidão
Típica da paixão,
E sem medo, deixou-se banhar por inteiro
Nas águas da felicidade.
Instante que sentiu
O abraço dos átomos, partículas vitais
Que entrelaçaram seu corpo
Estimulando o tonos.
Foi quando percebeu
Uma respiração suave
Próxima aos ouvidos,
E o calor de outro rosto
Convidando para um longo beijo,
Prenuncio de um lindo outono.
E muitas estações...



VARAL DO BRASIL

**DE GENEBRA PARA
VOCÊ
ONDE VOCÊ ESTIVER!**



A PROTEÇÃO DOS ANIMAIS PASSA POR VOCÊ!

Não compre animais, adote! Não abandone os seus animais! Ajude como puder, mas não deixe de ajudar os animais que estão perdidos nas ruas pelo descaso do ser humano: castração, alimentação, carinho, um pouco de água... Ajude!

Venha participar da revista Varal do Brasil! As inscrições estão abertas para nossas próximas edições:

- Julho, com tema livre;
- Setembro, quando falaremos do nosso Planeta Terra (preservação, amor pelo Planeta, a fauna, a flora, a defesa dos animais, proteção do meio ambiente, desastres naturais e causados pelo homem, etc.).
- Outubro, quando traremos uma edição especial sobre o Livro! (Falaremos de livros impressos e digitais, leitores, editores, escritores, gêneros e estilos literários, a importância da leitura e muito mais!)

Textos para o e-mail varaldobrasil@gmail.com



AS QUATRO ESTAÇÕES

**POR ELIZABETH A. C. M.
FONTES**

Se há uma canção
Entardeço em verão.
Se bela, a flor ou a hera,
Amanheço em primavera.
Se o frio se faz terno
Aconcheço-me de inverno.
Se amarelo no outono
Adormeço de abandono.

Anoiteço
Em todo começo
De estação.

AS 4 ESTAÇÕES

POR CARLA DE SÀ MORAES

Todos nós estudámos as estações do ano! Sabemos que são 4, Primavera, Verão, Outono, Inverno e que, é devido ao movimento da Terra à volta do Sol, composto pelos Equinócios da Primavera e Outono e os Solstícios de Verão e Inverno.

Cada estação dura mais ou menos 3 meses e todas têm características e fins diferentes.



A Primavera tem início a 21 de Março e vai até 20 de Junho.

É a estação da renovação.

As temperaturas adoçam-se. Toda a vegetação do Reino Vegetal desabrocha de novo para a vida com força e perseverança!

Assim somos nós, quando reunimos todas as nossas forças para fazer face e ultrapassar situações difíceis.

A Primavera dá-nos esta vontade de viver, de partir para a luta, de afrontar tudo e todos com o único objectivo de vencer.

O Verão tem início a 21 de Junho e vai até 20 de Setembro.

É a estação do bem-estar.

As temperaturas são altas e convidam-nos para passatempos descontraídos e divertidos com uma ponta de despreocupação.

A vida fica mais fácil e alegre, ligeira e suportável e os problemas menores são inscritos numa lista de espera.

O que mais queremos é aproveitar o Sol, os dias longos com passeios à beira-mar ou à beira-lago, as esplanadas coloridas cheias de pessoas sorridentes e amistosas.

O brilho do Sol e o seu calor reflete-se em nós.



O Outono tem início a 21 de Setembro e vai até 21 de Dezembro.

É a estação da sabedoria. As temperaturas são amenas e a Natureza contempla-nos com um dos seus mais belos espectáculos.

Florestas e vegetações inflamam-se em cores majestosas. É um momento único de rendição e aceitação do que está para vir.

Para nós também se torna um momento de intro-inspecção.

Um balanço que se faz dos meses anteriores, do que fizemos ou dissemos, mas o mais importante é, de como o fizemos ou de como o dissemos. É o momento de (re)aceitarmos quem somos e de nos prepararmos para as batalhas da vida.



VENHA TAMBÉM



Curta nossa página no Facebook e envie fotos e sinopses de seus livros para divulgarmos gratuitamente! Você também pode enviar textos, convites para exposições, eventos culturais e outros!

<https://www.facebook.com/varaldobrasil/>

Participe também de nossos Grupos no Facebook, Grupo Varal do Brasil, onde temos oficinas literárias criativas e todos podem publicar seus eventos culturais, divulgação de livros e artes em geral e também seus textos!

<https://www.facebook.com/groups/varaldobrasil/>

Venha fazer parte do Grupo Divulgação de Eventos Culturais e Artísticos na Europa, mais uma iniciativa do Varal do Brasil!

<https://www.facebook.com/groups/eventosliterariosnaeuropa/>

E em nosso site você encontrará fotos, vídeos, todas as edições da revista Varal do Brasil, além de muitas informações sobre nossas atividades. Visite, divulgue, chame os seus amigos!

www.varaldobrasil.com

Para falar conosco e/ou enviar textos, use o e-mail varaldobrasil@gmail.com



O Inverno tem início em 22 de Dezembro e vai até 20 de Março.

É a estação da resignação.

As temperaturas são frias, glaciares em certos lugares e a Natureza adormece num sono obrigatório, debaixo dos mantos de neve. Certos animais hibernam e nós, temos que ir buscar o ânimo e força de vontade nas recordações das outras estações.

Tornamo-nos mais circunspectos, O Inverno ajuda a reflectir, a meditar no que somos e porque somos.

Ficamos vulneráveis e sensíveis e preparamo-nos para a chegada do Natal que inspira os nossos sentimentos altruístas.

As 4 Estações fornecem ao Universo o equilíbrio que ele necessita ajudando-nos a encontrar o nosso!



CANTINHO DAS PALAVRAS

MARIA
DELBONI

O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

O novo acordo ortográfico é uma realidade, não adianta espreitar, reclamar ou tentar burlar – temos que usá-lo. Implantado em 2009 ainda hoje seu uso causa polêmica. Vamos tentar ver como se pode simplificar ou não, este assunto. Acentos devem servir para direcionar a pronúncia. Se o falante é nativo já ouviu com certeza dezenas de vezes as palavras “árvore; lâmpada ou bêbado” por isso ele sabe como pronunciá-las quando as encontra escritas. São palavras proparoxítonas que a regra diz que devem ser acentuadas e por isso não trazem problemas para o leitor; todos vão ler estas palavras acentuando a antepenúltima sílaba, ainda que o leitor seja um aprendiz estrangeiro, porque já lhe ensinaram que a sílaba que leva o acento deve ser a sílaba pronunciada mais forte.

O problema vai aparecer com as palavras proparoxítonas que apresentam regras diferenciadas por exemplo – as palavras terminadas nos ditongos “ei e oi” antes acentuadas não mais o são.

Deve-se escrever “Jiboia; Estreia; Ideia; joia” assim sem acento. Guardando estas duas últimas palavras é possível fazer transferências. Se ideia não tem acento, europeia também não deve ser acentuada, se joia não tem acento Troia também não será acentuada. Para o leitor aprendiz estas palavras sem o símbolo gráfico na sílaba tônica, pode causar poucos proble-

mas, porque já lhe disseram certamente que a maioria das palavras do vocabulário português é proparoxítona, assim a falta do símbolo gráfico na sílaba tônica não trará grandes erros, a tendência será ler as palavras como proparoxítonas. Vamos conferir, em uma sala temos: janela, porta, cadeira, mesa, lustre, azulejo, teto, parede, todas palavras proparoxítonas. As palavras proparoxítonas vão continuar sendo acentuadas quando terminarem em:

l, -n, -r, -x e -ps:

amável	dócil	Cármem	cadáver
ímpar	bíceps	almíscar	
fórceps	éden	túnel	ônix
açúcar	tórax	hífen	

As proparoxítonas que apresentam à sílaba tônica as vogais a, e, o, i ou u e que terminam em –ã, –ão, –ei, –i, –um, –uns ou –us:

órfã	sótão	órfão	jóquei	amáveis	fósseis
beribéri					
júri	álbum	fóruns	íris	húmus	vírus
lápiz					

O USO DO ACENTO CIRCUNFLEXO:

1. As palavras proparoxítonas em que a sílaba tônica sejam vogais fechadas com a grafia a, e, o e que terminam em –l, –n, –r ou –x:
cônsul, têxtil, cânion, plâncton, âmbar, câncer, bômbix

2. As palavras paroxítonas em que a sílaba tônica sejam vogais fechadas com a grafia a, e, o e que terminam em – ão, eis, i ou us: bênção, cômão, zângão, fôsseis, têxteis, ânus.

Algumas palavras terminadas em ia – io trazem dúvida quanto à pronúncia podendo constituir ditongos ou hiatos, se hiatos deveriam ser acentuadas como por exemplo Historia, his-tó-ri-a, e Colegio, co-lé-gi-o – proparoxítonas na pronúncia, e, como proparoxítonas são acentuadas; ou his-to-ria, co-le-gio, onde ia e io seriam ditongos, pronunciados em uma só emissão de voz, e como ditongos não seriam acentuadas.

As palavras oxítonas continuam levando o símbolo gráfico quando terminadas em “a, e, o” “sofá, sapé, jiló” e continuam sem este símbolo quando terminadas em “i, u” Tupi, Tatu exceto quando formarem hiatos – duas vogais juntas que devem ser pronunciadas separadas como em “Itaú” ou “Itajá”. É preciso seguir as regras, que nem sempre são sensatas. Se o que se quer é direcionar a pronúncia, ajudar para que o aprendiz pronuncie corretamente quando diante de uma palavra desconhecida, sem o símbolo gráfico na sílaba forte, a tendência deste aprendiz é pronunciar a palavra como paroxítona pois como citado antes, elas são maioria no léxico português. Se ele não conhecer “tatu” ele poderia ler a palavra com a sílaba forte em “ta” o mesmo para Tupi que seria lido com a sílaba forte em “tu”. Ainda como idiosincrasia os hiatos perdem o acento quando depois de um ditongo: “baiúca; bocaiúva; feiúra.” Devemos lembrar que temos no português tritongos: “desiguais, iguais, Paraguai”, que são pronunciados em uma só emissão de voz. Então os exemplos de hiatos acima, feiura etc. seriam transformados em tritongos na fala de um aprendiz estrangeiro.

Ainda outra – as vogais dobradas “creem”, veem”, ”vo”, perdem o sinal gráfico, como também o perdem os homônimos para diferenciá-los de categoria gramatical – o “pelo” substantivo do “pelo” preposição; o “para” verbo para, “para” preposição. Duas situações

diferentes. Se a preocupação é a pronúncia correta a falta do sinal gráfico nos vogais dobradas vai transformá-las em ditongos, que são uma vogal e uma semivogal pronunciadas em uma só emissão de voz, e a leitura seria diferente da correta quando se deve pronunciar as duas vogais separadas, como um hiato; no caso das homônimas a falta ou não do diacrítico não leva à mudança na pronúncia e a diferença de sentido se faz no contexto.

Contudo o contexto não serve para direcionar pronúncias como o caso de palavras com trema. O trema em tranqüilo impediria sua leitura para tranquilo, pronúncia que se dá ao dígrafo “qu”, quando se compra um quilo de carne. A transformação do hiato da primeira, em ditongo não é própria da língua portuguesa, em tranquilo, u e i são realmente vogais que devem ser pronunciadas separadas. Enfim, reformas nem sempre ajudam em sua totalidade.



AJUDAR OS ANIMAIS É FAZER JUSTIÇA PARA INOCENTES!

Muitos falam que há gente precisando de ajuda então os animais não merecem tanta atenção. Mas na verdade todos merecem atenção, ajuda e carinho. Todo ser vivo merece uma vida digna. Mobilize-se, mobilize seus amigos: os animais não têm voz, sofrem em silêncio, morrem sem justiça e sob maus-tratos. Ajude!

O OUTONO

POR CARMEN LÚCIA HUSSEIN

O outono está para chegar
O vento bate forte nas árvores
As flores começam a murchar
E a cair das plantas
Os frutos caem dos galhos pela brisa
Logo o outono está para chegar
Logo o inverno virá
Minha alma segue a natureza
Sinto o coração angustiado
E triste com esta estação
Como gosto da primavera
E do verão
Em que a natureza é verde
E mais florida
E a estação é mais alegre
E faz o coração cantar
Com a visão da bela paisagem!



Imagem by Shutterstock

A GRANDE MESTRA

POR CAROLINA RAMOS

Não temas que o Destino te atraíçoe
pondo pedras demais no teu caminho.

Usa as pedras que acaso ele te doe,
e, ao construir, não estarás sozinho!

Se Deus te deu a luz da inteligência
e o poder de ir e vir em liberdade,
tens o solo, a semente e com paciência
um dia hás de colher felicidade!

Não creias, por temor e covardia,
que só o Destino teu porvir decida!
- Destino tu constróis, a cada dia!
E a Gran Mestra da Obra é a própria Vida!

BORBOLETAS

**POR CERES MARYLISE
REBOUÇAS**

Belas, suspensas no tempo,
folhas de outono no vento,
cintilantes nos contornos
de suas asas douradas
em graciosos movimentos.
Fico olhando seus ritmos
guiada por suas levezas
e me dou asas também:
esqueço minhas fraquezas,
fraquezas que todos têm.





AS QUATRO ESTAÇÕES EM VENEZA

**POR ANTONIO VENDRAMINI
NETO**

Veneza é uma cidade Italiana deslumbrante, situada na bela região do Vêneto, conhecida pela sua história, onde os canais majestosos dão um toque de magia e encantamento. Possui também vários museus e monumentos. Seu nascimento surgiu de um arquipélago no noroeste do Mar Adriático.

Reina absoluta como uma das mais importantes da Europa. Apresenta-se em uma trajetória rica e um império na época de influência mundial, comandada pelos seus Doges, uma espécie de líder, com poder absoluto como o de mandar prender e matar as pessoas que atrapalhassem seus interesses, trancafiando-os na famosa Ponte dos Suspiros, de onde eram levados ao calabouço, tendo suas cabeças decepadas pelo carrasco, dando ali, o “último suspiro”, por isso, a ponte leva esse nome.

Da imensa praça, denominada de São Marco, vislumbra-se a imensa basílica. Em seu alto, estão postados quatro imensos cavalos de bronze, que dominam o panorama, parecendo, ao longe, estarem sempre trotando com as patas ao ar e envoltos por nuvens, dando a impressão que estão presentes em todas as estações do ano.

Dos muitos monumentos e locais turísticos, a Ponte de Rialto é uma atração imperdível, situada sobre o imenso canal, onde, por suas águas, percorrem todos os tipos de embarcações.

É muito conhecido nas artes o Festival de Cinema, a grande Bienal, a Regata Histórica e o Carnaval, com moradores e turistas vestindo imponentes fantasias da época. À noite imperam os cassinos, onde os jogadores disputam fortunas, ao som de pequenas orquestras medievais e ao lado de belas mulheres. Alguns poucos que conseguem ganhar, deixam para a Prefeitura pesados impostos.

Os passeios diurnos e noturnos sobre as gôndolas proporcionam aos casais emoções e êxtase

que, ao som de músicas tradicionais cantadas pelos gondoleiros, trocam beijos apaixonados. Ali nasceram vários papas, arquitetos, pintores e também o mestre Antonio Vivaldi, onde viveu por vários anos, compondo a imortal “Quatro Estações”.



Imagem by 2011 Chene Beck

INVERNO...

Mãos trêmulas no gélido ar.
Sopra forte e cortante o vento europeu.
Recôndito... Esfrego as mãos ao pé da lareira.
Lá fora, cai uma neblina fina.
Parecendo uma garoa sobre o chão nevado...
Olho essa paisagem sobre uma vidraça
embranquecida

Na sala atapetada, bate forte o coração.
Ouço o som suave e cadenciado de uma
gravação...
É Vivaldi com o tema Inverno das quatro
estações.

VERÃO...

Diviso ao longe sobre um vaporetto a bela
Rialto
Ponte de pedra em arco

Caminhos de uma época
Rumo à Basílica de São Marco

Paisagem delirante e inebriante
Inspiração de pintores e grandes amores

Por suas águas passam gôndolas
Transportando casais apaixonados
Com suaves suspiros e som contagiante...

Procissão de gondoleiros
Transportando personagens
Máscaras e trajes do glorioso passado
Ao carnaval e ao Festival de Cinema
Histórias contadas da cidade dos Doges...





Imagem by yellowj - Fotolia

CONFUSÃO ESTACIONAL

POR ASSENÇÃO PESSOA

Cinco estações... Três estações...
Tempo quente... Tempo frio...
Ou tempo chuva e grandes emoções?
Nossa! Me deu até um arrepio!

Tempos quentes: amores calientes
Primavera, Prima Vera. Primeiro verão.
Æstivum, sem vibração ao sol poente,
Outono, Tempos Veranus. Frutificação.

Tempos frios: inverno à vista, por acaso
Tempus Autumnus. Vem o deus Rá
o Astro Rei, O Sol do tempo do ocaso,
mergulhar no horizonte para descansar.

Tempos Hibernus, ar infértil, poder da neve.
Quatro estações que no Brasil nos deleita,
a Deus se agradece o que por si só, se enfeita,
com o milagre do florescer, do alimento e da prece.

GAZAL DAS ESTAÇÕES

POR ANA ROSENROT

Outono, inverno, primavera, verão...
Estações de nossas vidas que vem e vão...

Quero estar ao seu lado...
Juntos e felizes, nos amando em cada estação...

Na primavera tudo são flores...
Renascimento, cores, perfumes, ressurreição...

No outono as folhas caem...
Valsando com o vento em turbilhão...

Também vou dançar com a música dos ventos...
Rodopiando em ondas de paixão...

Inverno de geada, céu cinzento...
Dia lento, relógio parado, escuridão...

Quero seu corpo pertinho, aconchegado...
Aquecendo o frio do meu coração...

Verão, calor, muito sol, muita sede, pouca roupa...
Praia, amor, luxúria, eterna perdição.



LUPA CULTURAL

COM

ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)

ELA LIA, ELE LIA, PARA MINHA ALEGRIA...

Em meio a febre tecnológica que observamos hoje em dia, torna-se cada vez mais raro ver cenas como a que pude me deliciar esses dias atrás...

Primeiro foi a de observar um rapaz lendo nada mais, nada menos, que um livro de papel e, passem todos, de célebres autores como Hamlet. Ele lia, com esboços na expressão facial: “A divina comédia”, do autor citado e dramaturgo inglês; “As aventuras de PI”, que virou filme com Oscar de melhor diretor e tudo para Ang Lee; e outros livros que sempre vejo o rapaz ler.

E para um escritor é uma grande satisfação. Segundo e nem menos interessante, está numa garota, linda e simpática atendente de uma clínica que me trato, que, na hora do almoço, estava lá sentada com uma “sobremesa nada convencional: um livro. Infelizmente não pude ver de qual título se tratava, mas mesmo assim, vi o quanto a fazia bem com sua expressão facial, sorrindo, como se estivesse sob o efeito anestésico de uma maravilhosa história. É maravilhoso observar que ainda tem gente que lê. E da forma mais tradicional possível: um livro de papel e letras. Uma felicidade contemplar esses momentos na vida das pessoas, o que me faz ter ainda mais desejo de continuar na luta da escrita.

Falando em leitura, segundo um ótimo artigo do site da Revista Exame de 22/02/2015, do jornalista Maurício Grego, “ler e escrever no papel faz bem ao cérebro, diz estudo”.



Nessa reportagem, cita essa como a opinião da linguista americana Naomi Baron que fez a descoberta de que ler e escrever no papel é quase sempre melhor para o cérebro.

Naomi estudou os hábitos de leitura de 300 estudantes universitários em quatro países – Estados Unidos, Alemanha, Japão e Eslováquia. Ela reuniu seus achados no livro “Words Onscreen: The Fate of Reading in a Digital World” (“Palavras na Tela: O Destino da Leitura num Mundo Digital” – ainda sem edição em português). Desse número de pesquisados, 92% dizem que é mais fácil se concentrar na leitura ao manusear um livro de papel do que ao ler um livro digital.

A pesquisadora detalhou numa entrevista ao site New Republic, o que os estudantes disseram sobre a leitura em dispositivos digitais: “A primeira coisa que eles dizem é que se distraem mais facilmente, são levados a outras coisas. A segunda é que há cansaço visual, dor de cabeça e desconforto físico”. Esta última reclamação parece se referir principalmente à leitura em tablets e smartphones, já que os e-readers são geralmente mais amigáveis aos olhos.

Segundo Naomi, embora a sensação subjetiva dos estudantes seja de que aprendem menos em livros digitais, testes não confirmam isso: “Se você aplica testes padronizados de compreensão de passagens no texto, os resultados são mais ou menos os mesmos na tela ou na página impressa”, disse ela ao New Republic.

Mas há benefícios observáveis da leitura no papel. Quem lê um livro impresso, diz ela, tende a se dedicar à leitura de forma mais contínua e por mais tempo. Além disso, tem mais chances de reler o texto depois de tê-lo concluído.

Já em relação ao escrever, uma descoberta um pouco mais surpreendente é que escrever no papel – um hábito cada vez menos comum – também traz benefícios. Naomi cita um estudo feito em 2012 na Universidade de Indiana com crianças em fase de alfabetização.

Os pesquisadores de Indiana descobriram que crianças que escrevem as letras no papel têm seus cérebros ativados de forma mais intensa do que aquelas que digitam letras num computador usando um teclado. Como consequência, o aprendizado é mais rápido para aquelas que escrevem no papel.

Fiquei maravilhado com tal estudo que confirma toda a importância da leitura para todas as idades, embora fala mais do meio universitário, incluindo as crianças, mas que também vale e muito para os adultos e idosos que podem se beneficiar, e muito, dessa prática tão salutar.

E, como não poderia deixar de fazer, encerro com o que disse importantes personalidade sobre a leitura:



- “A leitura é uma fonte inesgotável de prazer mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.” (Carlos Drummond de Andrade, poeta)

- “A leitura engrandece a alma.” (Voltaire, físico)

- “Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história.” (Bill Gates, dono da Microsoft)

Leia, leia, leia... e não se arrependerá jamais desse precioso “vício”.

Um forte abraço do Rofa!

* *Escritor, jornalista, autor do lançamento infantil “Rofinha e os amigos de oito patas” (Garcia, 2015), do livro-duplo infantil “O super-herói do Natal/Presentão do Natal” (Garcia Edizioni, 2014), de “Crônicas, poesias e contos que u te conto...” (Literarte, 2014), lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2014 e de “Mídia, bênção ou maldição?” (Quártica Premium, 2011); colunista do “Jornal Sem Fronteiras”, da “Revista Varal do Brasil” e do site “Divulga Escritor”; participações em diversas antologias no Brasil e exterior; vencedor de prêmios literários e culturais; membro de várias academias literárias brasileiras e mundiais.*

O que achou da coluna “Lupa Cultural” e deste texto? Contato por e-mail:

rofa.escritor@gmail.com ou pela fanpage Escritor Rofa ou pelo site www.rofa.com.br

O ESPECTRO SAZONAL

**POR CRISTIANE VIEIRA DE
FARIAS**

No hibernu deste espectro
Fluía nevasca neste âmago
 Dos pólos existenciais
 As meias aquecem os pés
E a pulsação era cubo de gelo

Lareira e gorros, cobertor
 O arroxear dos dedos
Meu álgido mapa corporal
 Habitante fria solidão

Primo vere, quase flor
Os lírios confessos da lágrima
Me presentearam com violetas
 E um babilônico suspenso
 formou-se na face minha



Festins, pássaros cantores
 e cores em cartela
Ninho do repouso de cabelos
 E cenário do meu florescer

Marejando em meu ritmo
Piscina e veranum, você me roubou
 Enterrou meu tom depressivo
 E num afogar delicado, soltou-me

Nas escritas dos calores,
 As praias do ser confesso
Época do meu nadar amores
 Quentura do despertar cedo

O súbito despencar de minhas folhas
A margem dos poemas de meu amadurecer
 Frescor agridoce da morte autumnal
 Não permite duração excessiva

Estação metade das tuas quatro
 Brasa, congelar, pinturas e cair
Metade estação do seu completo
 Incêndio, flocos, beija-flor e desalento.



ANUNCIANDO A PRIMAVERA

POR NOEME ROCHA DA SILVA

Fogo muito fogo
O cerrado geme calado
Vento muito vento
Em cada sonho queimado...
O cerrado pouco sabe
Dos palácios congelados
O cerrado geme desconfiado
Com seus filhos abandonados.
O cerrado todo dia, ainda
Dá um belo salto
Caliandra chama pra ciranda
Seu povo animado do planalto.
Já era o tempo torrado
O chão morto cinzento
O cerrado se recupera
Sai do carvão do momento.
O cerrado se regenera
E canta com o vento
Anunciando a primavera
A gente nem acredita...
Com tanto buriti em festa
Lobo-guará bonito na fita
O ipê-amarelo levanta a testa
E bota Brasília nos ombros
Para arrumar a orquestra da esperança
Para tirar os olhos dos escombros
Brasília pula, canta e dança.



Imagem by Rosario Xavier



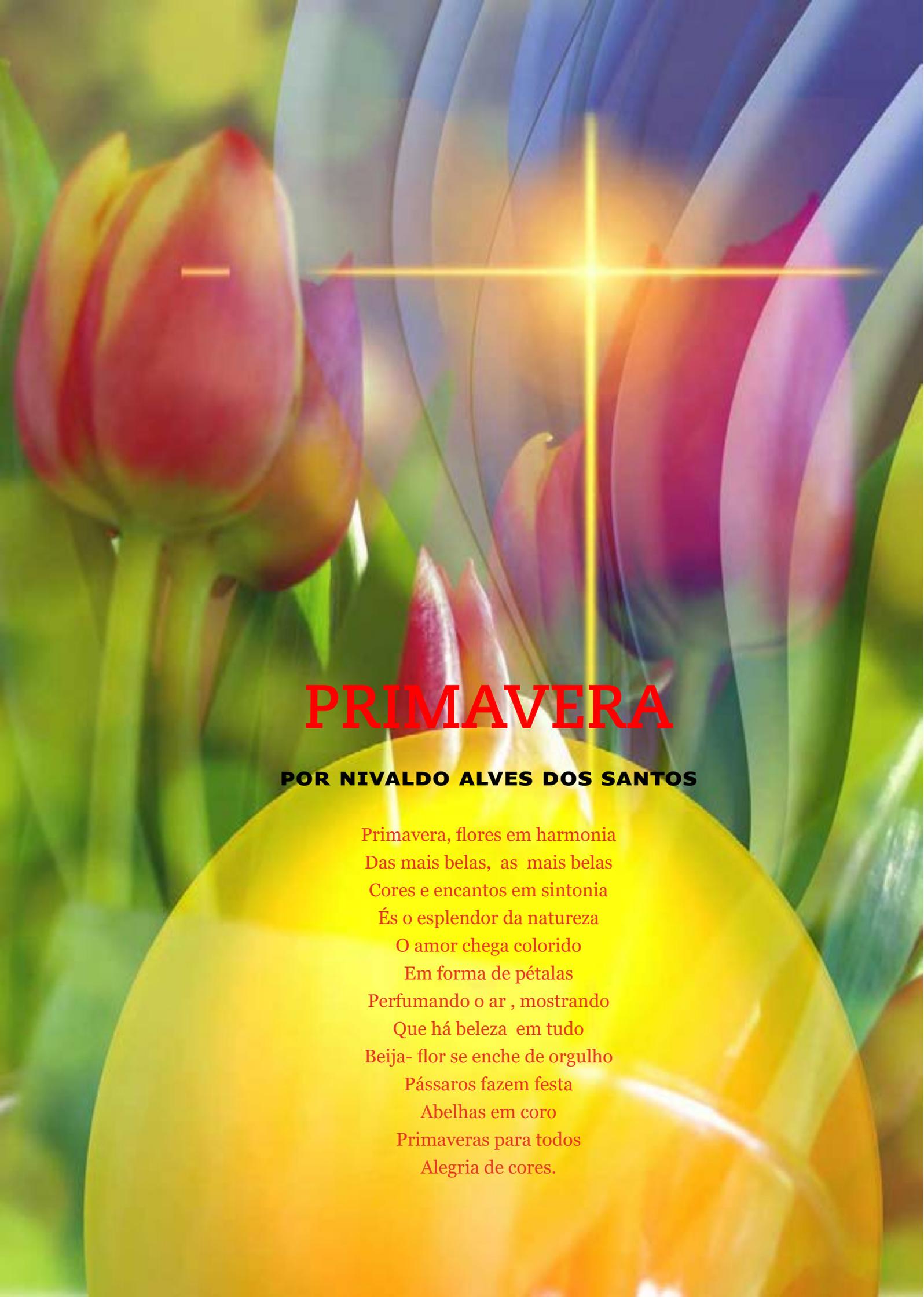
Imagem by Valeria Rodrigues



PRIMAVERA NO CORAÇÃO

POR TEODORA URSINO

No jardim da primavera
foi colhida a mais bela rosa...
É a flor que enfeita o coração dos amigos.
Viver é viver o prazer
de estar em sua companhia.
Suas palavras vão além
das explicações, narrações, falações.
Suas palavras são aquele leve sereno
da poesia amiga,
são palavras que saltam da alma,
lindos sorrisos todo santo dia.
Sua simplicidade conquista e cativa a gente.
Sua alegria se transforma na alegria dos amigos.
Agradeço a Deus, Leonor,
no fundo do meu coração,
por sua amizade, nossa amizade.
Agradeço todos os dias de minha vida,
você mora no jardim do meu coração.
Para sempre, suas crônicas me fazem
viajar para o Paraíso, muito obrigada!



PRIMAVERA

POR NIVALDO ALVES DOS SANTOS

Primavera, flores em harmonia
Das mais belas, as mais belas
Cores e encantos em sintonia
És o esplendor da natureza
O amor chega colorido
Em forma de pétalas
Perfumando o ar , mostrando
Que há beleza em tudo
Beija- flor se enche de orgulho
Pássaros fazem festa
Abelhas em coro
Primaveras para todos
Alegria de cores.



PRIMAVERA

POR DENISE BRAGA

Época de florir!
Que o perfume das flores
Seduza nosso ar
Que as cores,
Pintem novos sorrisos e
esperanças.
E que a beleza da primavera
Modifique nossas vidas!
Um caminho florido
Espera de nós
Boas sementes, adubo e cautela
Sempre regado com o dom de
viver...

HAIKAIS DAS ESTAÇÕES

**POR CLEVANE PESSOA DE
ARAÚJO LOPES
(HARUKO)**

Sol em Esplendor:
Ouro cobre uma terra seca
Inútil beleza ...

Destruidora Chuva ... Chiva ...
-na terra, vorazes Bocas,
bebem, armazenam.

Neve em muitos xales
abaixo do zero, graus
artistas registram

Plenilúneo-mel
derrama-se sobre a Terra.
Poetas, acordem!

Artista Invisível
colore uma floração
-eclode primavera ...

No ar, frutas maduras
perfumam o novo outono
abelhas celebram.



AS QUATRO ESTAÇÕES

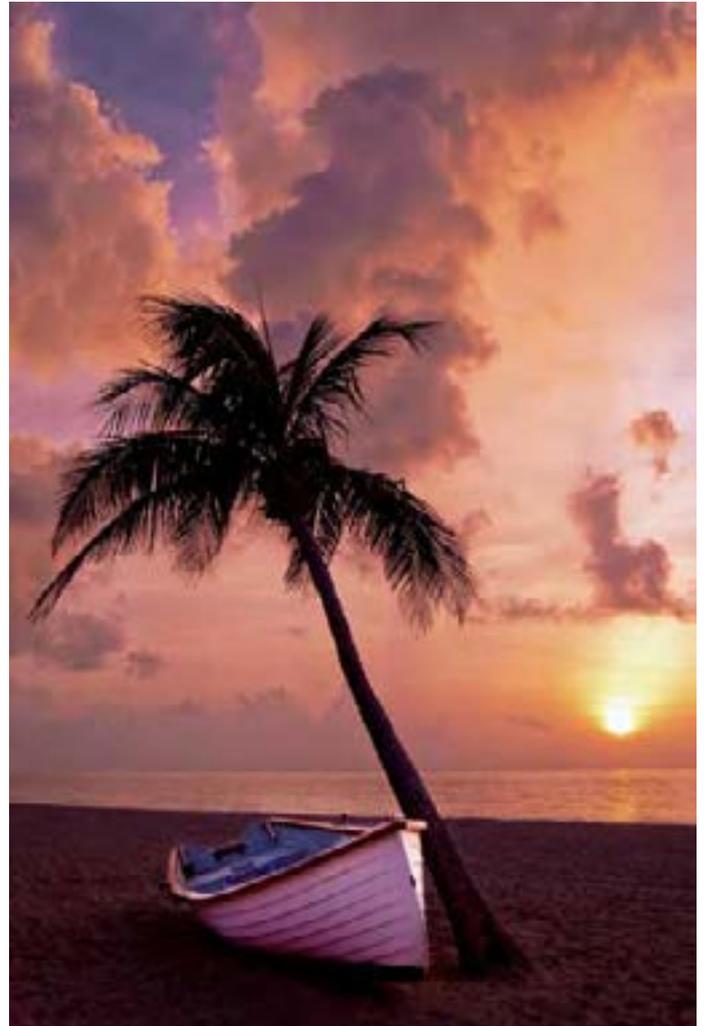
POR ELISA ALDERANI

PRIMAVERA

Escutando a música de Vivaldi me situo no caminho inverso da vida. Volto ao tempo da primavera, quando tudo em minha volta estava florido, perfumado e belo. Vejo-me sentada na grama perto dum canteiro de gerânios vermelhos, construindo sonhos de criança. Poucos brinquedos, mas muita liberdade para brincar ao ar puro da montanha. Não havia ambições de ter, bastavam poucas coisas para ser feliz. Ouvia pássaros, me encantava olhando as cores das asas das borboletas; agradava-me o perfume da grama recém-cortada. A primavera de minha vida é inesquecível. Tantas lembranças preenchem de infinita harmonia o coração, como esta música, penetrando docemente meu ser de outrora.



Imagem by Adina Voicu



VERÃO

O tempo do dever chega repentinamente, o sol está alto no céu. Tudo arde, chegou o verão! Estudo e trabalho, juventude ativa, sem muitas diversões. O olhar fica atento às mudanças, os sonhos da juventude se multiplicam. A música muda o ritmo. Amores platônicos, lindos! Olhos que se encantam, sem saber o porquê. O coração explode a procura de algo, sem saber que é o amor. Arde o verão da vida. As tempestades, de repente, chegam. A chuva de verão passa rápida. Tudo se renova depois do temporal. A realidade pede uma escolha. O verão parece avançar lento, o ar mais quente, a fruta está madura. O encontro com o amor muda o ritmo da música, doa alegrias e lágrimas. A responsabilidade preenche o cesto das frutas para serem saboreadas, nem sempre doces, às vezes amargas. A vida parece parada nesta estação por mais tempo...

OUTONO

Os dias encurtam o passo, e o outono chega sem pressa. Ocorrem mudanças.

Também as cores da natureza mudam. O bosque fica silencioso, devagar se despe das lindas cores outonais. O vento é culpado por isso, ele derruba as folhas uma a uma, cobrindo o chão árido; soprando uma música diferente. Tudo parece mudar. As flores murcharam, perderam o viço, como o amor, por falta de cuidados. Outono da vida! Somente quem sabe admirar com interesse um lindo por do sol, terá nos olhos o brilho do último raio, que esquentará o seu coração. Eu procurei fazer isso, mas as madrugadas frias já me anunciavam a chegada do inverno...



INVERNO

Sim, o inverno chegou implacável e gelado com o toque de música, mudando o ritmo. Lentamente parece gelar o que restou, com seu branco manto. Tudo fica encoberto. Preciso me preparar com muito cuidado para esta estação. Decorar a alma e o coração com um amor diferente para cuidar de mim, sem desmaiar pelo frio que já está às portas. Ficar ao reparo das intempéries que surgem assim, do nada. A natureza não perdoa, ela tem que completar seu ciclo.

Uma vida bem equilibrada, promete um inverno tranquilo...

As sementes da primavera das lembranças germinarão novamente, perfumadas como flores de outrora, em meu coração.

Os frutos dos afetos do verão estarão presentes para preencher o vazio e colocar em meus lábios, apesar das marcas do tempo, o sorriso; os dias tristes do outono serão esquecidos com o calor do último raio de sol.

O inverno achará o abrigo quente do meu coração, escutando novamente a música que fala das estações de minha vida.



Imagem by Milli Lu

O MENINO E A TEMPESTADE

POR EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Naquela noite tão ancestral
o menino e seu beliche,
vento sem nome,
e a tempestade varria tudo.

Era o tempo?

A infância?

São os sonhos que se foram com ela?

Ou a restauração purificada de todas as utopias?

A tempestade ainda varre o menino – no coração.
Está ali, e ela não desiste. Nem ele (o menino e a tempestade).

O que é o tempo?

O que é a vida?

Pensando naquela tempestade imemorial, a vida foi (re)
descoberta.

Ela cai para sempre: é o teu tempo.

Sim: ela ainda salva uma utopia – esperança

Ela passa por tudo – provisória sim,

Mas está presa no teu coração – sempre.

O menino, o beliche – chuva e tempestade:

Lá no fundo, ela é a tua vida – menino.





Imagem by Marcus Cross - Fotolia

OUTONOS

POR EVANISE GONÇALVES BOSSLE

Ah! Rego meu costume em cada outono
Compreendo o espaço e ouço o som
Revigoro o tempo em um segundo
E reviso meu mundo a sós.

Assisto a videoteca atenta
Recomeço a música isenta de medo ou soluço
E calo.

Marco a minha vida em intervalos
Regulo a imagem do astro
Que me traz um brilho intenso
Resplandeço em cada momento.

Meu sorriso é mágico e insano
Resolvi perturbar meu oceano
Recomeço, se estou a fim, pelo meio
O meu fim é meu, eu o escrevo.



FALANDO DE MÚSICA

Marilina Baccarat de A. Leão

COMO EU GOSTARIA...

Como gostaria de ter nascido na época em que Bach viveu. Isso foi em 1700. Como eu iria aprender com ele... Sentaria, ao seu lado, e pediria que me explicasse como conseguia compor músicas, que falam, à nossa alma, usando, como instrumento, o órgão...

Ah!... Como eu gostaria de ter aprendido muito com ele, pois, ele compunha as músicas usando oitavas paralelas, o que não é permitido na escrita da música... Mas, ele assim o fazia e suas músicas, até hoje, levam, às lágrimas, qualquer mortal...

Johann Sebastian Bach nasceu em 21 de março de 1685 e, em 1700, já era um gênio e foi professor de muitos outros músicos, que marcaram a história da música...

Bach era organista, pertencente a uma linhagem de músicos. Iniciou no mundo da música tocando cravo e depois se dedicou ao órgão. As músicas dele nos levam até às alturas alcançadas... Parece que estamos subindo degraus rumo ao infinito!... Como seria bom se eu tivesse nascido naquela época!

Bach foi considerado um dos maiores músicos da humanidade, fazendo parte da tríade dos maiores músicos eruditos ao lado de Beethoven e Mozart, que foram seus alunos...

Como o meu instrumento predileto é o órgão, eu me identifico muito com Bach. Ele compôs excelentes obras para órgão. Composições desse grande organista se tornaram patrimônio ar-

tístico ocidental, tal como “Paixão segundo São Mateus” e outras grandes obras...

Se eu tivesse nascido naquela época, só sentiria muito não estar aqui com vocês. Curtir essas amizades lindas de viver, poder escrever livros para vocês lerem antes de dormir e embalar os seus sonhos!... Quem sabe, se eu tivesse nascido naquele tempo, não teria tido amigas todas maravilhosas! Ah... Mas se eu tivesse nascido naquele período, gostaria que vocês estivessem comigo, sim, ao meu lado e, quem sabe, faríamos, daquela época, um instante, que marcaria, para sempre, o mundo todo!...



Iríamos passear pelas alamedas floridas da música e usar aquelas roupas maravilhosas, que nos deixariam bem magrinhas, pois, as mulheres, daquele tempo, usavam coletes para apertar a cintura... Gostaria, sim, de ter vivido naquele tempo e poder ter sido aluna desse grande mestre da música...

Mas, sabe de uma coisa?... Eu gosto é de viver neste presente e poder curtir essa nossa geração, que é alegre e sabe viver!

MINAS GERAIS X PARIS

POR FÁTIMA SILVA

A lama, o tiro.
O grito.
Meu Deus!
Mon Dieu!
A dor que aperta o peito, sufoca.
A represa rompe.
O rio de nome Doce.
Se torna lama.
Mon Dieu! A bala que rasga o peito.
Que represa a lágrima.
O som das bombas interrompe a dança.
Os corpos bailam na macabra dança da
inundação.
E o grito dos peixes alguém ouviu?
O canto dos pássaros é contido pela força
da lama.
Paris iluminada pelas balas de faces
brutais.
A sirene ecoa, os corpos caídos.
Com olhos vítreos, expressão de terror.
A lágrima na face com lama.
Sobre o céu do Brasil a barragem da
ganância
que mata o rio.
As luzes de Paris ofuscam o sangue de
vítimas e algozes
estilhaçados pela ideologia do massacre.
Enquanto em Minas, se grita:
Oh meu Deus!
Paris assustada geme:
Mon Dieu!



Imagem by Rogério Alves/TV Senado



Imagem by Yann Caradec



OUTONO

POR FERNANDO SCHIAVINATO

outono de agora outono de outrora tudo se renova
tudo se enamora tudo se tenta
tudo se reinventa tudo se faz
tudo se refaz tudo, meu rapaz, tudo minha paz
outono de agora
outono não demora



Imagem by Smileus - Fotolia

EQUINÓCIO DE OUTONO

POR GAIÔ

Eu te recolho, ó folha,
Que distraída cai em balouços de brisa
Na dança anunciada de outono.

Recolho a mim, a todos

Em silêncio ouço,

Últimas águas, choros,

No Equinócio sul.

E o sol cruza imaginária linha

Do Equador celeste,

No azul...

Corpos alertas natureza vigiam,

Mistério em oferta,

Da fonte acolhem o verde,

O orvalho, frutos da terra.

Oferendas semente se aquecem em ritos

Âmbar dourados

Que a alma a oeste celebra.

E o sol declina em entrega

Ao sagrado poente,

Congrega amados entes, se despedem...

Na intimidade do agora tudo se aninha...

Luz arrefece, se faz solidão

Em quietude de céu.

Paulatina, silente milagre aflora,

Aos poucos me vejo,

Me recolho, me reconheço,

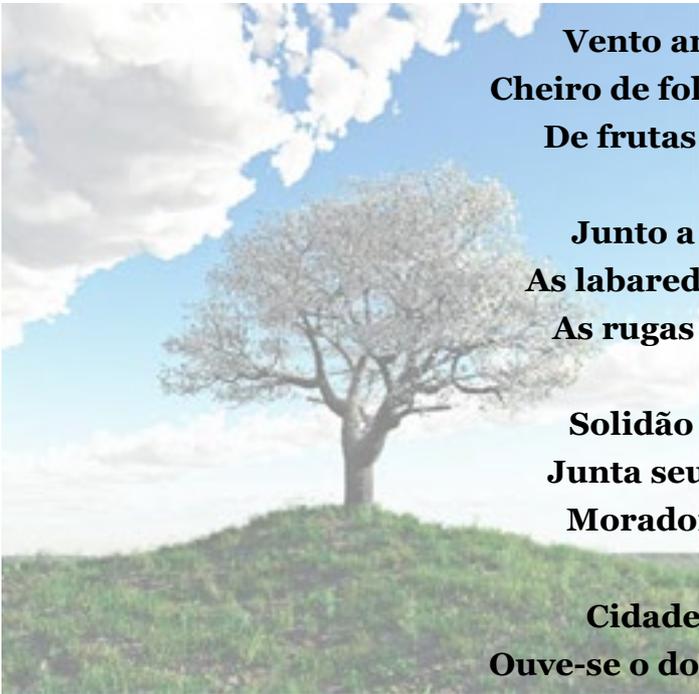
Na face, a Sabedoria do que se É.

Paz e Bem.

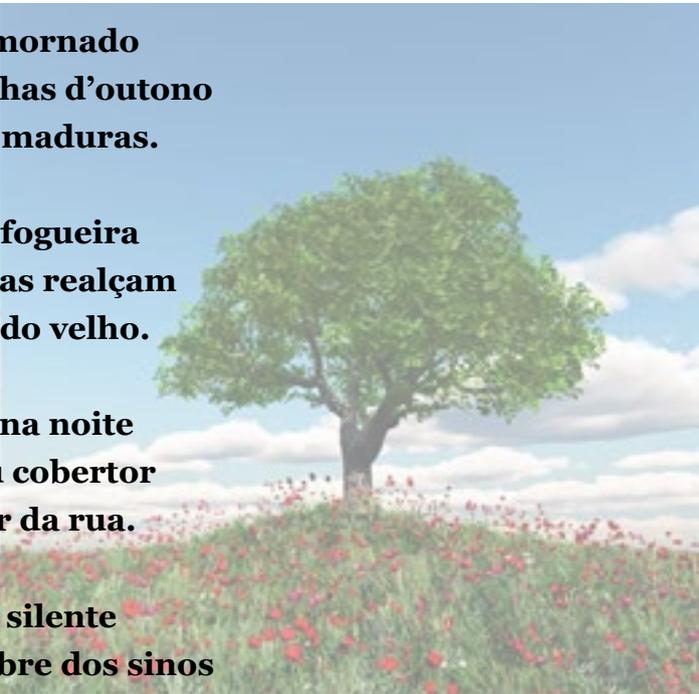
AS QUATRO ESTAÇÕES HAICAIS

POR HAZEL SÃO FRANCISCO

**Viva! Viva! A Vida
Como as folhas d'outono
São passageiras...**



**Vento amornado
Cheiro de folhas d'outono
De frutas maduras.**



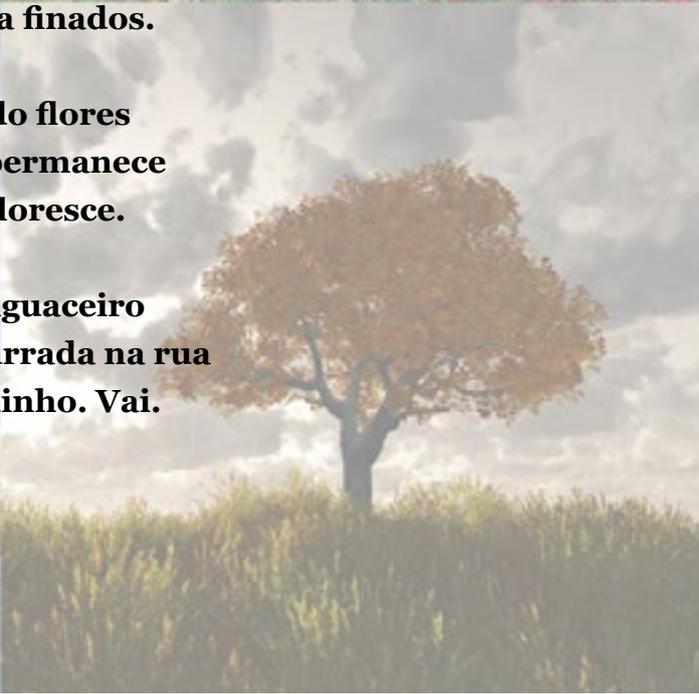
**Junto a fogueira
As labaredas realçam
As rugas do velho.**

**Solidão na noite
Junta seu cobertor
Morador da rua.**

**Cidade silente
Ouve-se o dobre dos sinos
Tocando a finados.**



**Colhendo flores
O tempo permanece
A vida floresce.**



**Rápido aguaceiro
Desce a enxurrada na rua
Vai barquinho. Vai.**

Imagem by Mike Kiev - Fotolia

Carmina, a estilosa nas quatro estações

POR GABRIEL JOERKE

Chegava sempre por volta das 18h30, exceto aos sábados, domingos e feriados. Na entrada ao pátio interno, sob a marquise do prédio anexo, costumava diminuir o andar, quase parava; lançava um olhar rompante – a la Johnny Hooker, em Alma Sebosa –, com o intuito de identificar as pessoas da roda. Esguia, altaneira e, principalmente, estilosa, se dirigia, compassadamente, em direção ao grupo. Acenava, parcimoniosamente, às pessoas, abrindo um sorriso contido, sem ser grotesca. Escolhia, a dedo, companhia para sentar-se.

Não cantava, não dançava, não declamava, não namorava – pelo menos não se sabia. Não que fosse avessa a esses prazeres, preferia nesses momentos de intercursos, conversar e escutar músicas. Era vista por alguns como uma pessoa façanhuda; chegava sempre atrasada ao evento, conversava com poucos e, se vestia, se vestia de maneira estilosa; outros se limitavam a observá-la: seu andar, com quem conversava e por que somente carregava um molho de chaves, inúmeras chaves, umas trinta chaves. Seria, neste plano, auxiliar de São Pedro?

A curiosidade reinava nos circunstantes. Embora aparentemente de pouco acesso, teve gente que se aventurou – como quem nada quer – a entabular um papo leve.

Para alívio das curiosas de plantão – que se contorciam de comichão –, algumas informações foram colhidas:

- Fiquei sabendo que não era casada, aliás, nunca foi – murmurou alguém. Um dado

importante para os solteiros desconsolados.

- Soube mais do que isso! Ela mora nas adjacências e, não teve filhos. – assoprou a outra.

Que dificuldade para pinçar dados, sem causar melindres!

Carmina, seu nome, estaria guardando tanto segredo assim? – conjecturavam as comparsas. Uma que não baixava a guarda, tão logo Carmina aparecia, acenava para que se sentasse a seu lado. Conversa vai, conversa vem, mais dados surgiriam:

- Foi amante de um português, seu Oliveira, por mais de vinte anos; o acompanhou em todos os seus negócios, só não quis morar com ele na região Nordeste, onde, também, tinha negócios. Pelo visto foi feliz com ele. – a terceira da rodinha, comentou.

- E agora, cadê o português? – Curiosa, dona Ambrosina perguntou.

- O português está a sete palmos debaixo da terra. – respondeu-lhe, a colega.

Era tanta a curiosidade que Carmina, certo dia, abriu, parcialmente, o baú de suas memórias.

- Pessoal, sou aposentada pelo Instituto de Previdência Social; moro num apartamento que meu ex me deixou, em cujo prédio sou síndica – daí o molho de chaves, muitas chaves, tanta chaves.

Todavia com oitenta anos, sem aparentar, ainda trabalhava na zona norte da cidade como governanta – daí chegar sempre atrasada aos encontros do grupo.

- O andar é tudo! – certo dia, em conversa informal e descontraída, Carmina disse. Rodeada de algumas admiradoras, como moscas ao pão de açúcar, contava que sua mãe sempre lhe dizia que, a forma de andar, inclusive o vestir, era tudo, entre outras coisinhas.

- Ainda que mal pergunte, que outras coisinhas sua mãe lhe disse? – dona Santinha perguntou. Foi respondida com olhares desaprovadores.

Carmina era ouvida com atenção,

afinal, o estilo, a aparência conservada, certa classe no falar e no agir, denotava algum status. Contudo, era o seu jeito de vestir que sobressaía, dando vazão a olhares e apreciações, as mais diversas.

Lembrando-lhe a esposa já falecida, Teodoro, mais assanhado do que barata em tempo de chuva, solia observar os calçados de Carminda; com especial atenção para um scarpin envernizado, vermelho bordô, de salto baixo, bico fino e longo. Teodoro, que fora dono de uma loja de calçados, em tom de gracejo, comentava que sabia, de antemão, quando Carminda estava chegando, o bico fino e longo do seu scarpin a denunciava.

Uma das tardes chuvosas da cidade maravilhosa, sem canções e poemas, o grupo se reuniu para conversar sob a marquise. Não teve como escapar, Carminda se viu cercada de olhares e sorrisos curiosos, cadeiras sendo arrastadas, lentamente, em sua direção. Achou por bem que seria a hora de contar-lhes o que lhes causava tanta curiosidade. Seu estilo. Todos atentos? Vamos lá.

- Meu estilo depende da estação do ano e do meu estado de espírito.

- Na estação menos apreciada por mim, aliás, por grande parte dos cariocas, o inverno, não deixo por menos. Costumo divertir-me ao som de boogie-woogie, tocado no rádio, encima da penteadeira – após soluçar com as radionovelas. Todavia, o frio não me leva a hibernar. Meus finais de semana são dedicados a visitas sociais e piscadelas de olhos. Um exemplo do meu trajar favorito: um gorro, com estampa de pele de cobra, em tons de marrom e preto, assegura grande parte dos meus cabelos, deixando a parte posterior e as têmporas com chumaços a vista; uma blusa preta, manga morcego longa, de tricoline, com pedrarias chuviscadas em prata descansa sobre pantalonas com listras horizontais cinza e preto intercalados; par de botas preta, de salto grosso mediano, com costuras geométricas cinzas, em destaque; bolsa-carteira preta com costuras diagonais e levemente acol-

choadas; um colar de argolas médias, enlaçadas por uma fita preta de veludo, desce do meu pescoço e repousa sobre minha blusa; um par de brincos pequenos de prata envelhecida com um pingo de pedra preta; uma pulseira leve, também de prata envelhecida; não uso anéis, nessa ocasião; olhos esfumacados e batom vermelho queimado mate dão o toque final do look preferido, já usado por mim, em Nova Iorque, aqui não me refiro à Nova York, a metrópole dos EUA, localizada no Estado de Nova York, mas sim, a nossa brasileira Nova Iorque no Estado do Maranhão.

- Nossa, Carminda, que luxo! – exclamou Dedé.

A primavera era a estação predileta de Carminda. Cheia de flores, coloridos, sorrisos soltos, papos leves e cabelos ao vento. Atenta ao mundo cosmopolita e, já disfrutando das transmissões televisivas, conseguira maravilhar-se com o espetáculo “Burn the floor”, gravado no Shaftesbury Theatre, em Londres. Seu apreço pela dança a levava a pensar sobre possibilidade de vidas passadas. Na sala do seu apartamento, de frente para o televisor, mexia as cadeiras, braços e pernas ao som do Twist “Let’s Twist Again”, dos anos 40.

- Se, no inverno teu estilo é esse, imagino que a primavera deva ser exuberante para você, né? – a D. Santinha perguntou.

- Ah, claro! Para o passeio de fim de semana, não faço por menos para compor meu visual. Abro meu roupeiro e, delicadamente, escolho, peça por peça, colocando-as espalhadas sobre o leito. Após um banho prolongado com sabão Aristolino, acompanhado com Água de Rosas, obtidos na Pharmácia Granado, na Rua Primeiro de março e, ao som de “Êxtase” de Adelino Moreira, me visto, pacientemente. Saia longa estampada, nada comedida nas cores; uma blusa canoa azul turquesa, me deixa o colo a vista; cinto largo preto com fivela de metal dourado; tamancos vermelhos fosco deixam a mostra minhas unhas vermelhas escarlate; brincos de argolas médias amarelas; óculos grandes com armação preta e lentes levemente

te marrons, a la Constanza Pascolato; chapéu de palha de abas largas, cingido, na sua base exposta, por uma fita larga de cetim dourado; pulseiras, muitas pulseiras, pulseiras amarelas, pulseiras liláceas, pulseiras verde oliva, tantas pulseiras enfeitam meus braços; batom vermelho quero-beijo e uma bolsa de ombro, finalizam meu visual. Já me luzi assim, num aniversário, durante o dia, em Barcelona; não a Barcelona espanhola, mas sim, a Barcelona, cidade aconchegante do Estado do Rio Grande do Norte.

- Hum! Esse look é minha cara. – observou Dinalva.

Ainda mais relaxada, Carmina continuou:

- Se o inverno, de certa maneira, me obriga a um visual mais sóbrio, o verão me acena para o despojamento; a meu modo, é claro. Vamos ao look que já usei! Um turbante verde kentucky segurava, displicentemente e por completo, meus cabelos; um vestido de listras marrom terroso e bege verticais, tipo bata, não me chegava até os joelhos; sob este uma calça legging curta cobria-me os joelhos e meio palmo das panturrilhas; um par de sapatilhas, estilo branca-de-neve, em tom verde clarinho, cobria-me os pés; brincos e colar de metal, mais para dourado do que prateado, com pedras verdes se destacavam nos meus tamanhos; óculos de sol Shutter-shades, armação preta e lentes levemente escurecidas, protegiam meus olhos castanhos claros; bolsa tiracolo pequena cinza descia-me do ombro esquerdo; grandes e numerosas pulseiras em tom marrom, verde e azul turquesa, cobriam-me os braços; para completar, batom opaco com fundo marrom/acinzentado e uma sombrinha quadrada com estampas chinesas, fechavam o look estiloso que usei na Tailândia; não me refiro àquela cuja capital é Bangkok, no Reino da Tailândia, mas sim, a nossa brasileiríssima cidade Tailândia no Estado do Pará.

Vento varrendo as folhas de um lado para outro, céu azul anil límpido, gorjeio dos

gibões-de-couro na Serrinha, o outono do amarelo, do laranja e do vermelho; outono das borboletas das mil cores cortejando a beira do brejo era outra estação preferida por Carminda. Foi nesta estação que conheceu seu Oliveira. Lembra-se como se fosse hoje:

- Estava apoiado com o braço direito na parede de um prédio na esquina – a poucos metros do seu inseparável Aero Willys branco e verde, modelo 1970 –, a mão esquerda apoiada na cintura, a perna esquerda levemente flexionada sobre a direita e assentando somente a ponta do pé no chão. O avistei de longe. Não foi amor à primeira vista ou a primeira tacada. Sei lá o que tenha sido, talvez, o visual, o olhar; bem, não seria o olhar, pois naquele momento usava óculos Ray-Ban Aviador, com lentes azul metálica, portanto, não dava para ser arrebatada pelo seu olhar; também não acreditava em almas gêmeas, embora, não rechaço uma consulta ao tarô.

Bom o fato é que o vento outonal encarregou-se de trazer-me o homem que, por mais de vinte anos convivi, sem cobrança nenhuma – como minha mãe me ensinou –, haja vista, ele ser casado, e eu, não desejava nenhum status além de ama-lo. Em outras palavras era feliz e isso era o que me importava.

Nesse entremeio, bebeu um gole de água e, prosseguiu:

- Voltando à esquina, mais especificamente a seu Oliveira, uma afinidade a primeira vista se mostrava entre nós: ambos estilosos.

A impressão do visual de seu Oliveira, daquele dia, permanecera intacta nas lembranças de Carminda, como um registro fotográfico.

- Como assim? Estilos similares? Descreva-nos, por favor. – pediu Amélia.

- Ele vestia calça esporte verde mar; camisa branca e colete preto sob um blusão despojado roxo de mangas dobradas até os cotovelos; echarpe tom laranja caia-lhe, pica-

rescamente, sobre o blusão; chapéu-panamá cobria-lhe a cabeça; sapatos sneaker vermelho escarlata e meias alaranjadas; barba e bigodes fartos, grisalhos e bem aparados e um relógio no braço esquerdo, completavam o conjunto do Oliveira.

- Tô entendendo a sintonia entre ambos. E você como estava vestida? - Lindamar, curiosa instigou.

- Eu, naquele momento saía de uma cerimônia de casamento da minha velha amiga. Vestia um tomara-que-caia, da grife Maria Bonita (do Saara da Uruguaiana), sendo a parte superior com listras verticais pretas e brancas, e a parte inferior branca; boina, toda trabalhada no brilho, parecendo a flor Coroa-de-Cristo, exceto pela cor que era preta, caía-me sobre a tez; um leque esvoaçante de penas (não se lembrava de que animal foi extraído) alaranjadas (afinal era uma das cores da estação), com o cabo e as arestas cravejadas de brilho (embora o casamento fosse ao meio dia); grandes brincos, também alaranjados, dependuravam de minhas orelhas; unhas azul petróleo contrastavam com minha pele clara; batom vermelho bordô e olhos delineados e esfumaçados. Tudo isso aconteceu na bela Buenos Aires; não me refiro aqui à capital Argentina, mas sim, à singela Buenos Aires, do Estado de Pernambuco.

As estações continuaram, as curiosidades se desbotaram aos poucos; entre cantos e desencantos, o segredo de Carminda resumia-se a seu estilo. Carminda era estilosa, em todas as estações.

ANIMAL NÃO É BRINQUEDO!

SENTE FOME, SEDE, FRIO E MEDO.

ABANDONO DE ANIMAIS É CRIME!

Lei n. 9.606/1998, art. 32



REVISTA VARAL DO BRASIL DÚVIDAS FREQUENTES DE QUEM QUER PARTICIPAR DO VARAL!

QUANTO CUSTA PARTICIPAR DO VARAL?

As participações na revista não são pagas (textos ou columnistas). A publicação é gratuita.

MEU TEXTO DEVE SER INÉDITO?

Não, você pode enviar um texto que já tenha sido publicado em livro ou outro.

POSSO ENVIAR QUANTOS TEXTOS?

Você pode enviar quantos desejar, mas é a edição do Varal do Brasil que decide se publicará os textos e quantos textos serão publicados.

QUAL O TAMANHO DOS TEXTOS?

Sugerimos no máximo duas páginas para poesias e no máximo 4 para contos ou crônicas. Os artigos acadêmicos podem ter um pouco mais. Mas se por acaso seu texto for um pouco mais longo, envie assim mesmo e veremos. Todos os textos serão avaliados antes da publicação com relação também ao espaço disponível na revista. O quanto antes você enviar, mais chances você terá de ver seu texto publicado na revista.

QUAL O TIPO DE LETRA, ESPAÇAMENTO E FORMATAÇÃO DOS TEXTOS PARA ENVIAR?

É solicitado aos autores que NÃO façam forma-

tações especiais, principalmente colar textos em imagens. Exceção feita a alguns poemas que possuem uma formatação específica. Não há um tipo de letra que seja melhor que outro, mas o tipo de letra que será publicado será escolha da edição do Varal. O espaçamento pode ser simples ou duplo, mas, assim como o tipo de letra, provavelmente será modificado durante a edição.

DEVO ENVIAR ALGO JUNTO COM O (S) TEXTO (S)?

Sim. Você deve enviar uma minibiografia sua, de aproximadamente cinco linhas contendo o essencial sobre você e suas coordenadas para contato. Uma foto sua será bem-vinda!

POSSO SER COLUNISTA TAMBÉM?

Pode. Para isto você deve escolher um nome para a coluna, um assunto que será tratado na mesma e propor ao Varal do Brasil que decidirá se a coluna é viável. Também é solicitado que o colunista se engaje por pelo menos três edições.

POSSO ENVIAR TEXTOS COM TEMA LIVRE?

Sim, pode. Desde que a edição não seja temática, pode. Mas quando a edição tiver um tema (Mulher, Livro, Paz, etc...) os textos deverão falar do tema proposto.

A REVISTA VARAL É FEITA TAMBÉM IMPRESSA?

Não. A revista Varal do Brasil é distribuída somente no formato digital PDF, através das plataformas ISSUU e SCRIBD, por e-mail, sites e redes sociais.

ONDE ENCONTRO AS EDIÇÕES ANTERIORES PARA LER E/OU BAI-XAR? Todas as edições da revista Varal do Brasil estão disponíveis para download (baixar) gratuito no site do Varal, na seção Revistas.

POSSO ENVIAR IMAGENS PARA ILUSTRAR MEU TEXTO?

Sim, você pode enviar desde que seja uma obra sua (desenho, pintura ou fotografia) e que você



possua os direitos de publicação. A decisão sobre publicação ou não da imagem permanece com o Varal do Brasil.

ONDE É FEITA A REVISTA VARAL?

A revista Varal do Brasil é realizada em Genebra, Suíça, onde reside sua proprietária e editora-chefe e onde a revista tem seu registro (ISSN) e patente como marca registrada (Instituto de Propriedade Intelectual da Suíça).

POSSO ENVIAR TEXTOS DE OUTROS AUTORES?

Você poderá enviar textos de outros autores se for um representante dos mesmos e se os textos a ser publicados tiverem a autorização de publicação cedida por cada um dos autores.

DEVO REVISAR MEU TEXTO ANTES DE ENVIAR PARA O VARAL?

Sim, deve. Os textos serão revisados novamente pela edição do Varal, mas a revisão que fazemos, por serem muitos textos, é apenas superficial. Portanto, é importante que você revise bem o seu material antes de enviar.

GOSTO DE FAZER PESQUISAS, POSSO ENVIÁ-LAS AO VARAL?

Sim, mas tudo dependerá do assunto tratado e da relevância para que possa ser publicada na revista. Dependerá também da quantidade de páginas que a pesquisa requeira para edição.

TENHO UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (OU OUTRO TRABALHO ACADÊMICO) E GOSTARIA DE PUBLICAR, POSSO ENVIAR AO VARAL?



Sim, você pode enviar. Ele será lido e será avaliada a possibilidade de publicação. A quantidade de páginas e o assunto tratado serão importantes na avaliação.

QUE ASSUNTOS O VARAL DO BRASIL NÃO PUBLICA?

O Varal do Brasil não publica textos que tenham conotação político partidárias, ou seja, que falem de partidos políticos, façam propaganda política (contra ou a favor de governos e partidos). Também não publicamos textos que tenham caráter pornográfico. Uma certa dose de erotismo é aceita sem problemas, mas, a pornografia não. O Varal do Brasil publicará textos que expressem fé e espiritualidade, mas que não sejam partidários de uma ou outra religião. Neste aspecto, o religioso, as únicas exceções feitas são nas edições especiais de Páscoa e Natal, quando os textos inevitavelmente levam à espiritualidade, mas também aos festejos ligados a uma ou outra religião. Não serão aceitos também textos que sejam preconceituosos, que se refiram a pessoas de maneira desrespeitosa ou que possam ferir os sentimentos do leitor.

POR QUE O VARAL NÃO PUBLICA AS BIOGRAFIAS DOS AUTORES?

Não publicamos as biografias e outros dados dos autores para acentuar a igualdade entre todos os que são publicados. A única exceção feita é para os colunistas que podem ou não ter seus dados publicados.

POR QUE O VARAL NÃO PUBLICA RESENHAS DE LIVROS NA REVISTA SENDO UMA REVISTA LITERÁRIA?

Não publicamos resenhas de livros porque a demanda é imensa e se fôssemos publicá-las não teríamos espaço para a publicação de textos. Por opção editorial, preferimos então publicar as resenhas de livros em nossos espaços na internet.

ONDE ME ASSOCIO PARA PODER PUBLICAR MEUS TEXTOS?

A revista Varal do Brasil não solicita nenhum tipo de adesão por parte dos autores em nenhuma associação, organização ou academia, seja ela no Brasil, na Suíça ou em qualquer outro país.

A REVISTA VARAL DO BRASIL TEM UM BOM ALCANCE DE DIVULGAÇÃO?

Sim, temos um grande alcance. Por ser uma revista digital, temos leitores em muitos países nos diversos continentes.

O VARAL É SUBVENCIONADO POR ALGUM ÓRGÃO PÚBLICO OU POR EMPRESA PRIVADA?

Não. O Varal do Brasil não recebe nenhum tipo de subsídio para a realização da revista, seja de ordem pública ou privada.

DEVO CEDER OS DIREITOS AUTORAIS DE MEU (S) TEXTO (S) PARA PUBLICAÇÃO NO VARAL DO BRASIL?

Não. Todos os direitos sobre o (s) seu (s) texto (s) continuarão a lhe pertencer. O Varal do Brasil não se responsabiliza por registro de obras literárias e nem adquire o direito das mesmas.

QUAL O TIPO DE REGISTRO OFICIAL QUE A REVISTA VARAL DO BRASIL POSSUI? A revista Varal do Brasil possui ISSN (International Standard Serial Number). O registro tem o número 1664-5243 e foi feito em Berna, capital suíça, como publicação digital periódica iniciada em 2009. Este número é oficial e pode ser consultado no site da Biblioteca Nacional Suíça. O Varal é também marca registrada no INPI suíço.



IDADES

POR HUGO FEDERICO ALAZRAQUI

De menino morava no presente eterno da imagem
de adulto no amanhã de anseios e fantasias
de velho na casa do passado nas memórias

de pequeno olhava sem ter que explicar
ao redor o evidente o que é nos feitos
via o que é dado sem história, o manifesto

de grande olhava ao longe o horizonte
o que fica distante sempre o depois
só de lado o que perto passa veloz

avançada a idade se olha atrás
o caminho que foi andado
sem lembrar como se tinha chegado

primeiro se é para os outros
um símbolo, que se batiza
se interpreta e profetiza

logo torna se exigente
o agente e o objeto
de desejos insatisfeitos

ao fim é só espera
tudo continua depois
sem saudade de nós



LITERATURA NO VARAL

Paola Rhoden

A literatura nada mais é que um versátil meio de comunicação entre as pessoas desde os primórdios da vida. Seja em versos ou em prosa.

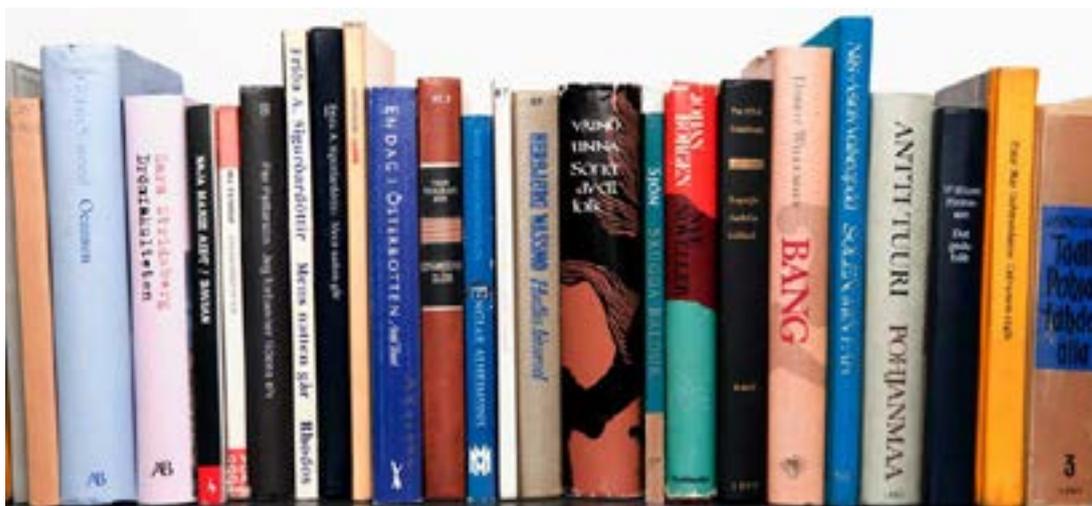
A mais remota forma de comunicação que se conhece, são alguns desenhos em paredes de pedra nas cavernas encontradas por antropólogos, foi a maneira que nossos ancestrais puderam nos dar conhecimento de suas vidas, seus afazeres, suas andanças pelas pradarias, ou pelos caminhos gelados da era do gelo. Esses desenhos nos trouxeram o conhecimento e a sabedoria daquelas eras distantes. Se analisarmos com carinho, veremos além da informação lógica, a poesia emanada daquelas mentes poéticas de outrora. E, desde então, a literatura foi se desenvolvendo com um caminhar lento, mas seguro, para chegarmos ao patamar das grandes obras que conhecemos, dos grandes talentos que se destacaram ao desenrolar dos séculos. Hoje, na era cibernética, achamos tão lógico e fácil poder lançar no cosmos, através da tecnologia, tudo o que pensamos sobre a vida e sua manifestação, em prosa ou em verso.

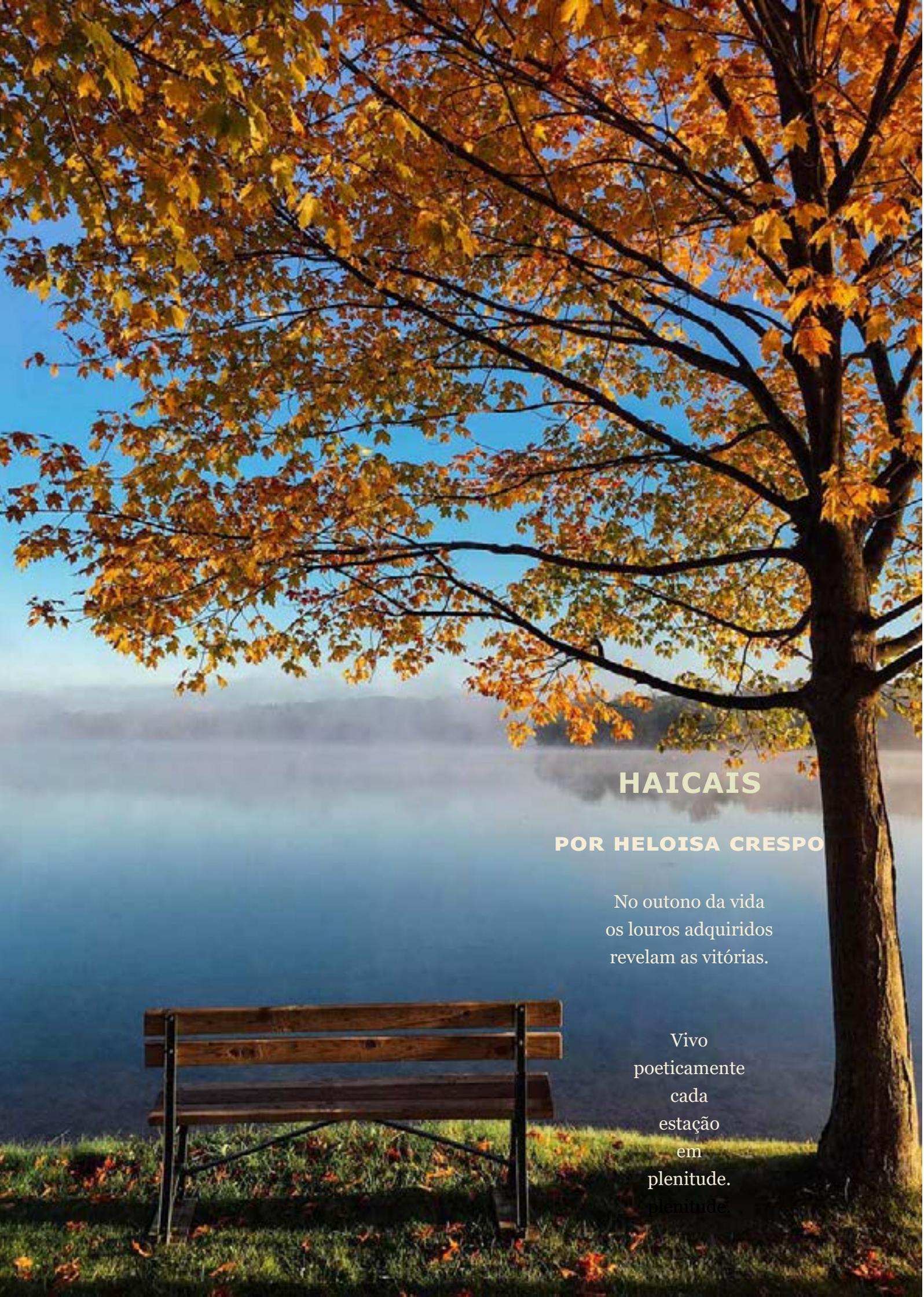
Alguns verbetes dizem que "A literatura é o uso estético da escrita, arte literária."

Para o poeta ela se resume em arte literária que lhe permite expressar seus sentimentos em forma de versos. Para o prosador ela é as duas coisas, uma forma de expressar seus conhecimentos e sentimentos de forma correta, com escrita culta.

Literatura em suas diversas formas, infantil, de cordel, contos, romances, crônicas, médicas, científicas, entre outras formas, foi e sempre será, a maneira de expressão e comunicação entre o escritor e as mentes receptivas do que ele tem a dizer sobre a vida, suas belezas ou tristezas, e conhecimento.

A literatura é a forma mais estética da comunicação humana.





HAICAIS

POR HELOISA CRESPO

No outono da vida
os louros adquiridos
revelam as vitórias.

Vivo
poeticamente
cada
estação
em
plenitude.
plenitude.

OS MEUS MORTOS...

POR HUMBERTO PINHO DA SILVA

Se me ponho a pensar no tempo que passou, salta-me, com imensa saudade, à memória, infundável rosário de mortos.

Tantos, que fico pensativo, a refletir:

Como é possível, Deus meu, ter desaparecido os que partilharam comigo: momentos felizes e infelizes da minha existência?! ... Como é possível, que familiares e amigos, que me acompanharam em êxitos e fracassos, tenham-me deixado para sempre?!

Mas é verdade! ...

Onde estará, agora, o meu companheiro, inseparável amigo, que calcorreava, quase como peregrino, velhas e típicas ruas da Invicta Cidade do Porto?

Sim; onde estará o fiel confidente, que sem pejo, revelava-me, cenas episódios, preocupações, enquanto deambulávamos, em sérias e eruditas visitas de estudo, e pesquisávamos as genealogias de nobres e ilustres famílias portuenses?!

Na companhia amiga de Manuel Maria Magalhães (Alpendurada), palmilhei antigas ruas e ruelas da Cidade da Virgem; vielas e becos bafientos, evocativos de personagens camilianas, como Augusta, moradora na rua Arménia.

Onde estará, igualmente, a boa brigantina, que quase diariamente recebia-me na acolhedora salinha, de aconchegante luminosidade, onde, nas tardes frias de Inverno, ardiam brasas enrubescidas, na antiga braseira de cobre?

Era elegante, meiga, sempre com o acalentador sorriso bailando nos bem delineados lábios, cor

de morango.

Acolhia-me, carinhosamente, de coração aberto; eu, rapaz despedaçado pelo turbilhão da vida, e receoso de incerto futuro.

Tinha a bondosa senhora, três filhos; cada qual o mais encantador; todos, me transmitiam, animo, frescura e alegria de uma infância feliz.

Amavam-me – disso estou certo, – com a intensidade e ternura das crianças de coração e alma pura.

Por que têm os jovens de crescerem?

Não seriam mais felizes, mais graciosos, e até, para eles, melhor, ficarem eternamente crianças?

Aos poucos, lentamente, muito lentamente – quase sem se sentir, – tornam-se adultos.

Perdem a formosura, as linhas juvenis, a espontaneidade, amolgados pela turbulência da vida e pela sociedade hipócrita e injusta...

Onde estará, agora, também, a boa madrinha Baptista, que tanto gostava de mim; e eu tanto gostava dela?

Visitava-a todos os sábados.

Foi no quintal, da sua casa, onde havia: pessegueiro, que todos os anos se toucava de lindas e graciosas flores cor-de-rosa; glicínia, de cachos roxos, que tudo perfumava; e maciço de roseirinhas-de-toucar, abraçadas a grade de cor parda, que na Primavera desabrochavam em pequeninas flores, aveludadas, brancas como cal, que oloravam, em ondas de perfume, todo o quintal, que passei parte da minha infância... Esse quintalzinho era o meu mundo...

Foi com a semanada da madrinha Baptista – chamava-a assim, mas não o era, – que comprei os meus primeiros livros e os meus primeiros chocolates.

Era padre o meu padrinho. Um dia, inesperadamente, recebi um telefonema, convidando-me para passar o mês de Agosto, na sua companhia.

Radiante, aceitei. Sempre desejei viver no campo, entre flores silvestres e animais; entre

árvores seculares e searas maduras, prontas para a ceifa.

Nessa encantadora aldeia transmontana, reconheci sobrinho seu. Esbelto rapagão, simpático e delicado.

Com ele, cavalguei entre muros xistosos, por estreitos e agrestes caminhos, que nos levavam a verde prado, que marginava singelo e plácido arroio.

Nele, havia uma vaquinha mansa, de olhos meigos, frondosa figueira, que nos abrigava do sol ardente, e podia-se ver, entre a folhagem, o azul transparente do céu transmontano.

Foram dias de descanso e fraternal convívio. Meu padrinho faleceu; e o jovem, também. Morreu de morte trágica.

Ambos permanecem no meu coração; sepultados dentro de mim.

Conto, ainda, no imenso rol dos meus mortos, a Maria:

Conheci-a desde a puberdade. Passei, talvez, os melhores momentos da infância, na sua companhia.

Certa manhã abalou para Africa. Carreamo-nos durante meses. Depois casou, e a correspondência extinguiu-se.

Soube da sua morte pelo telefone. Teve prolongada agonia, batalhando com doença, que não perdoa.

Muitas mais figuras partilharam comigo, alegrias e tristezas, ao longo da minha longa existência; mas, as mencionadas, foram as que mais me marcaram, deixando-me na alma, dolorosas cicatrizes, que não desapareceram, porque as gravei dentro de mim.



TEMPORAL

POR EVANISE GONÇALVES BOSSLE

Nestes dias tão chuvosos de verão,
eu já não choro, pois o choro
está no céu, em enxurradas
cai das árvores e das calhas.

Nestes dias tão sombrios qual meu ânimo,
e a angústia anuncia ainda mais lágrimas,
essas lágrimas que desesperadas
inundam a terra, e os rios cheios,
transbordantes, gritam mudos.

Nestes dias intranqüilos
seguidos pelas noites incomuns,
de sonhos trêmulos
e pesadelos fortes,
sobre lodos e barros podres
paira o inconsciente
do mundo em temporal.

NUVENS

**POR IOLANDA MARTHA
BELTRAME**

Êste é o mesmo firmamento
Aquele da infância
Que no quintal estendia
Um chão de areia
Dava curiosas formas
Aqueles nuvens
De farta abóbada
E elas
Preguiçosas e belas
Iam fazendo
Todas as minhas vontades...

Hoje, não mais quintal
Nem chão de areia
Nem formas aquelas
Ainda vou a elas
Sempre a contornar procelas

AS QUATRO ESTAÇÕES DO SER

POR ISABEL C. ALBUQUERQUE

No outono a semente ainda é possibilidade de existência, pois ainda não está pronta para germinar. O terreno se prepara para um tempo de recolhimento. O inverno escuro que sucede, permite que a semente desperte lentamente no ventre quente. A vida segue construindo sua estrutura em cada etapa da estação. Ao tempo que o sol aquece lá fora, a semente se faz notar, mostrando sua vibração, seus movimentos. Segue crescendo e aparece, na primavera. Quanto mais luz, mais a vida exuberante e exala o perfume de sua presença. Sua essência é uma certeza e sua presença, um fruto amadurecendo. Quando, enfim, o verão começa seu ciclo, o fruto vai adocicando a existência até que emerge da escuridão para a luz, e nasce. Eis que surge o Ser.

No outono repensamos nossas conquistas, agradecemos pela colheita generosa de nossos esforços evolutivos, desapegamos do que não nos serve mais – sejam pensamentos, palavras, atos e mesmo omissões, deixamos cair nossas folhas e nos recolhemos.

O inverno surge como possibilidade de refazimento, de reflexão interior, de movimentos leves, sem exageros, de menos palavras, menos ações de grande porte, apenas aquelas que nos permitem a criatividade, a serenidade, a persistência e a sustentação da vida.

Ao surgir os raios dourados da primavera, as flores perfumando o ambiente, renovam-se as energias criativas, a dinâmica da vida se acelera e os frutos do que foi concebido no inverno começam a amadurecer. Novas propostas vida,

novos caminhos, novas possibilidades. Os movimentos são mais amplos, a ousadia se faz presente, a claridade energiza e vitaliza para que a vida evolua em uma nova dimensão.

O calor do verão ilumina toda a criação que explode em miríades coloridas, o coração se alegra, os movimentos se expandem, a vontade se firma, o fruto amadurece, os projetos se realizam, se consolidam. Um novo momento em uma nova perspectiva, uma nova possibilidade entre tantas escolhidas. As ideias ficam mais claras, os corpos ficam mais ágeis e os corações se encontram.

E assim, após o verão, retorna o outono trazendo reflexões sobre o ciclo vivido, refazendo rotas, perdoando equívocos, renovando a fé, descartando o que não nos serve mais.

Caminhamos para o inverno, com os olhos na primavera e com o coração ansioso pelo próximo verão.

Viver as estações da vida, ao tempo que as vivemos em si mesmas, eis um segredinho que ajuda a ser feliz.



Imagem by Fotolia

A BELEZA DE CADA ESTAÇÃO

POR ISABEL C S VARGAS

Recebi uma mensagem que falava a respeito de um homem que desejava que seus filhos aprendessem a não julgar os acontecimentos isoladamente e de forma apressada. Então, ele mandou que os quatro filhos fossem observar uma pereira plantada em um local distante. Mandou cada um deles em uma estação diferente. Ao relatar o que viram as informações foram desconstruídas. Um disse que a árvore era feia, torta e retorcida, o outro que ela era recoberta de botões verdes, cheia de esperança. O terceiro disse que ela estava recoberta de flores, com um cheiro tão doce e perfumado que ele até arriscaria dizer que era a coisa mais bela que tinha visto. O último viu uma árvore carregada e arqueada de frutas, de vida e de promessas.

O HOMEM ENTÃO EXPLICOU QUE TODOS ESTAVAM CERTOS, PORQUE CADA UM TINHA VISTO APENAS UMA ESTAÇÃO NA VIDA DA ÁRVORE. A SUA CONCLUSÃO É QUE NÃO SE PODE JULGAR

uma árvore ou uma pessoa por apenas uma estação. A essência de cada um o prazer, a alegria e o amor que vêm daquela vida só podem ser avaliados no final, quando todas as estações estão completas.

O propósito de contar tal história é para que levemos em conta que a beleza existe em cada estação, temos é que ter sensibilidade suficiente para percebê-la nas pequenas coisas.

Na primavera, tão importante quanto a bela estação que faz desabrochar as flores, o sol brilhar com mais intensidade e a vida parecer mais

bela, é cultivarmos esta beleza e este milagre em nossos corações, no dia a dia, valorizando cada um dos dons que recebemos gratuitamente e que temos o dever de multiplicar para melhor dividir com nosso semelhante.

O FATO DE CELEBRAR A PRIMAVERA É UMA MOSTRA DE QUE NA REALIDADE CELEBRAM-SE ASPECTOS QUE DEVEM SER CULTIVADOS EM QUALQUER ÉPOCA DE NOSSAS VIDAS, OU SEJA, MOSTRAR UM LADO BELO, ACOLHEDOR, COLORIDO.



É uma prova de que as pessoas não se deixam perturbar, nem amedrontar com o avanço da idade, porque mais importante que o número de anos vividos, é a maneira como os vivemos,



Não gosto do frio. Assemelha-se ao meu espírito nos piores dias, quando não consigo antever nada de bom. Tenho a sensação de perda, creio que é por ver a natureza se despindo de vaidades e deixando aparecer só o essencial.

O inverno e o verão, embora opostos me dão idéia de juventude. Ambos são plenos, intensos. Vejo neles os exageros da juventude: Inconsequentes, irresponsáveis. Denotam coisas que podem ser avassaladoras, que podem explodir inesperadamente.

Ao pensar neles revivi meus anos de juventude. Povoados de sonhos, de encantamento e também de incertezas. No verão rememorei a época em que não tinha medo de desnudar o corpo e a alma. O escritor tem o dom de permanecer sempre jovem se desnudando a cada texto, a cada verso.

No inverno recordei os momentos em que temerosa dos atos praticados ou na incerteza do futuro me encolhi com medo de enfrentar as agruras da vida.

Há apaixonados por cada uma das estações como há os amantes da vida com todos os contornos que ela se apresenta e por isso mesmo são felizes, pois aceitam a possibilidade de renovação, de transmutação que nos é oferecida a cada dia, a cada estação do ano e etapas de nosso ciclo vital.

não como quem carrega um pesado fardo, mas como quem carrega algo precioso, que foi dado com amor, e que por isso mesmo é capaz de fazer valorizar o azul do céu, o brilho das estrelas, o vôo de um pássaro, o sorriso de um amigo, a inocência do olhar de uma criança.

É importante compreender que o fato de comemorarmos a primavera, é importante porque demonstra que a idade não nos faz perder a sensibilidade, não nos tolhe de olhar para o mundo com olhos de eternos aprendizes, que festejamos uma estação, que na realidade está em nossos corações, porque o mundo tem as cores com que nossos olhos o vêem.

O outono também é belo. Bom de viver, porém não tem o encanto e o desabrochar da primavera. Esta é mais esperançosa. Prenuncia coisas novas. Induz à renovação.

Já o outono nos dá um sabor meio amargo. É mais nostálgico.

É como me sinto agora, no outono de minha vida. As folhas são como meus cabelos. Não tem mais o vigor de antigamente. A sensação que tenho no outono é que coisas piores acontecerão.



AMOR À VIDA

- a simplicidade esquecida -

“A poesia abre os olhos, cala a boca e estremece a alma...”

Charles Bukowski

POR IVANE LAURETE PEROTTI

Na hora certa, manhã descoberta, as flores voltam a face em direção ao sol, como espirais ausentes, almas carentes, formas candentes em lícito favor.

Na hora certa, a trama urdida alcança a guarida, entretecida de luz e calor:

homens e fatos devolvem à calma o falso retrato da súplice dor.

Junto às estradas, calçadas rompidas, pedras puídas,

armas postadas em nu corredor:

feito cancela,

o caminho aparta,

em longa jornada

o vértice amargo, sem o resguardo do plácido amor.

Arestas abertas maquinam o fardo,

longo petardo,

cardam a lã,

amarram o linho,

taça sem vinho,

mãos em espinhos

odorante pendor.

Na hora certa, a face desperta,

grita contrita,

para todas as flores,

tenras cores:

... beijem o sol!

Na hora certa... agora incerta!

“... e que as palavras difíceis que sempre temi dizer podem agora ser ditas: eu te amo.”

Charles Bukowski





QUIETAÇÃO PRIMAVERIL

Não sei usar tênis, abrigo,
tampouco caminhar no parque.
Quando chegar a hora de pular o muro,
quem sabe, eu venha a me arrepender.

Mas, adoro a passadeira alviçareira
que me acorda.

O sol que entra pela janela e borda,
com reflexos de ouro, a colcha.

Adoro a menina dos meus olhos
que sai para namorar um poema.

Aí eu e Adélia Prado sentamos na varanda
para conversar.

AS QUATRO ESTAÇÕES

POR IVANISE MANTOVANI

Colho flores que plantei ontem
porque hoje é primavera
e comungo com elas.

No verão, meu irrequieto coração
vira criança e rodopia
numa ciranda sem dono.

Saboreio a estação que
se chama outono,
porque ela ressona
dentro de um camafeu.

No inverno, de quimeras e quimono
me entrego ao prazer do teu corpo
sob os cobertores do sono.

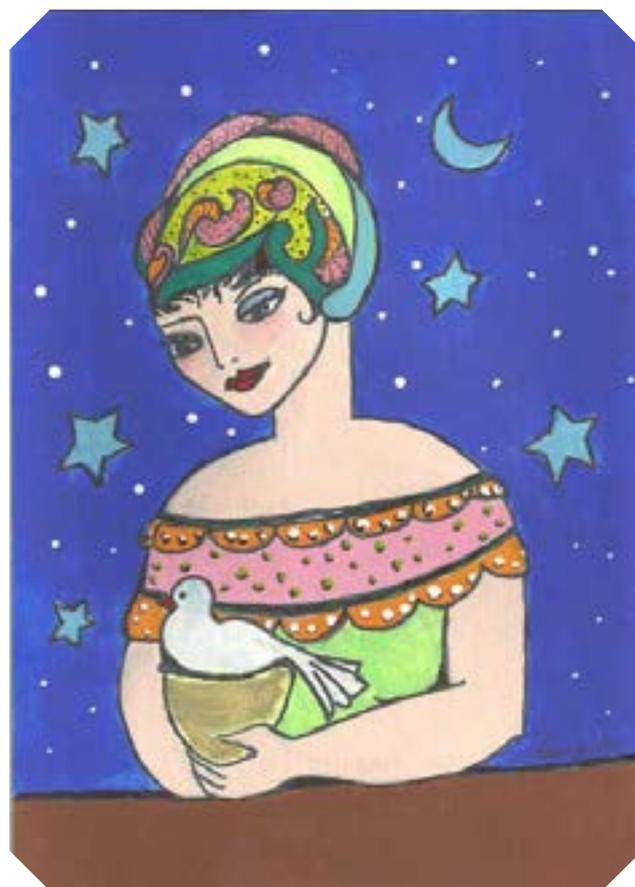


Imagem by Ivanise Mantovani

VERÃO PROIBIDO

É grão de poeira e pólen
é zumbido de abelhas e amoras no chão
mais as cantantes cigarras.
Frutos sazoados suscitam malícias.
Ondas de calor no telhado
propagam o verão.
À boca pequena um beijo sufocado,
goela seca pedindo água.
Banho no lago é pecado
e aqui no peito a chama
do meu amor que abrasa
o tecido colado no ventre.
O pai não fala. Entende.
A mãe ao contrário. Não!
Na hora H me repreende:
- Guria da família não pode pensar assim.
Guardei o vestido branco
no baú de traças
para o tempo de amante.
Tantas foram as críticas
e constantes foram, que por fim
fiz o amor desistir de mim.



POR IVANISE MANTOVANI

AMORES DE OUTONO

A claridade do outono
transforma o caçador em caça.
Folhas maceradas
filtram e aromatizam
veneno doce em taça louçã.
Feiticeira pagã, a lua
desnuda-se logo ali no fim do mundo.
Num segundo estrelas
doam brilho à calçada antiga,
na certeza de que a vida
não será a mesma de antes
quando no interior do coração
nascem, aos solavancos, a segunda paixão.





VERSOS AO CASO

Paula Alves

Estrear uma crónica deixa a pena vulnerável. Sente-se o peso do aparo no gesto das palavras. A palavra revela-se sob a forma de indisciplinados sons, imparável ruído, será música? Será Palavra? Ridícula, a pena! Treme, hesitando no pensamento sobre o privilégio de aqui chegar? Ridículo é pontapear uma pedra e não gritar de dor. Seria ridículo não sentir dor. Sentir dor define-nos a existência como humanos. Sentir? Perceber que se é ridículo. Será o ridículo ridículo? E se rir é tão libertador para quem se ri, por que pode o riso enclausurar quem é dele seu alvo?

Ridículo é perseguir formigas no caminho. Elas têm caminho traçado. Por que não criamos o nosso? Nós que caminhamos um dia seguros na distração da rotina automatizante, noutra dia receosos da imprevisibilidade. Ridículo é não sorrir quando se pode mas ridículo seria não usar do poder de decidir não o fazer.

As Damas e os Adamastores que se olham ao espelho, riem-se a sós. Que ridículo? Talvez. No imediato, cerramos o rosto e o espelho ri-se de nós. Rimos depois, juntos de novo nesta convulsão de vontades, será amor ao espelho? Seria ridículo, como uma carta de amor. Todas as cartas de amor são ridículas.* Ridículo de mim, citar um génio sem sua permissão. Permita-me a ridicularidade. Plim.



*Todas as cartas de amor são
Ridículas.*

*Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.*

*Também escrevi em meu tempo cartas de
amor,
Como as outras,
Ridículas.*

*As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.*

*Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.*

*Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.*

*A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.*

*(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)*

*por Álvaro de Campos, heterónimo de
Fernando Pessoa, 21 - 10 - 1935

In Poesia , Assírio & Alvim, ed. Teresa Rita
Lopes, 2002

Banco virtual de poesia e outras prosas do autor
e seus heterónimos em

<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=6433>



Fernando António Nogueira Pessoa, foi um poeta, escritor, astrólogo, crítico e tradutor português. Fernando Pessoa é o mais universal poeta português.

Imagem by Paul Best



PEQUENOS VERSOS DE INVERNO

**POR JACQUELINE
AISENMAN**

Desce o frio das nuvens
inverno.

Voam gaivotas brancas...

As nuvens brancas
vestidas de noiva
caem flocos de neve...

Cai sobre as calçadas
a chuva fria de inverno.
Mais que água, gelo.

MORTE NO PARQUE

POR IVANISE MANTOVANI

Toma o leme, ativa a chama
Que a morte anda pela tarde fria
Alumia o caminho, alguém clama
Apressa-te antes que chegue o fim do dia.

O céu se veste de cinza e sombras
Um cisne verga-se na claridade enferma
Ramos de um Chorão no lago azul retomam
O balanço das águas na tristeza erma.

Eu que vivo para meus trinados
Vejo a miséria que soluçante treme.
E, num banco de pedras, reclinado
Um pobre homem, tosse, escarra, geme.

Em meio-luto a cidade acolhe
O manto espesso da solidão noturna
E no escuro firmamento estrelas se recolhem.

Um anjo aproxima-se num halo virginal
Ampara o homem nos braços da agonia
Enquanto a morte passa pela tarde fria.

VENTOCHUVA

POR IRINEU BARONI

O vento e a chuva
transformam a tarde
e a vida...

Escuto o barulho dos pingos
no telhado
e saio no tempo
pra deixar minha pele nua
Saborear a natureza fria...

A água da chuva desliza
por toda a parte
e transborda meus pensamentos
em recordações febris e infantis...

Meus olhos se inundam
de uma felicidade única
efêmera e solitária
que transformada em lágrimas
desce minha face
semeando alegria no renascer...

A chuva e as lágrimas
misturam-se no tempo espaço tempo
de meu corpo alma corpo
e renovam a vida flutuante
na beleza do arco íris...

AS QUATRO ESTAÇÕES

POR IVONITA DI CONCÍLIO

Antônio Vivaldi foi um compositor italiano muito conhecido. Sua mais famosa série de concertos, As Quatro Estações, é até os dias de hoje uma das obras mais executadas no mundo inteiro.

Embora eu seja muito ligada à Música não é meu intento escrever sobre essas Quatro Estações neste espaço. Minha ideia não é nada lírica e sim destacar as discrepâncias que o clima mundial vem proporcionando aos homens, no mundo todo.

Em priscas eras, como diziam os antigos escritores, ao menos no sul brasileiro, onde eu vivo, a Natureza era muito bem-comportada e as quatro estações se manifestavam de forma diferente da atual. No resto do mundo eu não posso aquilatar, mas creio que também era assim: comportamento exemplar.

O Inverno chegava pontualmente em junho, e todos já estavam preparados para o frio que ele trazia. Era um clima bem equilibrado. Certas frutas só eram encontradas nesse período e fim de papo...

Setembro era a vez da desejada Primavera – sinônimo de renascimento, de aves saltitantes e flores, muitas flores. Os jardins e os campos se enchiam de tapetes perfumados e a própria Natureza se encarregava de primaverar.

Ops... Será que era isso mesmo, ou são os meus pruridos poéticos que se manifestam? Dezembro chegava, com suas festas tradicionais, calor saudável, frutas tropicais, praias e passeios convidativos às famílias, pois era Verão: época de férias e a criançada/pais mereciam esse descanso para buscar a energia que os reabastecesse para o ano que começava ali.

O mês de março era início da estação mais tranquila dentre as quatro, o Outono. Ah! O Outono nos pegava com os corpos bronzeados das praias e trazia com ele dias amenos, tardes aconchegantes, na preparação para o frio que viria. Quatro estações definidas e previsíveis era o que tínhamos nos tempos de criança – isso para quem tem mais de 50 anos.

Hoje, no entanto, acompanhamos uma variedade de climas totalmente fora da sequência natural “daqueles tempos”. Não só no Brasil acompanhamos fenômenos climáticos totalmente imprevisíveis, como as grandes nevascas que acometem a Europa e os Estados Unidos e ondas de calor jamais verificados com tamanha intensidade; violentos tornados atingindo vários países, inclusive Santa Catarina.

Tsunamis – um fenômeno quase desconhecido, por nós, brasileiros – arrasam cidades inteiras na Ásia e não são atribuídos a nenhuma das “quatro estações”, estão entremeados com elas, indiscriminadamente.

A Humanidade, bastante preocupada, reconhece sua grande parcela de interferência nesse nefasto desgaste, mas também sabemos que estamos vivendo as mutações inexoráveis às quais a Terra está exposta e que rumamos para uma nova Era...

Vivaldi, se vivo estivesse, não teria a menor inspiração para o delicado tema de “As Quatro Estações”.



VERSOS SAZONAIS

POR JACQUELINE AISENMAN

Flutuando o pólen se insinua.
Crescei e multiplicai-vos,
oh flores da primavera.

Flores despedem-se
sobre o homem, apáticas pousadas.
Elas e ele arrancados, adeus!

O frio corre solto como fios revoltos
revoltando e revolvendo as folhas.
Voante outono!

Pensei que fosse para sempre.
Pensaram também?
Desdém... verão as águas de março...



Brotam verdes folhas limão
Recém nascidas
Filhas da primavera.

A cigarra foi trabalhar.
E o silêncio da mata
assombrou a formiga.

Arco-íris de flores
... adornam o jardim.
O céu na terra.

Borralhento está o céu
amontoando nuvens
só para chover.

Uvas anoitecem na parreira.
Ao despertar amanhã,
serão vinho.

Pétalas sangrando
a rosa se abre tímida
dentro do vaso.

Vaso de flores
na janela esquecido.
Cedo inverno.

Passarada vai
Voando pelo horizonte.
Adeus inverno!



RENOVAÇÃO

JANIA SOUZA

No sussurro do gorjeio do passarinho
encontro de almas
no aconchego do ninho

O mar, o céu, dois entes
braços abertos
no centro do coração
ninho

Chega o amor
cantarola uma canção
a vida fica leve
perfumada com o cicio das flores

O inverno passou
em suas asas levou a saudade
deixou a porta aberta
renovação

Fios de sol chegam com o sorriso e a alegria da nova estação.

O outono adormeceu na melancolia do cinza
A paixão desabrochou dos braços da primavera.
Ah! Outra vez é verão!

As Quatro Estações

POR JORGE KASHIO

Estação, gênero feminino: São quatro as rainhas para nosso obediente querer. Quem as definiu, ou quem as ordenou e nomeou, porém, curioso, impôs o masculino ao que feminino floresceu: O Verão, o Outono, o Inverno e (apenas uma representante feminina) a dona Primavera (pelo menos no Português brasileiro é assim que se dá).

Acho que são “super” donas de tudo mesmo as estações, mais que as senhoras dos planos da gente. As tendências da moda, as escolhas turísticas, os projetos de mudança de país, dos riscos e medos aos prazeres e gozos, não acham? Pensem bem! Mas agora venham comigo, se acaso houvesse plano de viajar, pensaríamos: “... é, mas será inverno lá neste período...”. (tremi de frio agora aqui). Ou, quem sabe a vida toda em um lugar que se escolheu viver por certo levou em conta o rigor climático, porém ligados a este mesmo rigor, as mudanças de estação atenuam de certa maneira em determinada época e foi argumento no que planejamos. Nessas combinações uma ideia calou, sem dúvida: “... quero poder estar na praia sempre...”, ou “... quero viver na neve esquiando...”. Nossas intenções e ações foram comandadas pelo gosto, pessoal e intransferível e também pela força das resultantes físicas impostas pela supremacia climática característica de cada lugar demarcadas em períodos pelas nossas queridas senhoras, doces reguladoras da razão, as estações do ano. Vejo que vi o mesmo que alguns que por aí estão a ler e, se houve entendimento, de verdade leu-se. Se leram e de verdade entenderam, percebe-se a força das meninas (os). Resultado estranho, na prática, é que a gente saboreia de diferentes quentes nos verões do norte aos demasiados

frios do inverno sulista. Desde já ao que se costuma chamar “caliente”, ali bem perto da linha do e-qua(c)alo(do)r (saiu...um calor! Era equador), foram ditando regras os senhores, os três-3- e a senhora Primavera.

Doce dizer em prosa o que poetas cantaram na lira inspirada pelas estações onde a humana estadia foi brindada. Impossível não amar os versos, prosas e quem deles diria mal? (Rubem Braga, rei das crônicas em um período fértil do jornalismo carioca, antes da violência, assim reproduz a chegada do Outono em uma de suas crônicas: “... Não consigo me lembrar exatamente o dia em que o outono começou no Rio de Janeiro neste 1935.....quando entramos na Rua Marquês de Abrantes...o outono invadiu o reboque. Invadiu e bateu no lado esquerdo de minha cara sob a forma de uma folha seca. Atrás dessa folha veio um vento, e era o vento de outono....”. Vejam que um texto pede sempre outro, leiam Braga, leiam em qualquer estação, mas leiam!).”Crônica...em 200 crônicas escolhidas, BRAGA, Rubem. RECORD: RIO DE JANEIRO, 2013”

Imagem by Laralova | Dreamstime.com



Das histórias supremas de tanto domínio sonhado pelo homem, exercido pelas estações, quem não quer se sentir escravo, nem lá no arrebol, muda. Sempre houve e haverá mudanças, desde as cotovias aos búfalos, para



Imagem by Corbis

alguns migrar é natural, sentir que é hora de ir. Os gansos vão-se embora no outono em “V”. A hora é sempre a hora, importante aprender sobre a hora certa de ir embora, isto impõe uma imagem própria, qualquer que seja. Desde o trabalho até a hora de nascer hora é hora. Eis aqui o nó de mãe, sentir rasgar a pele é dar à luz, hora e dia marcados para sempre em todas as vidas. Eu sou da primavera, primeiro dia e me orgulho disso, lembro todo dia 22 de setembro. Ia o inverno quando cheguei. A alegria de estar gritando o nascimento da harmonia de um céu, de um sol ou de um frio, hoje sei. Tudo é tão natural, quase tudo. Seguir à sombra é bem melhor, confesso que quando vinha nas nuvens para cá, fiquei cansado das alturas, estava quente, quase grito: deixa-me descer ao sul, viver além do bem mais “caliente”, dentro do amor mais puro que nasceria de qualquer mãe. Forças vieram em mim, e nem consegui imaginar à hora. E já obrigando-me a querer viver ou de frio ou de suor na febre de estação, quiseram-me mais quente, pus-me a me lançar. Nasci então em dor para brindar... à vida! Signos, horóscopo, orixás, Iemanjá, sereia e solidão, agarra-se a tudo na “hora de mãe”. Meu Deus, que gritaria era aquela? Escolham anular-se no cardápio da estação, prisão de quem talvez não possa mais fugir e cuidado nisso, isso cansa. Nasci! Mãe, me salva! Nascer é assim como essas ideias, confuso.

Não sei você, mas o inverno me dá é medo sempre. O paradoxo é dizermos, ou mais, admitir que se seja rigoroso, chega a queimar,

mas pelo menos podemos gozar do bem vestir. Seria um mal, não fosse bem que se quer pra fugir das farras quentes do Verão, aquele cão-disse assim: alguém “pretinho” ali pertinho de onde a linha equatorial tornou-se bem mais que uma linha, algo amedrontador! Vestir-se bem, moda primavera-verão, outono-inverno, lembra anúncio de quando era pequeno: o locutor, aquela voz grave convidava a gastar. Pois é, se é moda, vamos gastar, também aprendi, o cartão de crédito me ensinou. Lição pra toda a vida.

Ai a Primavera....ai, ai! Parece com fim de festa boa, cheira a flor reinando em jardins felizes quando setembro chega, quando meu “niver” aponta, quando o inverno acaba. Há os meios e neles há o outono. Sempre em centros equilibrados ao se sentir: nem tanto frio, nem tanto calor e isso de calma salta em querer brincar, agora vê que solto e livre, já convido: vamos achar as estações aqui bem nesta frase... “excessos deverão, sim, ver-nos aflitos, pois são tantas primas veras, tantas ou “tô” nos distraindo”? Enfim... “- isso foi uma licença poética”. (Ou lunática?).

Falar nisso, parece haver relação entre o Outono e o Inverno, entre a Primavera e o Verão. Adoramos falar deles e a primeira coisa que vem à cabeça é... É mesmo, repensar... Esqueci! Mas se for pra falar de amor, quantos não amaram no último Verão? Quantas histórias vividas entre o frio e a bebida, entre a camisa, o protetor solar e a sensação que vai nos tomando sem nem estarmos lá?

ALGUNS DIRIAM: “... DÓI SÓ DE PENSAR...”. O INVERNO DA SIBÉRIA, OU DE USHUAIA, É DO LAÇCAR NORDESTINO AO VERÃO DA ÁFRICA (OU DO BRASIL) FORÇA A CASTIGAR E A DESIDRATAR, OU MESMO PARA ABANDONADAS CAATINGAS SEM VIDA, AR SECO, FALTA DE MAR, DE ÁGUA A ROLAR, MAS QUE SOBRA NAS CACHOEIRAS DO IGUAÇU.

A energia está lá. Tudo em excesso é “de las-car”... Lembra quando falei “aí” antes: esqueci? Lembrei agora: “... A primeira coisa que veio à cabeça. (. lembrou?) lembrei, foi amar. Que lindo imaginar! E estamos aqui, reféns dos senhores ou do que a senhora mandar, somos apenas suor em bicas, que seca no ar, ou a neve que muda a paisagem, será que elas são deusas a endeusar? Tudo branquinho, pensei em esquiar, em ir pra Bariloche no inverno. Sei lá, deixa mandar ao meu editor para correções, se não não sai na próxima edição. Acho que Deus lá no céu entende o poder de ser o que é, mas nelas, nas estações, revela sua mais profunda certeza: a de que nada é igual e nem mesmo para sempre será, nem ele querendo, apenas e talvez na próxima estação.



O HIBISCO

POR MARLY RONDAN



AJUDE COMO PUDER!

Há sofrimento demais no mundo e os animais nunca podem se defender sozinhos. Defenda-os da maneira que lhe for possível, ajude da forma que puder: dê água, alimento, carinho, contribua para a castração, se puder, adote!

Tenho um Hibisco lindo!
Presente de uma amiga,
muito querida!
Suas flores são grandes,
são vermelhas e efêmeras.
As flores nascem pela
manhã e murcham à noite,
mas o pouco tempo que
vivem me fazem muito feliz!
As folhas caem douradas,
perdem a cor verde e ficam
douradas.
As folhas formam um lindo
tapete ao redor do Hibisco.
Como o Divino é generoso!
ELE enfeitou nosso mundo.
Tantas coisas lindas na Terra.
Amo as plantas e tudo que
ELE criou...



O VARAL DO BRASIL, SEU FUNCIONAMENTO E SEUS OBJETIVOS

O VARAL DO BRASIL foi iniciado em novembro de 2009 na forma de um caderno literário informal feito no formato Word e que teve seu primeiro número (número 0) impresso e distribuído além de ser enviado por e-mail. A partir do número 1 a revista, já com muitos participantes, passou a ser somente distribuída através da internet. Com o passar do tempo passou-se a realizar a revista em formato PDF, mas do mesmo jeito informal que imediatamente conquistou escritores e leitores.

A ideia nasceu do desejo de sua fundadora, Jacqueline Aisenman, de criar um elo literário permanente entre a Suíça (onde ela reside há mais de vinte e cinco anos) e o Brasil (onde nasceu) de forma descontraída e que pudesse ajudar a divulgar novos escritores, principalmente aqueles que não encontravam espaço para uma divulgação maior de seus escritos. O pensamento também era o de unir as pessoas, escrever “em grupo”, ter um espaço de amizade literária que fosse inclusivo e que desse aos leitores a ocasião de ter uma afinidade maior com a literatura, até então extremamente elitizada não somente pelo preço dos livros, mas também pela forma como eram conduzidos os cadernos e sites literários. Jacqueline desejava e realizou algo “literário, mas sem frescuras”.

O nome VARAL DO BRASIL veio através da experiência de Jacqueline Aisenman que, nos tempos em que residia no Brasil, viu e par-

ticipou de muitos “varais de poesia” em universidades e praças. Estes varais aconteciam da seguinte forma: professores universitários, escritores, entre eles o catarinense Alcides Buss, reuniam alunos que escreviam poemas e os colocavam em cartolinas. Depois estas cartolinas eram “penduradas” em varais esticados em locais públicos para que a população pudesse apreciar os textos sem taxas de exposição.

Rapidamente, em poucos meses, o VARAL DO BRASIL desenvolveu um laço de amizade entre autores residentes em vários locais, nos diversos continentes. Muitos escritores viram na nova revista literária, uma oportunidade de divulgação de seus trabalhos de uma nova forma, sem as “frescuras” que em geral caracterizavam o meio literário muito intelectualizado e que não atingia uma grande parte da população de Língua Portuguesa, carente de uma literatura mais popular.

O VARAL DO BRASIL encontrou seu público nas pessoas que, apreciando a literatura, não se sentiam à vontade para ler o que, na grande maioria das vezes, sequer entendiam. Outras pessoas, que não ousavam mostrar seus escritos, viram no VARAL DO BRASIL a oportunidade de, alguns pela primeira vez, publicar os mesmos sem medo. Junto a estes debutantes literários vieram unir-se ao VARAL escritores mais experientes, outros até consagrados. Como no VARAL não há distinção de nenhuma forma, a igualdade se fez desde a confecção de um sumário sem “ordem” específica e sem número de página apontado, tanto quanto não são publicados dados como biografia, idade, origem, nada que possa categorizar os autores participantes.



O fato de que o sumário da revista VARAL DO BRASIL não traga o “número” da página onde o autor se encontra, leva o mesmo a percorrer a revista, lendo seus pares até “encontrar-se”! Os textos para a revista são hoje recebidos não somente do Brasil e da Suíça, mas das mais variadas regiões do planeta, sendo que mesmo autores que não são originalmente de Língua Portuguesa enviavam e enviam textos traduzidos para o Português e, atualmente, enviam seus textos em Espanhol (a partir de 2014). São aceitos todos os gêneros e estilos. Dentro da prosa e do verso, das crônicas aos contos, das trovas aos sonetos. E fora da literatura ela mesma, o VARAL DO BRASIL publica hoje também textos acadêmicos, com aceitação e divulgação em escolas secundárias e universidades.

Em sua informalidade, o VARAL DO BRASIL não impõe aos autores uma limitação de idade e nem exige experiência literária. Os participantes do VARAL DO BRASIL são iguais perante nossa linha de publicação, nunca importando a origem, formação, ou estilo, entre outros parâmetros que costumam distinguir os escritores. Visando sempre o melhor para o leitor, o VARAL DO BRASIL não publica textos que contemham conotação político-partidária ou sejam de alguma forma ligados a uma religião específica.

Também não são publicados textos que sejam de caráter pornográfico ou que, de qualquer forma, possam prejudicar o leitor.

A revista é realizada informalmente, sem ambição de tornar-se uma publicação extremamente “profissional”. A publicação é feita em período bimestral, com tema livre na sua maior parte, mas também com edições temáticas e edições especiais além das regulares. As edições especiais (distribuídas geralmente entre duas edições regulares) trazem temas como Natal e Ano Novo, Mulher, Livros, Saudade, Paz, e etc. Nestas edições, assim como nas temáticas regulares, os textos publicados em toda a revista tratam apenas do assunto proposto. A participação no VARAL DO BRASIL é sempre grande e é feito o possível para publicar todos os que enviam os textos dentro do prazo de inscrição. A viabilização da revista para distribuição pela internet é feita através das plataformas de leitura virtual SCRIBD e ISSUU.

Há quase sete anos atuando na vasta área literária, o VARAL DO BRASIL é legitimamente suíço-brasileiro. O VARAL DO BRASIL é, autenticamente, uma marca registrada na Suíça (registro do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual Suíço), com o ISSN (registro de circulação) da revista da Biblioteca Nacional Suíça

sediada na capital do país, Berna.

Desde 2013 o VARAL DO BRASIL é além de revista, uma Associação Cultural luso-suíça (sediada em Genebra), com objetivo de divulgação de todo tipo de atividade literária, cultural, artística, que seja veiculada na Língua Portuguesa.

O VARAL DO BRASIL trabalha de forma completamente independente, nunca teve associação com nenhum organismo público ou com alguma empresa privada, portanto, nunca recebeu auxílio financeiro de nenhum tipo para realização de suas atividades. O VARAL DO BRASIL tem total liberdade de ação graças a esta independência, não possui representação no Brasil ou em outros países e nem associação direta com outras pessoas, jurídicas ou físicas. Todo o trabalho da revista e da Associação é realizado por Jacqueline Aisenman e membros de sua família.

A participação na revista nunca foi e não é co-

brada, nem dos autores que enviam seus textos para publicação, nem dos colunistas que colaboram com a revista. Não há cotização, mensalidade, anuidade ou qualquer outra forma de demanda financeira por parte do VARAL DO BRASIL para publicação de textos na revista.

O VARAL DO BRASIL não faz divulgação livros, lançamento de livros e de autores (biografias e afins) na revista porque a demanda é grande demais, o que levou à adoção de uma linha editorial que abrange somente a publicação de textos literários e/ou acadêmicos. Mas livros, lançamentos de livros, biografias de autores, saraus, reuniões literárias e outras atividades do gênero, são todos divulgados em nossos outros espaços, como Blog, Página ou Grupos Facebook.

Nestes últimos seis anos o VARAL DO BRASIL realizou seis antologias impressas (cinco da série Varal Antológico e a antologia Voando em Bando, resultado das oficinas literárias realiza-



das no Grupo do Varal do Brasil no Facebook). A realização de antologias sempre foi feita com cooperação participativa dos autores, sendo que a maior parte do investimento financeiro final para edição das mesmas foi feita pelo VARAL DO BRASIL, trabalhando em colaboração com os excelentes profissionais da Design Editora, de Jaraguá do Sul (SC – Brasil). As antologias do VARAL DO BRASIL foram lançadas na Suíça e no Brasil (Bahia, Minas Gerais e Santa Catarina).

O VARAL DO BRASIL realizou durante três anos seguidos o PRÊMIO VARAL DO BRASIL DE LITERATURA, prêmio literário luso-suíço dirigido à literatura lusófona que premiou escritores nas categorias Contos, Crônicas, Poemas e Textos Infantis.

Da mesma forma sempre funcionou a participação de do VARAL DO BRASIL no Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, onde representamos a Língua Portuguesa durante quatro anos, de 2012 até 2015, aumentando significativamente nosso espaço físico a cada ano e desta forma atingindo a cada edição do evento um público sempre maior. Iniciamos a participação no evento com um estande de seis metros quadrados e a partir de 2014 estivemos com um estande de cinquenta metros quadrados.

O VARAL DO BRASIL representou e apresentou autores brasileiros, portugueses, angolanos, cabo-verdianos e moçambicanos. Levou também ao Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, além de livros em Português, livros em Espanhol, Francês, Alemão e Inglês. Os autores participantes, além da exposição de seus livros, tiveram momentos de autógrafos e realizaram lançamentos.

Durante os eventos formaram-se grandes “networks” literárias que possibilitaram aos autores participantes uma visibilidade internacional como em nenhuma outra feira internacional realizada na Europa. De nossas participações no Salão do Livro de Genebra e do intercâmbio realizado entre o Varal e os autores presentes,

surgiram boas ideias que levaram à formação de Projetos, Associações e Eventos Culturais não só na Suíça, mas em vários países da Europa.

Cerca de sessenta escritores já passaram pelo estande do VARAL DO BRASIL no Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, entre eles os renomados Alice Ruiz, Luiz Ruffato, Marcelino Freire, Cíntia Moscovich e Ronaldo Correia de Brito. Mais de trezentos títulos já foram expostos e vendidos durante o evento. O público de Língua Portuguesa, não só brasileiro, residente na Suíça e região da França vizinha, sempre marcou presença no estande do VARAL onde além dos livros, encontrava exposições de pinturas, artesanato e música ao vivo.

O VARAL DO BRASIL já doou, entre a Suíça e o Brasil, mais de três mil livros para associações, bibliotecas, escolas, Instituto Cultural, Consulado Brasileiro e para a Prisão do Estado de Genebra que tem agora uma biblioteca em Língua Portuguesa.

O VARAL DO BRASIL tem grupos culturais no Facebook (um Grupo para oficinas literárias, postagens de textos e tudo relacionado a atividades literárias que é o Grupo VARAL DO BRASIL e um segundo grupo para divulgação de eventos culturais – literários e artísticos – que sejam em Língua Portuguesa ou a incluam, e sejam realizados na Europa). Estes grupos são abertos a todos que desejarem participar das atividades do VARAL DO BRASIL que possui também uma página no Facebook destinada à divulgação cultural e o site oficial.

É levado sempre adiante o lema do VARAL DO BRASIL, que é fazer uma literatura de qualidade, mas sem frescuras, atingindo o máximo de leitores através de atividades literárias que mostrem o talento individual de cada um dentro de um conjunto harmonioso de autores que forme ambiente de paz e amizade.

Venha também para o VARAL DO BRASIL!



top do pop

raphael miguel

O PODER DE UM ÍCONE

A cultura pop vive de bons personagens, de grandes ídolos, heróis e vilões, mocinhos e bandidos. Sim, mais do que necessários, grandes personagens são imprescindíveis à trama e servem ao enredo como grandes catalisadores do público. Entretanto, os ícones são maiores que os próprios grandes personagens.

Poucos se interessam por livros que não contêm personagens marcantes. Uma série sem um protagonista (ou antagonista) carismático está fadada a um cancelamento precoce e até mesmo automático após breves temporadas. Salas de cinema não se lotarão se o filme não apresentar um elenco com qualidades cativantes.

Às vezes, os personagens são tão importantes quanto a trama em si.

Pense bem. Permita fazer o seguinte exercício: Pense no último grande filme que assistiu. Qual o último livro empolgante que leu? O último quadrinho marcante que folheou?

Pronto? Muito bem. Agora, me diga: além da trama, o que mais ficou marcado em sua mente? Arrisco afirmar que você pensou em um ou outro grande personagem que fez parte do enredo. E nem precisa ser o caso de um prota-

gonista ou de um antagonista, como afirmei acima. Um personagem forte transcende a figura dos principais.

Veja um exemplo prático. MADMAX: A ESTRADA DA FÚRIA. Em minha opinião, o grande filme de 2015 (discordem ou concordem à vontade). Um filme frenético, forte, feroz (como o próprio nome sugere). O enredo é incrível, os efeitos visuais fantásticos, a trilha sonora alucinante, a ambientação perfeita. Porém, apesar de todos esses pontos, o que mais chama atenção neste grande Blockbuster?



Respondo: os personagens. Mas, vou além. O filme como um todo é recheado de personagens incríveis. Max e toda sua loucura; Joe e sua insanidade; Nex e suas motivações; Porém, quem rouba a atenção e estapeia o espectador é a Imperatriz Furiosa (interpretada de forma magnânima por Charlize Theron).

Mesmo em um enredo recheado de grandes personagens, Furiosa se destaca. Isso, meus caros, a torna superior a um personagem marcante. Isso a torna um personagem icônico. Este é o ponto em que queria chegar.

Como disse acima, grandes personagens são imprescindíveis. A cultura pop, como um todo, se alimenta de personagens marcantes. Entretanto, são os ícones quem resistem à ação do tempo. São os ícones quem são lembrados e associados a algo gigantesco.



A quem você lembra quando mencionam a obra derradeira de Mario Puzo? Um ou outro se lembrará de Michael Corleone, mas o inegável ícone de O Poderoso Chefão é Don Vito Corleone. Se alguém citar a enigmática Rua Elm e o assustador sucesso de A Hora do Pesadelo, o grande ícone que nos vêm a mente é Freddy Krueger e sua face carcomida pelo fogo.

O poder do ícone é este mesmo: ser uma espécie de rosto da obra, um cartão de visita que nos vem à mente instantaneamente quando pensamos em uma trama.

Grandes personagens, personagens marcantes são essenciais e imprescindíveis, mas ícones... Ícones são realmente únicos.



Eterotópico

POR JOSÉ CARLOS SIBILA

Morar num casarão antigo numa pequena cidade. Aqueles de teto alto e portas bem grandes. Foi sempre esse o nosso sonho. Não houve um final de ano que nós não planejássemos - “ Nesse ano que entra nós haveremos de mudar” - ela dizia quando estava viva.

Dois anos já se passaram desde que eu fiquei viúvo. Gozado. Nunca imaginei ficar viúvo. Puft, assim de repente Deus decretou o fim. Do início da doença para a morte não passaram mais que quatro semanas.

Ficar na casa onde nós morávamos não seria mais possível. Eu ainda permaneci lá até encerrar as minhas atividades na capital e vender a casa. Não foi fácil. Os negócios estavam muito ruins. Mas acabei vendendo e tratei de comprar esta casa afastada do centro, na pequena cidade. A residência mais próxima da minha fica a uns quinhentos metros. Uma casa estranha aquela do meu novo vizinho. Na cidadezinha ninguém soube informar se mora alguém lá. Nunca viram pessoa alguma e alguns têm até medo de passar por perto. Outros diziam que ao voltar de uma pescaria à noite ouviram alguns gritos que não sabiam identificar bem o que era. Parecia um velho irritado, gritando com alguém.

O certo é que todos evitavam passar por ali. Para mim não passava de superstição daquela gente. E afinal, era tudo que eu queria. Sossego, tranquilidade.

Quando eu quisesse conversar iria até a cidade tagarelar um pouco no armazém. Quando não estivesse para conversa, ali ninguém viria me

aborrecer e eu poderia finalmente me dedicar aos meus livros. Finalmente eu estava distante do mundo. Pelo menos para mim as guerras tinham acabado.

Inflação, recessão, assaltos, crimes, violência. Esse lado do mundo havia acabado para mim. Os problemas do mundo foram proibidos de mudar junto comigo.

No fundo do casarão um belo lago natural que chegava até à casa vizinha. Fiquei longo tempo olhando para o lago imaginando como seria bom se ela estivesse comigo.

Mas de qualquer forma ela devia estar contente por mim. Quando me despertei dos meus pensamentos tive a impressão que longas horas haviam se passado. As badaladas do relógio anunciando dez horas da noite me confirmaram que eu realmente ficara um bom tempo nas minhas recordações. Quem sabe se eu não tivesse cochilado um pouco. Preparei-me para dormir a primeira noite na minha nova morada. No dia seguinte teria que acordar cedo para começar a arrumar melhor o casarão e conseguir alguns empregados. Comecei a caminhar até a cama quando fui interrompido por um grito horrível, como nunca havia ouvido antes. Não dava para identificar muito o que era. Parecia uma voz rouca, daquelas de homem velho, quando se irrita com alguém. Lembrei imediatamente da descrição que o pescador havia feito. “Bobagem”, falei comigo mesmo. “Acostumado com a barulheira da capital devo estar estranhando o silêncio daqui”. Esperei mais alguns minutos e como nada mais escutasse, deitei-me e dormi.

No dia seguinte, mal o sol havia anunciado a sua presença, fui acordado por alguém que batia à porta. O frio era terrível e eu bem que gostaria de ficar mais um pouco na cama. Afinal eu não tinha mais hora para nada. Com muito

custo fui atender ao visitante inoportuno. Abri a porta e me deparei com um homem muito distinto, vestindo um casaco grosso para se proteger do frio. Ele tirou o chapéu e me cumprimentou com muita gentileza. Eu confesso que gostei daquela forma cavalheiresca que eu já não conhecia mais.

-Desculpe se o incomodo a estas horas da manhã – falou o visitante.

- Entre. Está muito frio aí fora.
- Não se incomode. O frio não me aborrece. Mas eu lhe agradeço a deferência. Com licença.

Ele foi entrando como se conhecesse a minha casa e depositou o chapéu na chapeleira atrás da porta.

-O senhor foi muito gentil em me receber. As pessoas aqui deste lugar não são lá muito bem educadas.
- O senhor é daqui mesmo? - Perguntei, tentando saber quem era aquele homem um tanto estranho.
- Sou. Meus pais também. Meus avós, bisavós e todos os outros. Ah! Desculpe-me, meu nome é Andrada. E o senhor, como veio parar aqui?
- É uma longa história e eu ainda terei o prazer de contá-la mais tarde. Eu me chamo Augusto. Vim morar aqui sozinho em busca de tranqüilidade. O mundo lá fora está terrível e uma cidadezinha assim sempre me encantou. Parece que os problemas do mundo não chegam aqui.
- Chegam sim, senhor Augusto. E se juntam aos problemas próprios da localidade. Mas me desculpe, eu não quero aborrecê-lo. Seja bem-vindo à nossa cidade e se me permite, já que estou vendo que o senhor é uma pessoa de bom nível, gostaria de convidá-lo para me visitar em casa. Eu sou um colecionador de quadros, antigo hábito da família e ficaria muito satisfeito que o senhor os conhecesse.

- Com muito prazer.
- Ah! Hoje eles me aborrecem muito. Mas há quem goste

O senhor Andrada pegou um cartão no bolso do casaco e o depositou sobre um aparador e foi saindo.

-Aqui está o meu endereço. Desculpe a pressa, mas eu preciso retornar à minha casa. Eles me esperam. Posso aguardá-lo hoje à noite?
- Está combinado. Oito da noite está bem?
-Ótimo. Teremos tempo para conversar. Espero que o senhor não se aborreça de flar sobre quadros. Com o povo daqui eu não posso falar. Até logo senhor Augusto.
- Até logo senhor Andrada.

Ele tinha alguma coisa de diferente. Um homem fino, mas estranho. Peguei o cartão que ele havia deixado com o endereço e a rua era a mesma que a minha. Mas na minha rua só havia a minha casa e aquela que causava medo aos habitantes da pequena cidade. Ainda corri até a rua para ver para onde ia o senhor Andrada. Ainda o vi entrando na velha casa. Eu respirei aliviado: “Não disse que essa gente é supersticiosa. Tem até gente morando no velho casarão”.

À noite, na hora marcada eu lá estava em frente ao casarão. Se o senhor Andrada consentisse, numa outra oportunidade eu convidaria algumas pessoas da cidade para virem comigo e assim acabar com o temor que aquela gente tinha pela casa. Fui logo interrompido pela voz rouca do senhor Andrada:

- Fico contente que o senhor tenha vindo. As pessoas nunca me visitam. Entre quero que o senhor conheça meus quadros.
- Essa é uma visita que me agrada muito. Eu sempre fui um admirador da arte, como o senhor.
- Eu era.

Ele falou com um pouco de rancor e sua voz me lembrou o grito que eu havia escutado na noite anterior.

Entramos na casa e sem nenhuma outra formalidade, o senhor Andrada passou a me mostrar suas obras.

Notava-se uma certa irritação.

- Veja que belo quadro senhor Augusto. Luís XIV. França. Quantas outras personalidades do passado a França poderia ter colocado nesta moldura? Dezenas? Centenas? E hoje, o senhor conhece algum francês que poderia ter a honra de estar emoldurado ali?

Fiz um esforço para me lembrar rapidamente de alguém, mas o meu anfitrião se adiantou:

- Não perca seu tempo. Não vai encontrar mais ninguém.
- Devo admitir que o senhor tem razão, senhor Andrada.
- Olhe aquele outro quadro.
- Shakespeare, o senhor tem mesmo bom gosto.

O senhor Andrada acrescentou ainda mais irritado:

- Agora senhor Augusto, me faça o favor de procurar em todo o Reino Unido, um único inglês que, nos dias de hoje, possa ter a honra de ocupar o lugar de William.
- Não me lembro de nenhum, assim rapidamente – respondi.

Cada vez ele ficava mais irritado:

- Não é que o senhor não se lembra. O problema é que não tem.

Passamos para uma outra sala repleta de quadros. Um deles me chamou a atenção. Era o lago que ficava ao fundo da nossa rua. Mas o trabalho parecia estar inacabado. Faltava alguma coisa.

- Não me critique ainda senhor Augusto. O que falta nesse quadro será completado ainda hoje.
- Desculpe-me, mas essa paisagem parece que já foi pintada há muito tempo e ela me parece inacabada. O senhor não poderá completá-la –

falei meio sem jeito.

O meu anfitrião me pegou pelo braço e me conduziu rumo ao fundo da casa:

- Chegamos ao Brasil. Veja, ali José Bonifácio de Andrada e Silva. Do outro lado, Rui Barbosa. Feche os olhos, Senhor Augusto, e apague a imagem dos dois. Procure em todo o território Nacional, e olha que não é pequeno, quem hoje em dia poderia estar nessas molduras sem diminuir-lhes o valor.

Eu procurei por alguns instantes no meu registro mental, mas a voz rouca e irritada logo me trouxe de volta ao Casarão:

- Não se canse meu caro vizinho. Não vai encontrar ninguém.

Logo em seguida ele me conduziu até uma porta que dava para a varanda. A lua cheia iluminava o lago e a montanha. Era uma paisagem linda. Tudo muito parecido ao quadro inacabado que havia me intrigado tanto.

- Não é lindo senhor Augusto? Sempre foi assim. Não muda, mas os homens já não são os mesmos. Não há mais modelos para nossos quadros.

Ele começou a descer em direção ao lago. Eu fiquei olhando e quando ele já estava a uma certa distância da casa eu gritei:

- Senhor Andrada. Volte.
- Não – respondeu à distância - aqui é muito bonito. Eu não quero sair dessa paisagem. Fique o senhor aí.

Eu ainda o vi se afundando no lago e corri na direção da saída da casa, à procura de ajuda. Ao passar pelo quadro inacabado levei o maior susto da minha vida. Ele estava completo. Na parte inacabada, agora havia a imagem do senhor Andrada.

AS QUATRO ESTAÇÕES

POR JOSÉ HILTON ROSA



Cada dia
Cada mês
Cada estação
Outro sonho
Em tempo algum, não digas
Que não podes ser útil,
Faze de cada dia
Um poema de fé.
Podes ser a esperança
Dos que jazem na angústia,
Uma frase de luz
Ergue os irmãos caídos,
Terás, quando quiseres,
A prece que abençoa.
Para espalhar o bem,
Basta o apoio de cada um,
O amor responderá com a mesma
bondade

Viuvez de pensamentos

POR PAOLA RHODEN

Tantas vezes vi o sol iluminar uns rostos tristes, e a chuva molhar algumas faces sorridentes. Muitas vezes vi lágrimas caírem pela dor, e outras maiores por alegria. Também vi folhas caírem pela seca, outras apenas por ser outono. Vi flores perderem a cor por negligência, mas centenas delas feneceram por ser sua hora. E num relance, vejo a vida escorrer entre os dedos, esvaindo liquidamente só por prazer, não dando tempo ao meu tempo, que esguio e despercebido segue em frente, deixando sorrisos e flores pelo caminho, no andar indiferente.

Meu olhar, não consegue perseguir o vento que leva minha alma insegura, pelos campos verdes que não são mais de esperança, mas de um amarelo pálido do sorriso sem anseios, num cantar de rouxinol enviuvado em seu repente, no sorriso indisciplinado da criança que vive no interior de cada um.

E os rostos tristes, não tornaram a ser alegres, e os sorridentes talvez também venham a entristecer. E assim permanece a vida em uma corrida alucinada, não levando em conta, nem o canto solitário do pássaro sem companhia, nem do som do sol brilhando no orvalho, enquanto as flores sobreviventes se esgueiram no amanhecer.

Enfim, nem sei se o olhar persegue a realidade, ou se este mundo é uma ilusão, apenas sigo com os passos na certeza de uma estrada, que me traga não só pedras, mas a Paz no coração.



DEUSA DO MAR

(Lenda Carioca)

**POR NELSI EMILIA TORRES
STOCKER**

Uma belíssima jovem, de pele macia e
bronzeada.

Sempre solitária, com o corpo quase nu, longos
cabelos ao vento...
tinha por costume sentar-se em umas pedras lá
no Leblon.

Era a imagem da liberdade.

Sua meiguice não passava despercebida...
Calada, contemplava a beleza que a circundava.
Atirando pedrinhas, fascinada, admirava
também os surfistas,
e o voo das asas deltas coloridas...

Sob o murmurio do mar e a dança das gaivotas,
com gestos inocentes, não era consciente da
curiosidade que despertava.

Distraída, não se deu conta, um lindo loiro,
dono de olhos azuis e brilhantes que,
com passos decididos vinha a seu encontro.
Ele pediu licença, para a seu lado contemplar
tanta beleza.

Com um lindo sorriso nos lábios, ela aceitou a
companhia...

Em silêncio, miravam o ritmo da vida na frente
daquele lindo mar.

Gente por todo lado, indo e vindo, caminhando
no calçadão e pela areia, sem pressa, sem
medo..

Ao som do belo samba que soava longe, mulatas
fogosas rebolando finas cinturas...

Hum... quanta alegria, quanta beleza, gente
contagiante.

Ondas batiam nas pedras quentes, indo e vindo,
formando espumas cintilantes, serpenteando a
Bahia.

Em silêncio, somente apreciando...

As cores e sabores. Olhares... Amores.

Para ele, ela era a musa melodia.

Aquarela e poesia...

Para ela, ele era o sol,

Vida e harmonia...

O mar a chamou, ela se inquietou e levantou...
Caminhou ao encontro daquele mar gigante e
sedutor...

Confiante, a seu lado o belo jovem encontrou...

Se olharam profundamente. Sorriram...

Num ato de amor ela lhe estendeu a mão...

Foram caminhando, na mesma direção...

Lento e preguiçoso, o sol se despedia...

Momentos mágicos, no final de mais um dia.





DOCE AMOR

POR MARINA FARIAS

Daqueles que move e refresca
Acende o olhar e acalma o coração
Alcança a plenitude do amanhã
E desperta o amor.
Porque demoras tanto?
Abraçando-me e sentindo meu coração
Vou indo e refletindo
Anos de historia e muita paixão
Que Deus nos guarde
E nos revele a mansidão do desejo
Do amar e venerar
Como não houvesse amanhã

QUESTÃO DE TEMPO

POR LYA GRAM

As folhas de Outono forram o chão no descanso de quem cumpriu a missão.

A brisa do inverno sopra o rosto e brinca com a fraqueza humana derrubando a imponentia que acaba por esconder-se sob os mantos a pedir clemência.

A primavera cobre a nudez das plantas com flores, como recompensa por manterem-se forte diante dos castigos do tempo, por suportar tantas dores.

O verão traz consigo a luz intensa sob a pele desnuda a deleitar-se no calor, por vezes, sufocante no intuito de calar a voz para ouvir a canção da respiração.

As 4 estações são mestres. Arrancam de nós a destreza necessária para nos modificarmos a cada uma delas. Mudanças são mais que primordiais à evolução.

A natureza pede um olhar diferente para que possamos enxergá-la de fato. Várias situações na vida também pedem olhares diferentes. Quando estamos derrotados, humilhados, desempregados, percebam, sempre recorreremos à humildade. Aceitamos, às vezes com muito custo, dar um passo para trás. Porém, voltamos a sonhar. Voltamos a indagar nossos caminhos. Percebemos a nossa essência.

Ouvi dizer que nada acontece por acaso. Mas, por que tudo precisa ter um sentido? Para quê explicar quando é melhor vivenciar? Aliás, as melhores sensações da vida nos deixam sem palavras!

Não calcule sua vida, apenas viva. Mas tenha objetivos. E que eles sejam seus e de mais ninguém. Tentar provar vitória para os outros é não ter o destino nas próprias mãos.

Viva suas expectativas e ande um passo de cada vez. E, se um dia questionarem sua lentidão em conseguir êxito, lembre-se da esmeralda. Essa pedra pode levar milhares de anos para se

formar completamente. Enfrenta fogo, poeira e se mistura com outros minerais até cristalizar e formar a preciosa e rara esmeralda.

Seja paciente, mas nunca inerte.

Ouçã os mais velhos, mas não deixe de aprender com as crianças. Elas ensinam hoje, o que, um dia, sentiremos saudade.

Não seja simplesmente o provedor de bens para seus filhos. Tudo quanto puder comprar não terá tanto valor para eles, quanto sua atenção, seu carinho.

Saiba que ninguém vai dar mais valor à sua luta do que você mesmo.

Se você é adulto e não tem sonhos, então, abraçe o sonho de alguém.

Não tenha medo de errar, mas tenha pavor de não reconhecer os erros.

Viva a natureza, ande de pés descalços, visite as cachoeiras, segure um punhado de terra, plante uma flor, colha frutos. Prefira estar em família quando fizer isso tudo e garanta boas lembranças a todos.

Não reclame, mas nunca deixe de questionar. Questionar solidifica o aprendizado.

Seja obediente ao seu coração. Tudo o que fizer através dele será duradouro.

Por fim, siga os passos das 4 estações. As folhas podem cair, mas as raízes são fortes. As flores podem surgir, mas ao ressurgir, nunca serão as mesmas. A neblina pode ser densa mas dura pouco. E não importa qual tempestade você enfrenta nesse momento, a calma é questão de tempo. Sempre tempo.





CHEGOU O OUTONO!

POR MARIA (NILZA) DE CAMPOS LEPRE

O verão esta chegando ao seu final.

Nas ruas de minha cidade muitas arvores se cobriu de flores rosa, azuis e roxas. São lindas; e o chão a sua volta também fica colorido pelas pétalas das flores que se desfolham. É chegada a época das quaresmeiras. Uma árvore típica da mata atlântica. É ela que se engalana para saudar a chegada do Outono.

É nessa estação do ano que os dias começam ficar mais curtos e as noites mais longas.

É um mês onde os ventos agem com maior intensidade.

A temperatura aos poucos vai diminuindo a espera do inverno. Apesar de no Brasil o inverno costumar ser brando.

Muitas vezes nos acostumamos a despertar com nevoeiros que logo se dissipam.

A umidade do ar diminui pela diminuição das chuvas.

As árvores como a reverenciar esta bela estação que se inicia derrubam suas folhas depois de as terem colorido do amarelo até o marrom. É um preparo de beleza, pois na primavera surgirão em todo seu esplendor. Estarão totalmente renovadas, como se tivessem feito um longo tratamento de beleza.

Outono é considerado por muitas pessoas um período de transformação, de mudanças. É tratado por escritores e poetas como a estação que inspira beleza e melancolia.

Eu amo o Outono com suas belezas e feiúras, assim como todas as outras estações do ano. Cada uma com suas belezas e peculiaridades.

Seja bem-vindo Outono!

FLOR DE OUTONO

LY SABAS

Interessante,
minha menina é uma flor de outono!

Deve ser por isso
que amo essa estação,
em que sempre descasco meus sentimentos
e tento depurar
com determinação,
para que na primavera
estejam mais consistentes.

No outono tudo se torna mais leve,
fácil de realizar.

Vasculhar velhos rascunhos,
cerzir rimas perdidas,
incinerar ideias disparates,
polir poemas remanescentes.

E nesse ritual de germinação
ideias jorram e se espalham
como folhas escarlates,
a brisa fresca desprende
pensamentos mofados pelos dilúvios do verão,
e a primavera encontra
corpo e mente harmonizados
para mais um ciclo de evolução!



VARAL MUSICAL

REBECCA JORDÃO

MPB: MÚSICA PARA TODOS OS GOSTOS BRASILEIRA

Há quem diga que ela surgiu nos anos 60. Há quem acredite que na década de 40 ela nasceu sob o ritmo gostoso do baião e sob a alegria e o toque da sanfona do saudoso Luiz Gonzaga. Os mais ousados vão além: juram que o Brasil Colônia já tinha em si faíscas dessa miscelânea musical. O fato é: não importa se ela é uma senhora à la Matusalém, com seus mais de 1500 anos; se é grisalha e cheia de experiência ou se está na casa dos trinta – a MPB é a mais bela e completa manifestação cultural do Brasil e, acompanhada de intérpretes e compositores que fazem jus à importância deste movimento artístico genuinamente brasileiro, ela se renova – para nossa sorte e deleite – todos os dias.

O movimento da NOVA MPB é o exemplo mais claro e concreto de que a cada novo brasileiro que nasce, a cultura musical do país tende a se renovar e se reinventar. Exemplos disso são nomes como Clarice Falcão, Tiê, Tulipa Ruiz, CéU, Cícero e SILVA - Todos nascidos entre as décadas de 80 e 90. Novos filhos da música, nascidos do som.

A NOVA MPB nasceu de parto normal, de uma mãe já acostumada a dar à luz: ganhou rapidamente lugar no cenário musical antes muito bem ocupado por mestres como Gil, Caetano, Nana Caymmi, Cazuza, Chico Buarque e tantos outros artistas que ajudaram a erguer e disse-

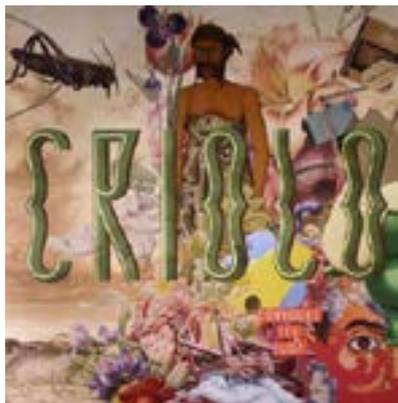
minar a cultura musical que aos poucos foi se enraizando em cada canto do país. Ela surgiu da internet para os iPods e aparelhos MP3; destes, migrou para a TV e dela para o mundo. Nomes como Tiago Iorc, Bárbara Eugênia, Mallu Magalhães e Maria Gadú já têm lugares marcados em listas de reprodução no exterior.



Indie despojado, marchinhas de carnaval, folk, bossa, e britpop - com inspirações que vão desde as composições vanguardistas às melodias tropicalistas, essa nova geração tem ganhado seu espaço com suor, acordes, letras marcantes, bom humor e, claro, muito talento, que vem atraindo desde os mais conservadores aos mais moderninhos.



A seguir, uma lista com algumas das (boas!) músicas e álbuns dessa galera que está reinventando a Música Popular Brasileira:



1. Cartão de visita – Artista: Criolo (feat. Tulipa Ruiz) Álbum: Convoque seu buda (2015)

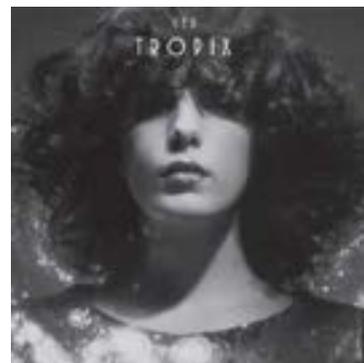


2. Louise du Brésil – Artista: Liniker – Álbum: LINIKER (2015)



3. A chave – Artista: Bárbara Eugênia – Álbum: É o que temos (2013)

4. Mais ninguém – Artista: Banda do mar – Álbum: Banda do mar (2014)



5. Perfume invisível – Artista: CéU – Álbum: Tropix (2016)

6. Prumo – Artista: Tulipa Ruiz – Álbum: Dançê (2015)

7. Singular – Artista: Anavitória – Álbum: Anavitória (2015)

8. Alexandria – Artista: Tiago Iorc – Álbum: Troco Likes (2015)

9. Passarinhos – Artista: Emicida – Álbum: Sobre Crianças, Quadros, Pesadelos e Lições de Casa (2015)

10. A praia – Artista: Cícero – Álbum: A praia (2015)

AS ESTAÇÕES

POR MARILINA BACCARAT DE ALMEIDA LEÃO

A estação do ano, que representa o amor, é a primavera, em sua explosão de beleza... É a estação das rosas coloridas...

Desabrocha a beleza e o perfume das flores, que cobre o mundo de cores verdes, rosas, lilases, amarelas, azuis, violetas e muitas outras cores, tudo misturado e harmonioso...

Então, a primavera presenteia o ser humano com o amor, que se torna enamorado...

Apaixonado ser, encarna essa magnitude em semente, grão, bulbo, coração, que pulsa deslumbrado, enfeitando a vida, quando, ainda, é primavera...

Nessa estação, cada flor tem sua pétala e, cada uma, seu sinal, cada cor tem um desbotar e cada flor, ao chão, retornará e voltará, em botão, a ser flor novamente...

Chega então o verão, com seu sol irradiando sobre tudo e todos...O lago espelha o céu. O arco-íris presenteia, com o orvalho, a flor... Então, o amor chega, adquire o dourado, esculpido pelo artista, o astro rei...A noite de verão, com sua lua cheia, vem pratear as ondas do mar. A brisa balança os cabelos da amada, como um barco a navegar, pelas ondas do mar, remando...remando. E, ali, na praia, observando as ondas prateadas, os enamorados se amam, aproveitando o verão...

Então, chega o outono, quando vêm os lírios, e, onde nada parecia querer nascer, o milagre acontece, um sorriso, um afago e a mulher se fez noiva... Resguarda-se, nas estações, até que chegue o inverno, quando os noivos irão se casar..

E eis que chega, novamente, a primavera, onde os bulbos, que estão adormecidos, explodem trazendo a vida, a luz, que chega, seja na primavera, no verão, no outono ou no inverno, aquecendo a alma dos namorados, que, de enamorados, se fizeram marido e mulher... Assim, as estações passaram... Como o orvalho, que presenteia a flor, a natureza presenteou a mulher, na primavera, que chegou.... Ela, orgulhosamente, se tornou esposa.... Agora, terá o prazer em se tornar mãe...



ESTAÇÕES DE MIM

POR MARIA ESTHER TORINHO

Primeiramente,
aprisiono primícias
préstimos
apreços
propago primores
proximidades possíveis
pouso em paixões pertinentes
sou primavera.

E, de repente,
voluteio
sou ávido vulcão
sou veio
sou válvula
sou vespa valente
visto-me de vontades
viajo no vento vadio
varro o chão e vicejo
sou vida que vinga
sou verbo
veraneio.

Depois,
olhos embaçados
ombros curvados
obstruídos ouvidos
crio obstáculos
sou linha oblíqua
sou olvido;
ofusco-me
sou vidro opaco
sou ostra
sou ocaso e outoneio.

Enfim,
intrigada
intimidada
infilto-me em meu íntimo
sou intestino delgado
insumo de mim
palavra introjetada
infante intocada
impúbere
inexplorada ave
implume
sou ilha e hiberno.

De novo fera faminta
fujo ao fracasso
finco pé na faina
sou faca afiada
fomento fagulhas
afogo-me em fogos
sou flama
sou febre
sou flecha, foguete
fecundo-me em flores
farto-me de favos
sou fêmea e refloresço.



Imagem by Shutterstock

PRIMAVERA - NATUREZA - ECOLOGIA

POR MARIA LUÍZA VARGAS RAMOS

A cada ano, geração após geração celebra a chegada da Primavera. Cada um com seus motivos que, num divisor comum, se resumem basicamente ao colorido das flores e à despedida do frio.

Hoje a primavera necessita de uma visão mais abrangente, já que é a estação do ano mais festejada, mais notada. É na primavera que precisamos despertar na criança e no jovem - já que o adulto é mais resistente a mudanças de opinião - o espírito ecológico, de verdadeira preservação da vida e da espécie.

O horror ao extermínio dos animais, às queimadas, aos aerossóis, à invasão do habitat da flora e da fauna, às drogas, ao cigarro, ao álcool, enfim, a tudo o que destrói a vida, arrasa a natureza, inutiliza o homem.

Devido às pesquisas e acidentes nucleares, à falta de limite da curiosidade humana e à falta de responsabilidade desses mesmos homens, hoje temos um planeta quase destruído, cujas únicas perspectivas concretas são uma camada de ozônio rompida e a iminência de bombas atômicas cruzando os ares por motivos mesquinhos e egoístas demais.

Nem quatro estações do ano bem delimitadas temos mais. Faz calor no inverno, frio no verão, neva onde nunca tinha nevado antes, ressacas nos mares, rios poluídos, pescadores desencantados, pecuaristas apreensivos, agricultores em falência.

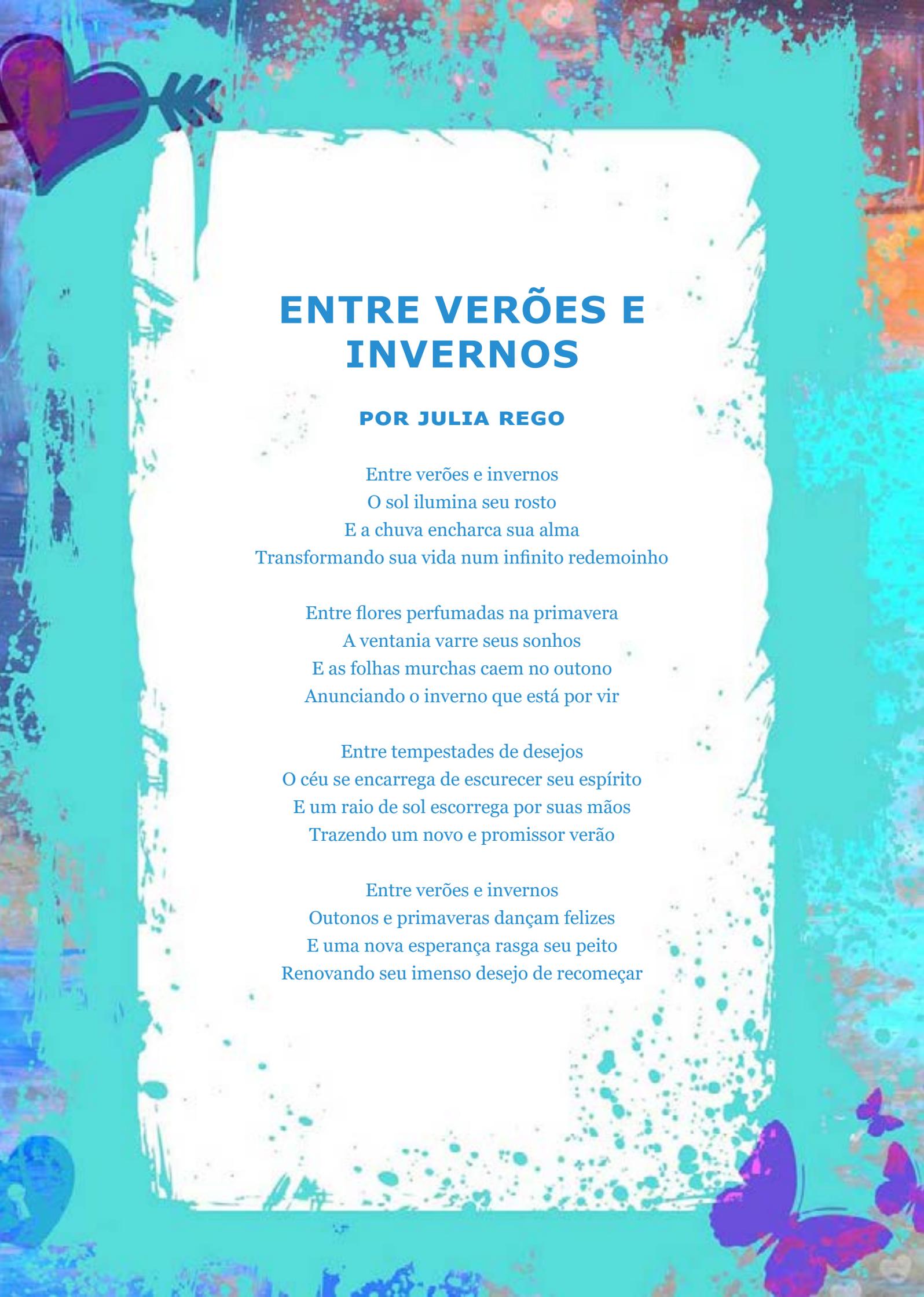
Entretanto, convenhamos, que natureza pode resistir a tanta irresponsabilidade? Aterros para a construção de prédios chiquérrimos à beira-mar, esgotos a céu aberto, montanhas de lixo apodrecendo à beira das cidades, árvores cortadas, adubos químicos jogados sem parcimônia nos rios. E as crianças vão convivendo com esse descaso a ponto de se julgarem, como seus pais, independentes da natureza, seres cósmicos sem nenhum vínculo com a terra-mãe.

Por que desenhar árvores e flores na primavera sem que se desperte a verdadeira consciência do que a flora necessita para viver? Será que essas crianças não prefeririam plantar um canteiro, colher ovos frescos, beber um suco natural ao invés de assistir a um filme sobre animais e plantas?

A responsabilidade maior de pais e educadores nesse novo século é despertar o amor e o respeito pela preservação da natureza como única saída para a não extinção da espécie. Senão, o bicho-homem logo será também um animal em extinção.

Primavera - estação das flores - e também da vida e do amor à natureza, de onde viemos e para onde voltaremos inapelavelmente um dia - para dar sombra aos que virão de nós!





ENTRE VERÕES E INVERNOS

POR JULIA REGO

Entre verões e invernos
O sol ilumina seu rosto
E a chuva encharca sua alma
Transformando sua vida num infinito redemoinho

Entre flores perfumadas na primavera
A ventania varre seus sonhos
E as folhas murchas caem no outono
Anunciando o inverno que está por vir

Entre tempestades de desejos
O céu se encarrega de escurecer seu espírito
E um raio de sol escorrega por suas mãos
Trazendo um novo e promissor verão

Entre verões e invernos
Outonos e primaveras dançam felizes
E uma nova esperança rasga seu peito
Renovando seu imenso desejo de recomeçar

MÃE - SEM RECESSO

POR MARIA LUÍZA VARGAS RAMOS

Quero prestar aqui uma homenagem a todas as mulheres que tiveram a ousadia e a coragem de serem mães. Quer tenha o seu filho nascido dela própria ou de outro útero, é a essa Mãe-criadora que me dirijo aqui.

Penso que existem no mundo, basicamente, três gêneros: masculino, feminino e materno. Isso porque nem todas as mulheres querem ou conseguem serem mães. Essa impossibilidade refere-se apenas à falta de coragem, de força para sê-lo, uma vez que, com tantos orfanatos superlotados no mundo, quem tiver disposição será mãe quando quiser.

Os pré-requisitos para a maternidade são simples. Basta ser um anjo da guarda mais atento que os querubins celestes, ter uma paciência ilimitada, quilos de corujice, noções de medicina, odontologia, enfermagem, psicologia, filosofia, pedagogia e alguns cursinhos extras como: culinária, corte e costura, primeiros socorros, etc. Uma pequena cláusula comunica que a mãe não tem direito a férias, licença de qualquer natureza e não pode, sob alegação alguma, entrar em recesso; será uma executiva sem secretárias, cuja agenda não admite cancelamentos.

Como combustível a mãe usa amor, orgulho, reconhecimento e qualquer beijinho melado a deixa pronta para mais três noites em claro. A mãe deverá ser uma motorista pontual, dando incontáveis plantões às portas das escolas, academias e ginásios. Seu papel nos eventos esportivos e atividades extraclases será o de torcedora, patrocinadora e consoladora, não esquecendo que, nas derrotas de seu filho, o resultado foi sempre injusto.

Quando os bebezinhos crescem, tornam-se juízes cruéis e impiedosos, esquecendo que a mãe, antes de ser mãe, é mulher e um ser humano limitado como todos os outros. A mãe deverá portar-se, vestir-se, caminhar e até falar de acordo com as exigências do pequeno algoz. Na sua interminável batalha a mãe planta a semente, rega, trata e deixa o fruto para o filho colher.

Entretanto, o chazinho, o termômetro, o olhar preocupado, as mãos que acariciam a testa febril - são lembranças que escapam na adolescência, mas voltam na maturidade e acompanham o filho durante toda a sua vida.

Que seria dos filhos se não fossem as mães? Poderiam ter conforto, dinheiro, fartura... mas certamente faltariam as chances para um desenvolvimento integral. No mínimo, quem os levaria, ano após ano, às aulas de música, dança, lutas marciais, esportes, línguas estrangeiras, etc.? Os pais não têm tempo e as empregadas não têm habilidade. Além disso, mesmo no cansaço e no desencanto desta triste vida moderna, o filho ainda é o acendedor do brilho dos olhos da mãe.

E nós, que sempre achamos demasiadas as homenagens e poemas dedicados às Mães, hoje damos a mão à palmatória - poetas e escritores até escreveram pouco para essas super mulheres.

Parabéns Mães!





PRIMAVERA

POR JULIANA AGUIAR

Primavera no céu
Primavera no ar;
Quantas primaveras bastam
Para você enfim se encantar?



DICAS DE PORTUGUÊS

RENATA CARONE SBORGIA

*“Se não conheço os mapas,
escolho o imprevisto:
qualquer sinal é um bom presságio.”
Lya Luft*

1) Maria gosta de “ animalzinhos” !!!
Maria precisa gostar também da escrita correta!!!
O correto é: animaizinhos

Regra fácil: o substantivo é animal.
Animal----expressão levada para o plural: animai(s) + zinhos= animaizinhos

Outro exemplo: Flores----florezinhas

Flores---- o substantivo é levado para o plural:
flor + ES = flores

A desinência do plural s é retirada: flore
Acrescentando: flore + zinha = florezinha

A desinência do plural s é acrescentada depois do sufixo:
Florezinha + s = florezinhas

2) Ficou muito tempo “ em pé” ???

Em pé ou de pé são expressões existentes e significam a mesma coisa:

a) Que algo ou alguém está em posição vertical, em posição ereta.

Ex.: Fiquei (de) em pé por horas a fio.

b) Que algo se mantém

Ex.: O nosso acordo continua (de) em pé.

3)Leva-se pizza “ a domicílio” .
... a pizza nunca chegará!!!

O correto é: Leva-se pizza em domicílio.

Regra fácil: A domicílio ou Em domicílio: as duas expressões existem em nosso idioma e significam a mesma coisa. No entanto, cada locução adverbial só pode ser usada com determinados verbos.

A domicílio: só deve ser usada com verbos que indicam movimento, tais como: levar, enviar, trazer, conduzir...

Em domicílio: só deve ser usada com verbos que não exprimem idéia de movimento, tais como: dar, cortar, fazer, entregar...

Ex.: Entrego pizza em domicílio.

Segundo a gramática normativa(norma culta), entrega-se algo em algum lugar.

PARA VOCÊ PENSAR:

*“A quatro mãos escrevemos o roteiro para o palco
de meu tempo: o meu destino e eu.*

*Nem sempre estamos afinados, nem sempre nos
levamos a sério.”*

Lya Luft

FEVEREIRO NA PRAIA GRANDE DO ITAPOCOROY

POR URDA ALICE KLUEGER

Eu lembro muito bem: era fevereiro, e eu estava adolescendo naquele tempo mágico em que amávamos os Beatles e os Rolling Stones. Meu pai tinha um restaurante lá na Praia Grande do Itapocoroy, mas eu nunca morei lá: ficava em Blumenau durante os meses de aula, e ia para a praia nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e julho.

Estar adolescendo naquele tempo mágico em que o mundo fervilhava com uma coisa totalmente nova chamada Movimento Hippie, e ir passar as férias num lugar privilegiado como a Praia Grande do Itapocoroy era mais que passar manteiga em focinho de gato.

SE GATO FOSSE, COM CERTEZA LAMBER-ME-IA TODA DE TANTA BELEZA, DE TANTO ENCANTAMENTO, DE TANTO MISTÉRIO QUE HAVIA NAQUELE CANTO ONDE MORÁVAMOS, E NA VIZINHA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCOROY.

Eu e minha irmã Margaret tínhamos nossas obrigações, em tempo de férias, como ajudar nossos pais em coisas do restaurante (havia manhãs em que eu descascava um saco inteiro de batatas!) e outras coisas assim, mas, nas tardes, baldes de plástico em punho, éramos encarregadas de ir até a vizinha Armação buscar camarão fresco.

O plástico ainda era uma coisa um tanto nova no nosso mundo, e os baldes coloridos tinham seu charme, e lá íamos nós, vencendo a branda elevação que separava uma praia da outra, e que, na direção da Praia Grande, era forrada de uma vegetação baixa, pois o vento Sul, quando

batia, cortava qualquer coisa mais alta que quisesse se criar por ali.

E NA ARMAÇÃO, DEIXÁVAMOS NOSSOS BALDES COLORIDOS NAS SALGAS (PARA QUEM NÃO SABE, SALGA É O LUGAR ONDE SE DESCASCA O CAMARÃO), E CAÍAMOS NA ÁGUA, POR MUITAS HORAS, ATÉ DE TARDINHA, QUANDO O CAMARÃO PESCADO PELA MANHÃ JÁ ESTIVESSE DESCASCADO E OS NOSSOS DEDOS ESTIVESSEM ROXOS E MURCHOS DE TANTO FICAR NA ÁGUA.

Tínhamos uma turminha de tomar banho, naquelas tardes, e lembro agora do Nel do seu Bié-li, do Sérgio Pequeninho (que era um grandão, apesar dos seus 12 anos, que ele mentia dizendo serem 14), e outras crianças e adolescentes dos quais já não sei mais o nome. Brincávamos muito na água, naquelas tardes de férias, e mergulhávamos, e quando percebemos, estávamos todos nadando, sem que ninguém tivesse nos ensinado.

Há milhares de coisas para contar daquele tempo encantado em que o mundo se movia entre as amarguras de uma guerra do Vietnã e a mensagem de Paz e Amor dos meigos hippies que nos encantavam. Uma, porém, está muito forte dentro de mim nesse fevereiro: era o florescimento de todas as ervas, arbustos e capins da Praia Grande a cada vez que fevereiro chegava. Era muito lindo! Já disse que havia uma suave subida da Praia Grande, que descia em Armação, e que ali o vento Sul não deixava se criar nenhuma planta grande. Tudo era forrado, porém, de capins, matinhos e pequenos arbustos, que pareciam enlouquecer em fevereiro!

Todos aqueles seres vegetais explodiam em flores e florinhas brancas e prateadas, desde o mais avantajado arbusto até o mais humilde fiapo de capim, que criava toda uma espiga cheia de florzinhas brancas grávidas de finas

sementes, e tudo ficava tão branco e prateado que se tinha a ilusão que, em fevereiro, nevava na Praia Grande do Itapocoroy!

Eu primeiro olhava, depois andava no meio daquela loucura da natureza, tão grávida de beleza quanto as plantas estavam grávidas de sementes, e já de noitinha, quando o sol se punha lá no fundo daquele aclive nevado, e deixava o céu com todos os matizes do vermelho, eu olhava pela janela da nossa cozinha e nem conseguia acreditar que tanta beleza fosse possível. Aquilo me gerava uma grande angústia – era beleza demais para ser absorvida por uma simples adolescente que mal entendia da vida.

Há uma cena daqueles tempos que nunca se apagou da minha alma: eu andando por entre a loucura branca daquele florescimento de fevereiro, cantando a música de Chico Buarque que acabara de sair, e que começava assim:

“VOCÊ ERA A MAIS BONITA/ DAS
CABROCHAS DESTA ALA/ VOCÊ
ERA A FAVORITA/ ONDE EU ERA
O MESTRE SALA...”

Era o verão de 1967, e eu já sabia que os verões nunca voltavam, mas também sabia que, nos fevereiro, a Praia Grande do Itapocoroy sempre ficaria coberta da neve de suas flores de novo. Ou não? Talvez hoje tenham construído casas por toda ela, e já não tenha sobrado espaço para viverem ali capins e matinhos que enlouquecem em fevereiro. Tomara que não! Não é lícito que o Ser Humano quebre a magia dos verões.



O ABACATEIRO

POR MARLY RONDAN

Tenho um “ABA”, que é minha paixão. Certa vez ficou sem as folhas, apenas três galhinhos plantados num vaso, fiquei triste. Pedi então que o plantassem na terra. A Mãe Gaya cuidaria dele; e cuidou! Meu ABA cresceu, hoje tem quatro metros. Já deu dois abacates pesados e gostosos. Converso com meu ABA todos os dias. As árvores são seres criados pelo Divino, seres melhores do que nós os humanos. As árvores são úteis, nos dão sombra, frutos, flores, beleza, nos acolhem... As árvores não agridem, não traem os semelhantes, ajudam a purificar o ar. Os seres humanos estão tão violentos! Nós estamos cruéis, ambiciosos, falsos. Por isso tudo amo as árvores, muito mais. Conviver com as árvores é mais fácil. Tenho um ABA que é minha paixão!

VIVENDO AS "ESTAÇÕES DA VIDA"...

POR ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)

A vida pode ser comparada de certa forma com as estações do ano que conhecemos: primavera, verão, outono, inverno. Todas vividas de forma sequencial ou não, tendo Deus como seu criador, observador e também grande administrador.

As nascermos, a primavera. É como se as sementes plantadas resultarem em belas flores brotassem para embelezar a vida que se inicia no "jardim da vida" e leva até toda a infância, com sua inocência e que não vê nada com tanta seriedade em sua dependência dos pais de forma especial.

Ao crescermos, o verão. Como adolescentes até a juventude, todo o calor e sol, vigor e agitação, que brilha e caminha para um viver alegre e feliz, como se tudo fosse apenas "dias claros" sem tempestades e problemas, ou que muda de uma hora para outra, alterando entre limpos e nublados.

Ao atingir a maturidade, o outono. Nessa fase, a vida estável, família formada, frutos colhidos, saborosos ou não, todos plantados ao longo de toda a vida, que alternam entre os mais doces ou amargos, dependendo da situação, mas a vida que segue...

Ao chegar à velhice, o inverno. Da neve real aos cabelos grisalhos aos brancos como a neve. Do "frio intenso" à frieza dos outros consigo por estarem mais preocupados em viver as suas "estações da vida". Do esquentar-se do frio nos "cobertores" que a vida ou pessoas transmitem ou esfriar-se de vez, quando a morte chega, sem pedir licença...

Vivamos de maneira plena e sem se preocupar em antecipar nada que precisa surgir à nossa frente: primavera, verão, outono, inverno... Vamos viver as "estações da vida"!



PRIMAVERA

POR MARIA (NILZA) DE CAMPOS LEPRE

A primavera se avizinha.
Não preciso de calendário para me informar de sua aproximação.

Já há alguns dias, sou despertada pelo canto das aves que habitam o parque vizinho.
Ao nascer do sol, abro a janela e fico apreciando a revoada deles.

É um bailado deslumbrante, pleno de cores e alegria.

O canto das aves se mistura, formando uma algazarra sonora.

Torna-se difícil distinguir qual bando é de Maritacas, ou Periquitos.

Suas cores banhadas pelos primeiros raios de sol parecem refletir o prazer que sentem pela chegada de um novo dia.

O bem-te-vi: abre o peito num canto, que mais parece um chamado para a reunião de seus membros. Alguns cantam: “bem-te-vi”, enquanto outros respondem: “te-vi-te-vi-te-vi...”.
As andorinhas cobrem o céu com seu lindo bailar.

Antes de partirem rumo a outras paragens, fazem uma revoada em forma de espiral, frente a meu prédio.

Parece que se apresentam a mim.

Os gaviões aproveitam para conseguir a primeira refeição do dia.

Fico observada, embevecida, até que o sol aponta majestoso no horizonte.

Tudo se aquieta.

Em cada apartamento, ou casa as pessoas começam a despertar.

É mais um dia de trabalho que começa.
Cada indivíduo retorna a sua atividade cotidiana.

Não percebe a beleza existente neste novo despertar.

As pessoas estão determinadas a ganhar dinheiro, melhorar de vida, e não notam as maravilhas que foram colocadas por Deus a seu dispor.
O que nos traz felicidades está tão próximo; basta apenas olhar para o alto. Ou apenas parar para escutar.

Toda beleza esta ao nosso alcance, basta apenas estender a mão e pegar.

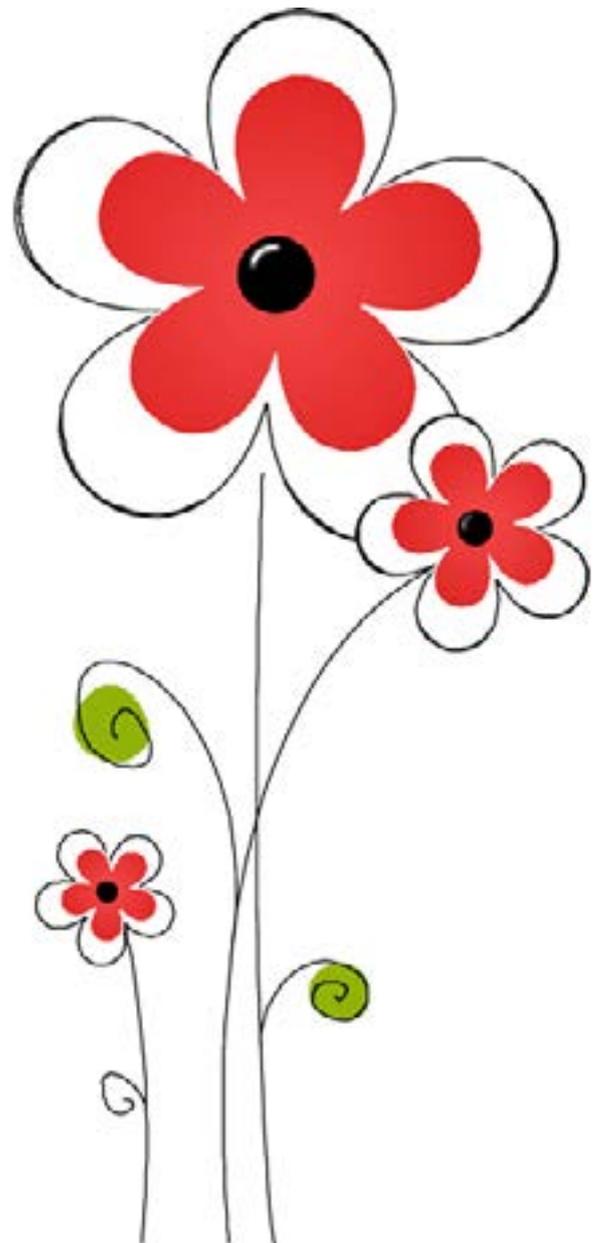
De uma parada em seu dia.

Olhe para o céu, observe a natureza, abra os olhos e os ouvidos.

Deixe a beleza tomar conta de seu ser.

Deixe o mundo te envolver.

Sinta-se feliz.





QUATRO ESTAÇÕES

POR MARLY RONDAN

**Eu, hoje sou Primavera!
Posso mudar de estação.
Como a Terra sou sincera.
Quando eu amo, sou Verão.**

**Sou Inverno, quando triste,
quando chora o coração.
Sempre a esperança existe:
Posso mudar de estação.**

**Outono também serei.
Folhas secas pelo chão,
novas emoções terei.**

**Permanecer é quimera.
Sou brisa, flores e cores.
Eu, hoje sou Primavera!**



MAIS SER

POR MAURÍCIO LIMA

Posso ser mais do que sou?
Acredito que não,
pois tenho dificuldade em crer.
E, afinal, já me sou
ou me são
estas coisas que eu sou.

Só não entendi o que,
nem aprendi o que entender.
Mas também não saberia aprender
ou entenderia o que saber.

Posso me ser, por favor, coisas que me são!?
Posso ter um pouco de espaço para tentar me compreender?
Um minuto a sós comigo mesmo?!
Por obséquio, sem Vossa Presença?!
Com licença!

AS QUATRO ESTAÇÕES

POR ODENIR FERRO

A vida se sucede através de si mesma. Impondo-se, ativa, sobre tudo e todos. Radiante, poderosa, e plena de magias. Acelera-se ou se retrai sobre si mesma, momento a momento. Renova-se, constante, a cada átimo de segundos. Recria-se, se cria, e se dimensiona, ou, se redimensiona, dentro da própria realidade. Escrevendo ou se reescrevendo, dentro das suas inumeráveis páginas. Compostas por átimos de segundos, segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, milênios... Dentro da metafísica espaço e Tempo!

E tudo e todos, somos componentes dela. O nosso arquibilionário Planeta Terra, compõe-se – mediante a muitos e muitos, e por que não dizer, inumeráveis mistérios e segredos... muitos dos quais, ainda indesvendáveis, indefinidos,

pela Humanidade – sendo que eles podem ser classificados através de dois polos: o positivo e o negativo.

Estes polos geram os princípios do começo, meio e fim, os quais vão renovando-se infinitamente, indefinidamente... Gerando a Imortalidade de Tudo e de Todos, através das mutações, transformações, transfigurações, transposições...

Estes polos geram os princípios de todos os movimentos: o yin e o yang. O macro e o micro. O expansivo e o retroativo... Enfim, todos os movimentos planetários, os quais são arredondados, circulares.

E a Vida, através da Luz, compõe-se de claridade ou escuridão. Luzes ou trevas, noites e dias, infinitamente, eternamente...!

A Harmonia do Universo, e, conseqüentemente a harmonia de todos os planetas, inclusive o nosso querido Planeta Terra, gera o equilíbrio da Natureza, em tudo e em todos.

Quanto ao planeta terra, a Harmonia Universal, gera o equilíbrio da Natureza, entre



todos os Continentes. Estes cataclismos, estas mudanças climáticas que estamos vivenciando na atualidade, são apenas consequências de transformações e revoluções e inovações e adaptações da Natureza – o que será, em breve, como resultante – uma renovação, sendo que em alguns pontos, a renovação será favorável e noutros pontos será desfavorável. A Natureza busca, ininterruptamente, o seu ponto de equilíbrio. Este fenômeno gera bilhões e bilhões de pequenos, mas todos importantes e intensos, acontecimentos mutantes. Transformadores do clima, dos cenários, mas, muito embora, sempre mantendo uma regra constante. Um dos principais fenômenos climáticos que ocorre ininterruptamente em todos os Continentes do Planeta, são os fenômenos que ocasionam, que geram, as Quatro Estações!

Todas as Quatro Estações estão carregadas de intenso glamour, brilhantismo, sensualidade, suntuosidade cinematográfica, cinematográfica, cinética, enfim: todas estão cercadas de evidências poéticas, românticas, num teor intenso e metafísico – voltando-se para um “quê” de glamour eterno – concentrando-nos para o que possamos somar, não somente nas nossas experiências individuais, mas também estendendo-a ao coletivo humano geral – todo este élan, toda esta ternura amorosa, esta força que nos põe frente a frente com os parâmetros da vida... Intensificando-nos para os valores do romantismo energético que se desprende dos cenários climáticos de cada qual das Quatro Estações – impulsionando-nos a vivenciarmos a realidade da beleza glamorosa e poética que se compreende, dentro de cada cenário, em cada movimento, em cada átimo de momento.

As estações climáticas enfeitam e dão ênfases dinâmicas aos nossos sentimentos. Elas dão profundidades carismáticas aos teores do belo que se esparrama em dádivas generosas, por todos os recantos do Planeta Terra!

Se, por aqui, neste país belíssimo e tropical que é o Brasil, vivemos o clima de verão, os outros demais lugares do planeta, compõe-se de ce-



Imagem by Barbara Helgason

nários envoltos em outros climas, com outras estações.

Todas as Estações... Quão magníficas, lindas que são!

Cada qual estampando as suas tonalidades e contrastes. Harmonizando-se com o clima, com o sol, com as chuvas, com a neve, com o calor, com o frio... Enfim, cada qual harmonizando-se, dentro dos tópicos dos seus tudo!

E a natureza se renova e se ambienta, em cada uma delas. Gerando uma Perfeição silenciosa, romântica, secreta, divinal, Eterna... Uma Perfeição sincronizada com todas as Obras do Criador. E dentro delas, das Quatro Estações, as resultantes – em cada qual delas – são inevitáveis, em beleza e qualidade natural de Vida: Na Primavera, as flores brotam exuberantes. Cada qual, trazendo os seus tons coloridos, com suas delicadas pétalas em formas tão harmoniosas, tão belas, exóticas, perfeitas, desenhadas, sincronizadas...

Os céus, têm os seus tons mais claros e azuis. As nuvens circundam entre elas mesmas, silencio-

sas, graciosas, nos seus tons brancos – que se contrastam com as harmonias das claridades – provenientes dos raios solares...

Os rios e lagos se transbordam de vitalidade. Patos selvagens, gansos, cisnes...

Rosas, orquídeas, tudo e todas as plantas, todas as árvores e todas as flores, na Natureza, ficam exuberantes, radiantes, expondo-se, com o pulsar vibrante da vida, numa explosão de cores envolventes...

No Verão, o nosso Arquibilionário Astro-Rei Sol, complementa a plenitude dos dias mais brilhantes, mais dourados, mais quentes, onde podemos ter a liberdade de nos vestirmos com roupas mais leves. Podemos fazer longas caminhadas, andar de bicicleta, praticarmos mais esportes, consumir mais sucos de frutas naturais, além de podermos viajar e desfrutarmos da beleza do mar, ou mesmo irmos para o campo e vivenciarmos as belezas bucólicas das verdejantes pastagens, onde podemos também nadar em rios ou lagoas.

No verão os dias nos deixam mais preguiçosos. Os dias são mais longos, as horas são bem aproveitadas – quando estamos nos momentos de lazer – e nos fins de tarde, podemos tomar banhos de chuveiro com a água bem fria. No verão a claridade natural dos dias, se completam com a beleza suave e poética da luar, rodeada por miríades de estrelas consteladas...

No outono, o glamour da sobriedade nos acolhe a alma; onde a magia poética dos nossos emotivos sentimentos, dão asas à liberdade de criarmos uma intimidade aconchegante, que faz com que fiquemos a mercê de sensações prazerosas e inovadoras e inspiradoras, para escrevermos, assistirmos a bons e clássicos filmes, ler poesias, ler bons romances, tomar chocolate quente, comer ovos de páscoa, bombons... No outono, a vida se aninha no seu próprio aconchego para renovar-se através de si mesma. Acontece o final do ciclo das chuvas, no fim de março. As folhas das árvores se amarelecem e caem... Os dias vão se encurtando, e o frio, com

ventos gelados, começa a vir bater no rosto, deixando uma sensação de tranquilidade, amor e paz. Tudo acontece dentro de uma encantadora beleza poética, quando vivenciamos na alma, a tranquilidade soberana, nos meses de outono. No inverno, a beleza continua acontecendo por dentro e por fora de nós. É tempo de quermesses, tempo de festas juninas, com pipoca, quentão, arroz-doce, amendoim, vinho quente, chocolate, paçoca, cachorro-quente, músicas folclóricas, músicas regionais... É tempo de fé, é tempo de religião, é tempo de amor e fraternidade. A lua fica mais brilhante no frio congelante do céu noturno. As estrelas ficam equidistantes, e, muito embora, bate uma solidão no peito, uma angústia saudável, parecendo-se que estes íntimos sentimentos, estendem-se até as alturas infindas, ao encontro delas. As noites de invernos são longas...

Nas manhãs de inverno a neblina se prolonga por até quase ao meio dia. A nossa alimentação é constituída de mais calorias. É prazeroso tomar vinho, comer queijo, até mesmo uma caipirinha com feijoada é bom. Sauna e banhos quentes, no inverno, são excelentes, reconfortantes.

Enfim, a natureza nos presenteia também com as Quatro Estações Climáticas, na qual ela vai se renovando – através de si mesma – em torno de tudo e de todos, atravessando as Eras através das quais, construímos o percurso da nossa histórica trajetória humana, por este gigante e maravilhoso Planeta, o qual nós o denominamos de Terra!



OUTONO VERMELHO E AZUL

POR SUELI TRAVER

Chegou numa tarde de outono
turquesa
sorriso largo
vermelho carmim
confundindo minhas defesas.
Seus braços traziam
o perfume dos reinícios
e a suspeita do desconhecido
enquanto seu olhar dividia o infinito
com mares, abismos,
montanhas e jardins.
Espírito brilhante
cheio de imensidão
transpira poesia,
cria laços, desfaz nós
e reescreve a linha do tempo
sinalizando o que realmente importa.



DOS CICLOS DA VIDA

POR JACQUELINE AISENMAN

Vivemos de amor, de sua sede ardil
enquanto contamos flores sob um ar primaveril...
Amamos, somos amados, entregamos com calma
a doçura de palavras e o que pensamos ser alma...
Somos o herói de nossa própria juventude
somos da vida a flor em nossa irrequietude...
De loucas paixões vivemos inebriados e em desvario
Enquanto passam, como rios, nossos verões...
Transformamo-nos em nossa própria utopia
do espelho trazemos o ser que em nós jazia...
Somos o instinto, a natureza, a carne, o pecado,
somos da vida o pólen em seu mais livre estado...
Com o passar do tempo, com o pesar dos anos,
esquecemos as belezas que nos traz o outono...
abandonamos esperanças como folhas mortas
voltando o olhar para o que se foi sem volta...
Lamentamos, do feito e não feito sofremos o arrependimento
Somos da vida o caule se curvando sob o firmamento...
Enfim, um dia desejamos... um novo ciclo de estações eterno
Sem dentro delas estar por viver o insensível inverno...
Sentimos o vazio se espalhando entre os ossos doridos
E vemos se distanciar amigos, inimigos, sonhos queridos
Contando os curtos dias que um dia foram longos dias
Somos da vida agora a semente a cair sobre a terra fria.



AMOR EM QUATRO ESTAÇÕES

POR ARIA APARECIDA FELICORI (VÓ FIA)

Amor de primavera
é o alegre amor da juventude
cheio de sonhos...quimera
amor juvenil cheio de inquietude.

Amor de verão
é quase um amor adulto
forte impetuoso porque não?
é um amor em tumulto.

Amor de outono
meio lento sereno
bonito quase um sonho
é bom tranqüilo...ameno.

Amor de inverno
é lento carinhoso bonito
é quase amigo...terno
é como um ritual escrito.



MUDANÇAS

POR SILVIO PARISE

Vejo com uma certa preocupação
as mudanças climáticas
que ultimamente vêm surgindo
na realidade em todo o planeta
qual, realmente sinto
que tudo irá definitivamente transformar
as estações que outrora
quando olhávamos no calendário
víamos que elas regularmente entravam
exatamente naquele mês
que aquela estação começava.
Acontece, que isso nos dias de hoje
tornou-se totalmente diferente
e, até mesmo tenho a impressão
que cada estação tem surgido
fora daquele que seria o seu período
ou seja, daquela data determinada
que seguimos nos calendários
quais, realmente não prestam mais para nada
devido as mudanças que têm surgido,
acelerando com isso o tempo,
que nitidamente sinto,
por causa dessas incríveis mudanças
estar cada vez mais esquisito.

DAS ESTAÇÕES

POR ROSA IZABEL SPAGNUOLO DA COSTA

DA PRIMAVERA
TOMEI AS CORES...
PARA COLORIR MEUS SONHOS.

DO VERÃO
TOMEI O CALOR...
E ME ENVOLVI EM TEU AMOR.

DO OUTONO
EMPRESTEI O SONO...
PRA RELAXAR TODA TENSÃO.

DO INVERNO
ME ESCONDI,
EM TEUS BRAÇOS ME AQUECI...
E NOVAMENTE DESPERTEI PARA A VIDA.



PRIMAVERA DOS AMORES

POR MÁRIO REZENDE

Quando o tempo começa a pintar
com aquarela multicores
a tela triste do inverno
sombrio, frio e melancólico.

Anuncia, uma lufada fresca
assanhando a cortina da janela
para deixar entrar a quentura do sol
e todas as cores que vem com ela.
Preste, então, atenção na conversa
dos passarinhos na alvorada,
da brisa com as folhas e flores,
dos insetinhos espalhando seus amores.

Esplendor reflorescendo a natureza,
assanhando a passarada.

Explosão de pigmentos fazem
festa para os olhos.

Na fresca perfumada da tardinha,
boca da noite, faz o vento cantar uma canção
para embalar a mim e minha amada.

Chiando, no silêncio, a terra sob nosso caminhar,
ao encontro da lua dos namorados,
cheia, altaneira, encantadora,
Iluminando sem pudores
a primavera dos amores.





AS QUATRO ESTAÇÕES DO ANO

POR LENIVAL DE ANDRADE

Venho aqui de público para falar
Em rimadas e rimas com versos vou arranhar
Por ser escritor/poeta irei improvisar

No verão te dou meu coração
Aumentando a paixão com mais emoção

No inverno te cubro com meu terno
Te dei e darei meu amor eterno

Minha palavra é sempre sincera
Faça frio ou calor na primavera
Numa mansão em bairro de elite, na rua, ou na favela
DEUS é sempre um ser supremo e soberano
Seja só no outono
Ou nas quatro estações do ano

**TROVAS
DA UNIÃO
BRASILEIRA DE
TROVADORES
SEÇÃO
BRAGANÇA
PAULISTA
SP - BRASIL**

FÁBIO S. DO AMARAL

Na lareira, um cobertor;
bule quente com café;
um romance ao bom leitor
neste inverno, o prazer é...

FLÁVIO RODRIGUES

Outono está nos deixando
e o frio do inverno surgindo...
A saudade vai chegando
enquanto a alegria vai indo...

IGNEZ FREITAS

Das estações, o inverno
é a mais aconchegante.
Vejo seu sorriso terno
num olhar inebriante.

LÓLA PRATA

Dois mil e onze, no inverno,
terremoto e após, tsunami;
no Japão, a usina-inferno
de mortos formou tatame.

MARIA CESTARI

Quando o inverno ou o verão
vem bater em minha porta,
tendo em paz meu coração
sou feliz, é o que me importa.

CIDA MOREIRA

É calor no coração
- minha estação preferida -
dias longos de verão,
promessa de nova vida.



HENRIETTE EFFENBERGER

Gosto de verão “caliente”,
sol daqueles de rachar,
que aquece a alma da gente
e nos convida a amar.

MARINA VALENTE

Surge o sol no alvorecer
clareando a imensidão;
vem trazer vida e aquecer
o verão do coração.

WADAD NAIEF KATTAR

Só uma coisa me seduz:
é estar de bem com a vida.
E o verão com tanta luz,
esse tema revalida.

ANTONIO MIGUEL CESTARI

Mais energia no ar,
mais esperança na vida,
maior tempo para amar:
A primavera é nascida!

LYRSS CABRAL BUOSO

De todas as estações,
o outono é a mais singela,
remexendo as emoções,
vida nova nos revela.

JOSÉ SOLHA

As folhas estão caindo,
o mundo ficou dourado...
No outono, está tudo lindo
tendo você ao meu lado.

JOAREZ DE OLIVEIRA PRETO

Gosto de lembrar das flores,
do perfume de jasmim
que ficou dos meus amores,
das primaveras sem fim.



DE LAS CUATRO ESTACIONES, EL INVIERNO ES LA PEOR

POR DANIEL DE CULLÁ

No me encontraba bien, por razón de temperatura. Aquí hace un frío que pela. La Catedral clava sus agujas en el hemisferio boreal.

Había venido a visitar a mi novia. Es Burgos, en la Semana Santa. Por las calles del centro de la ciudad, tontos de capirote iban rezando ave marías y padrenuestros, haciendo alto en las puertas de las iglesias.

Al lado de una tienda pública de libros y confites, en el Paseo del Espolón, una señora se vendía, ofreciendo a los caballeros “gallina en Semana Santa”, como ella misma decía, “porque, aunque no se pueda, hay que comer carne”.

En el punto de su órbita me detuve, como un planeta que se detiene aparentemente para retroceder o cambiar la dirección de su movimiento. Una vez que supe el precio, me marché. No me cayó muy bien esta mujer, pues me pareció una barcaza de guerra dispuesta para repararse. Para mí no era una vestal, sino un vértice de triangulación geodésica o topográfica. Un coco. Por eso se me apagó, por un instante, el fuego sagrado que estaba encendido para mi sacerdotisa.

El invierno es estacionario en esta ciudad. Aquí no se dejan sentir las estaciones. Como los paisanos dicen: “aquí no hay más que dos estaciones: la de invierno y la de autobuses.

Yo había quedado con un amigo, que era librero de una estación y que, según él dice, fue bibliotecario en la universidad de Salamanca. Yo no me lo creo.

A la hora del desayuno, cierra la librería y pone un cartel que dice: “Vuelvo en cinco minutos, o más”.

De lejos, le vi allí, junto a la puerta de una farmacia en la plaza Mayor. Parecía una bestia atada a una estaca fijada en tierra, pues estaba tieso e inmóvil, como mis sentimientos. Muy erguido.

Le asusté, pues le di un toque por la espalda, largándole cuerda, y nos pusimos a charlar.

-Quiero llegar, pronto, a casa de mi novia, le dije.

-Venga vamos, respondió, preguntándome: ¿Qué tal el viaje?

Le respondí:

- Vaya, no muy mal del todo. Pero, le reprendí, como si él tuviera la culpa: “aquí hace un frío de mil demonios. Esta ciudad es una ciudad de osos, ¿o no?”

Caminando, nos detuvimos en la mansión de mi novia. Todavía no se veían luces interiores en la casa, así que opté por tirarle piedrecitas a la venta de su dormitorio, que yo adiviné, pues ella me dijo, en una ocasión, cuál era, y que daba a la calle principal.

Desde mi mano a su ventana había 4 varas. Del balcón colgaba una cinta bendita cogida de algún santuario. Mi hilada de amor tenía de largo lo que mi estado de hombre. No me importaba mucho que fuera más larga o más corta. Yo sólo quería verla asomarse a la ventana y que bajara, para premiarla, desde luego, con besos eternos, y una cosa bien particular, que quiero ahora rematar esta relación, hablando con sus padres y pedirles su mano.

Su padre es enfermero en la enfermería del Hospital Militar, en el Barrio de las Huelgas; su madre se dedica a sus labores.



AQUELE FRIO

POR RAPHAEL MIGUEL

Ah, aquele frio
Olho tão distante
Intenso e confortante
Sem motivo, rio.

Saudades de tempos
Afeições, alentos
Sozinho estou aqui
A esperar por ti.

Nada me traz paz
Espero pelo frio
Como onde você jaz
Triste destino.





Olá você que nos prestigia com sua leitura! Será que você não é uma daquelas pessoas que escreve e guarda no fundo de uma gaveta? Será que você não é daquelas pessoas que sente um pouco de medo de publicar em cadernos literários porque não sabe se o que você escreve é bom?

Será que você é daquelas pessoas que acha que escrever para uma revista como o Varal do Brasil seria muito difícil?

Se for, tenho algumas coisas para dizer para você!

Primeiro: Eu também já escrevi e guardei muito em gavetas. Mas percebi com o tempo que vale a pena tirar os textos do "esconderijo". Há tanta gente que fica contente de nos ler!

Segundo: Eu também tinha muito receio dos cadernos literários. Ficava pensando: como é que eu vou escrever junto de tanta gente que escreve maravilhosamente bem (e até gente que escreve coisas que eu nem entendo!)? Será que não vou passar vergonha? Deixei de participar de muitos por motivos simples assim. Até nascer o Varal do Brasil, que tem como lema a literatura sem frescuras. Ou seja, não há critérios que diferenciem um autor de outro. Ninguém é considerado melhor ou tem mais vantagens que outro no Varal. Se você está escrevendo pela primeira vez ou tem muitos livros publicados; se você escreve de maneira mais simples ou de maneira mais elaborada; se você tem algum problema, seja ele qual for; se você é super jovem ou se está vivendo a maravilhosa maturidade... Gente, nada disso tem importância no Varal, porque aqui todos são considerados

iguais em todos os aspectos e não contribuimos para que haja tipo algum de diferenciação entre escritores. Você sabia, por exemplo, que no sumário (índice) de nossa revista Varal, não colocamos sequer o número de página onde está o texto do autor? E isto para que todos percorram a revista, leiam os textos de todos!

Também não colocamos idade, experiências, títulos e outras coisas que possam concretizar diferenças. Com exceção dos colunistas, nem publicamos as coordenadas de contato pessoal. Já que alguns preferem assim, fazemos assim para todos!

Terceiro: Escrever no Varal é a coisa mais simples que você poderá fazer. Veja só: Você envia o (s) texto (s) para nosso e-mail dentro do prazo estipulado e respeitando o tema da edição (se houver um tema) e pronto!

Aqui nesta página você encontra as respostas para a grande maioria de perguntas que frequentemente respondemos:

<http://varaldobrasil.ch/revista-faq/>

E aqui nesta outra página encontram-se as datas para inscrições e os temas!

<http://varaldobrasil.ch/revista-inscricoes/>

E o e-mail do Varal do Brasil é este aqui: varaldobrasil@gmail.com

Venha também para o Varal, você vai gostar de fazer parte desta turma sem frescuras!

REVISTA VARAL DO BRASIL

CH - ISSN 1664-5243

A revista Varal do Brasil é uma revista independente, realizada por Jacqueline Aisenman.

Todos os textos publicados no Varal do Brasil receberam a aprovação dos autores, aos quais agradecemos a participação. Em caso de reprodução de artigo, o mesmo virá acompanhado da fonte e, constando na fonte, do nome do autor.

Se você é o autor de uma das imagens que encontramos na internet sem créditos, faça-nos saber para que divulguemos o seu talento!



Licença Creative Commons.

Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que seja preservado o nome de seus respectivos autores e não seja para utilização com fins lucrativos.



A revista está disponível para download gratuito no site www.varaldobrasil.com

Contatos com o Varal?

varaldobrasil@gmail.com

A responsabilidade pelos textos e pelas colunas assinadas é exclusiva de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista Varal do Brasil.



VENHA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES!

- Inscrições abertas para a edição de julho. Até 25 de maio com tema livre.
 - Inscrições abertas para a edição de setembro com tema NOSSO PLANETA, A VIDA! Fale da vida, do ser humano, do planeta Terra, da terra, do mar, dos rios, lagos e lagoas, do sertão, das florestas... Fale dos animais, das árvores, das plantas...!
- Toda participação é gratuita e você não precisa nem ter experiência, nem ser associado a nenhuma academia, organização ou associação.

Envie seus textos para:

varaldobrasil@gmail.com



**VOLTAREMOS
EM JUNHO COM
O ESPECIAL
O LADO ESCURO
DO SER**



www.varaldobrasil.com
varaldobrasil@gmail.com